

RELATÓRIO 2022

**VIOLÊNCIA
CONTRA
JORNALISTAS
E LIBERDADE
DE IMPRENSA
NO BRASIL**



FENAJ
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS



Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil | Relatório 2022

Publicação

Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ
Janeiro 2023

Pesquisa

Márcio Garoni, Maria José Braga e Samira de Castro (com colaboração dos Sindicatos de Jornalistas)

Análise, redação e edição

Maria José Braga

Revisão

Samira de Castro e Valci Zuculoto

Editoração

Cirandas Comunicação e Mídias Digitais

Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ

SCLRN 704 – Bloco F, Loja 20
CEP: 70.730-536 Brasília-DF
E-mail: fenaj@fenaj.org.br
Site: www.fenaj.org.br

SUMÁRIO

Apresentação	04
Metodologia	06
A violência contra jornalistas e ataques à liberdade de imprensa no Brasil	07
A violência por Região e Estado	09
A violência por gênero	11
A violência por tipo de mídia	12
Quem são os agressores	13
Relatos de casos	15
Assassinatos	15
Atentados	16
Agressões físicas	16
Agressões verbais/ Ataques virtuais	24
Ameaças/hostilizações/intimidações	32
Ataques cibernéticos	43
Censuras	43
Cerceamentos à liberdade de imprensa por ações judiciais	46
Descrédibilização da imprensa	49
Detenções/prisões	61
Impedimentos ao exercício profissional	62
Injúrias raciais/racismo	65
Violência contra a organização dos trabalhadores/sindical	66

APRESENTAÇÃO

O ano de 2022 foi marcado, no Brasil, pelas eleições gerais e pela violência política, que atingiu autoridades, políticos, militantes dos movimentos sindical e social e pessoas, que, em comum, tinham o fato de serem defensores da democracia e das instituições democráticas. Os jornalistas brasileiros foram, igualmente, vítimas da violência política, mas tiveram de continuar enfrentando também a violência dirigida à categoria, em razão do exercício profissional.

Assim, o número de agressões a jornalistas e a veículos de comunicação manteve-se nas alturas, apesar da queda registrada em comparação com o ano anterior. Foram 376 casos, 54 casos a menos que os 430 registrados em 2021, ano recorde, desde o início da série histórica dos levantamentos feitos pela FENAJ.

Esta queda, por ser pequena (12,56%) não pode ser comemorada, especialmente porque foi registrada somente nos casos de Descredibilização da imprensa e de Censura. As agressões diretas a jornalistas tiveram crescimento em todas as regiões do país, com profissionais sendo atacados cotidianamente.

A Descredibilização da imprensa, que foi uma estratégia adotada pelo governo Bolsonaro, voltou a ser a violência mais frequente, em 2022, apesar de ter diminuído em comparação com o ano anterior. Foram 87 casos de ataques genéricos e generalizados, que buscaram desqualificar a informação jornalística. Em 2021, foram 131 episódios, portanto, houve uma queda de 33,59%.

Mas houve um crescimento de 133,33% nas ocorrências de Ameaças/hostilizações/intimidações, que foi a segunda categoria com maior número de ocorrências em 2022, com 77 casos (44 a mais que os 33 casos registrados em 2021).

Em seguida, aparece a Censura, que foi a categoria de violência com maior número de casos, em 2021, e caiu para a terceira posição, em 2022. A queda foi de 54,96% e muito provavelmente se deu pela diminuição no número de denúncias e não dos episódios propriamente ditos, a grande maioria na Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

As Agressões verbais tiveram queda de 20,69%, em comparação com o ano anterior. Mas as Agressões físicas aumentaram 88,46%, passando de 26 para 49, e os impedimentos ao exercício profissional cresceram 200%: foram sete casos em 2021 e 21, em 2022.

Também tiveram crescimento significativo (125%) os Ataques cibernéticos a veículos de comunicação, passando de quatro para nove episódios. As demais categorias, com números menores, tiveram pequenas variações numéricas, em comparação com o ano anterior.

É imperioso destacar os assassinatos do jornalista britânico Dom Phillips e do comunicador popular, Gigi Oliveira. Dom foi morto numa emboscada, junto com o indigenista Bruno Pereira, em Atalaia do Norte (AM). O assassinato de Gigi, ocorrido em Fortaleza (CE) está registrado, mas não foi somado ao número agressões contra jornalistas, porque ele não pertencia à categoria.

O ex-presidente Jair Bolsonaro, assim como nos três anos anteriores, foi o principal agressor. Sozinho, ele foi responsável por 104 casos (27,66% do total), sendo 80 episódios de Descredibilização da imprensa e 24 agressões diretas a jornalistas (10 agressões verbais e 14 hostilizações).

Esses números foram registrados de janeiro a outubro, já que o ex-presidente ficou em silêncio, depois da derrota eleitoral, consolidada em 30 de outubro.

Seguramente, podemos afirmar que durante o ciclo de Bolsonaro na Presidência, houve uma institucionalização da violência contra jornalistas, por meio de uma prática governamental sistemática de desacreditar a imprensa e atacar seus profissionais.

Nos quatro anos do seu mandato, Bolsonaro foi o principal agressor e ainda incentivou seus apoiadores a também se tornarem agressores. De 2019 a 2022, Bolsonaro realizou 570 ataques a veículos de comunicação e aos jornalistas, numa média 142,5 agressões por ano; um ataque a cada dois dias e meio.

Ao longo do mesmo período, houve um crescimento das agressões a jornalistas cometidas por aliados e apoiadores do ex-presidente. Uma das importantes particularidades registradas em 2022 é justamente o fato de que os apoiadores de Bolsonaro chegaram ao segundo lugar na lista dos agressores. Eles foram responsáveis por 80 episódios de violência, 300% a mais que o número registrado em 2021.

Houve uma verdadeira explosão de casos, depois da eleição presidencial que deu a vitória a Luiz Inácio Lula da Silva. Em bloqueios de rodovias ou em acampamentos montados em frente a unidades do Exército por todo país, ocorreram 53 episódios somente em novembro e, na maioria deles, mais de um profissional foi atingido. As agressões se intensificaram ainda mais depois de 1º de janeiro, mas não estão registradas neste Relatório, que se restringe ao ano de 2022.

A FENAJ e os Sindicatos de Jornalistas denunciaram, durante todo o ano, as agressões ocorridas, buscaram apoiar as vítimas e pressionaram as autoridades competentes para que houvesse apuração célere para a identificação dos culpados e a consequente responsabilização/punição.

Em relação Jair Bolsonaro, os jornalistas obtiveram uma importante vitória, que foi a condenação do ex-presidente, pela justiça de São Paulo, por dano moral coletivo à categoria. A ação judicial havia sido protocolada pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em 2021, e Bolsonaro recorreu da decisão.

Terminado o ano e findo o período de Bolsonaro na Presidência da República, a FENAJ torna público o seu Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa – 2022. A expectativa é de que este ciclo de violência fique no passado, mas que haja punição para os responsáveis, a começar pelo principal agressor.

A FENAJ cumpre a tarefa de registrar os ataques à liberdade de imprensa com o objetivo de contribuir para a responsabilização dos culpados e para garantir a memória histórica do trabalho da categoria. E, mais uma vez, alerta para o perigo do desrespeito aos princípios constitucionais da livre circulação da informação jornalística e do direito à informação.

Sem imprensa livre e sem jornalistas exercendo a profissão com segurança e condições dignas de trabalho, não há verdadeira democracia.

Samira de Castro
Presidenta

Maria José Braga
Secretária de Relações Internacionais e editora do Relatório

METODOLOGIA

O *Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa – 2022*, publicação da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), é elaborado anualmente, a partir dos dados coletados pela própria Federação e pelos Sindicatos de Jornalistas existentes no país.

A coleta dos dados se dá por meio de denúncias, à Federação ou a um dos Sindicatos de Jornalistas, feitas pelas próprias vítimas da violência ou por outros jornalistas, e pela compilação de notícias publicadas pelos variados veículos de comunicação.

Os casos são agrupados em categorias de tipos de violência, que podem variar de ano para ano, em razão das ocorrências registradas.

Para a contagem do número de casos, observa-se os episódios/ocorrências de violência. Assim, um mesmo episódio pode resultar em mais de uma vítima, quando se trata de agressão direta a jornalista ou em mais de uma citação, quando se trata de ataque genérico à imprensa.

Do mesmo modo, em um episódio, atingindo uma ou mais vítimas, podem ocorrer mais de um tipo de agressão.

Para efeito da categorização e da somatória dos casos, considera-se a violência mais grave, sendo as demais citadas, mas não computadas.

A FENAJ, a partir dos dados gerais, extrai os seguintes dados específicos: números e categorias da violência por região/estado, divisão por gênero, por tipo de mídia e pelo perfil/atividade dos agressores.

Em algumas categorias não se aplica a extração de dados específicos. É o caso da violência categorizada como Descredibilização da Imprensa, para a qual não cabem as especificações de região/estado, gênero e tipo de mídia, visto que a descredibilização visa a atingir a atividade jornalística em seu conjunto.

O mesmo ocorre nos casos de censura e cerceamento à liberdade de imprensa por ações judiciais e nos ataques cibernéticos contra veículos de comunicação, aos quais não se aplica a distinção por gênero, por fazerem vítimas todos os jornalistas do veículo atingido.

A não extração de dados específicos pode ocorrer, ainda, em casos isolados, como quando uma agressão atinge um grupo de jornalistas não quantificado e sem a identificação de gênero e/ou dos veículos de comunicação para os quais os profissionais trabalham.

Quando há uma categoria ou casos de uma categoria aos quais não se aplica a extração de um ou mais dado específico, a informação consta da descrição da categoria.



A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E ATAQUES À LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL

No ano de 2022, o Brasil permaneceu como um país hostil aos jornalistas e violador da liberdade de imprensa. Foram registrados 376 casos de agressões aos profissionais e ataques à categoria e a veículos de comunicação. Houve uma queda de 12,56% (menos 54 casos) no número de ocorrências, em relação às registradas em 2021, que foi o ano mais violento para os jornalistas brasileiros, desde o começo da série histórica dos registros dos ataques à liberdade de imprensa feitos pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), iniciada na década de 1990.

O número de casos de violência, entretanto, continua alarmante, em especial por duas particularidades registradas. A primeira delas é que diminuíram as ocorrências de Descredibilização da imprensa e de Censura, mas cresceram as agressões diretas aos profissionais. A segunda, é que houve queda nos ataques cometidos pelo então presidente Jair Bolsonaro, mas aumentaram em 300% as agressões a jornalistas, praticadas por apoiadores de Bolsonaro.

Durante manifestações públicas ou não, os bolsonaristas cometeram 80 atos de violência contra a categoria, em 2022, ante os 20 ocorridos em 2021. A violência contra jornalistas ganhou as ruas e foi cometida por pessoas comuns que, teoricamente, seriam também interessadas na preservação da liberdade de imprensa.

E foram pessoas comuns (pescadores) os executores do jornalista Dom Phillips, assassinado na Amazônia, junto com o indigenista Bruno Pereira, a mando de um traficante.

O assassinato de Dom Phillips foi o único ataque fatal a jornalista registrado em 2022, mas a repercussão internacional mostrou ao mundo a gravidade da situação brasileira no quesito violência contra jornalistas e outros defensores dos direitos humanos.

Houve também o assassinato do comunicador popular Givanildo Oliveira da Silva, conhecido como Gigi. A morte do blogueiro foi registrada, mas não foi somada aos casos de violência deste Relatório, por não se tratar de um profissional pertencente à categoria dos jornalistas.

A Descredibilização da imprensa, que foi uma estratégia adotada por Bolsonaro em seu governo, voltou a ser a violência mais frequente, em 2022, apesar de ter diminuído em comparação com o ano anterior. Dos 376 casos, 87 (23,14%) foram de ataques genéricos e generalizados, que buscaram desqualificar a informação jornalística. Em 2021, foram 131 episódios, portanto, houve uma queda de 33,59%.

A categoria Ameaças/hostilizações/intimidações foi a segunda com maior número de ocorrências em 2022: 77 casos (20,48% do total). Ela foi seguida pelas Censuras, com 59 (15,69%) episódios; pelas Agressões físicas, com 49 registros (13,03%), e pelas Agressões verbais, que somaram 46 casos (12,23%). Na sequência, foram registradas 21 situações de Impedimentos ao exercício profissional.

Com exceção das Censuras e das Agressões verbais, as demais categorias acima citadas registraram crescimento significativo em comparação com o ano de 2021.

As Ameaças/hostilizações/intimidações cresceram 133,33%, saltando de 33 para 77. As Agressões físicas passaram de 26 para 49, 88,46% a mais do que em 2021. Os Impedimentos ao exercício profissional cresceram 200%: foram sete casos em 2021 e, 21, em 2022.

A censura, que foi o ataque à liberdade de imprensa mais frequente em 2021, caiu em 2022. Foram registrados 59 episódios, 54,96% a menos que os 131 casos somados no ano anterior. Também houve queda no número de Agressões verbais: 46 casos, em 2022, ante os 58 de 2021 (redução de 20,69%). Caiu, ainda, o número da violência contra a organização dos trabalhadores jornalistas: três casos em 2022, cinco a menos do que os oito ocorridos em 2021.

Foram registrados nove Ataques cibernéticos a veículos de comunicação, um aumento significativo de 125% em comparação com 2021, quando ocorreram quatro episódios. As demais categorias tiveram pequenas variações numéricas, em comparação com o ano anterior.

Em 2022, foram registrados 13 casos de Cerceamento à liberdade de imprensa por ações judiciais (um a menos que 2021); três detenções (uma a mais); e três episódios de injúria racial/racismo, dois a mais que em 2021.

O então presidente Jair Bolsonaro foi o responsável pela maioria dos ataques à imprensa. Sozinho, ele tentou descredibilizá-la em 80 episódios (91,95% do total registrado nessa categoria). Bolsonaro insistiu no discurso adotado durante seu governo, afirmando que a imprensa o perseguia, que omitia e mentia e que era “uma fábrica de fake news”.

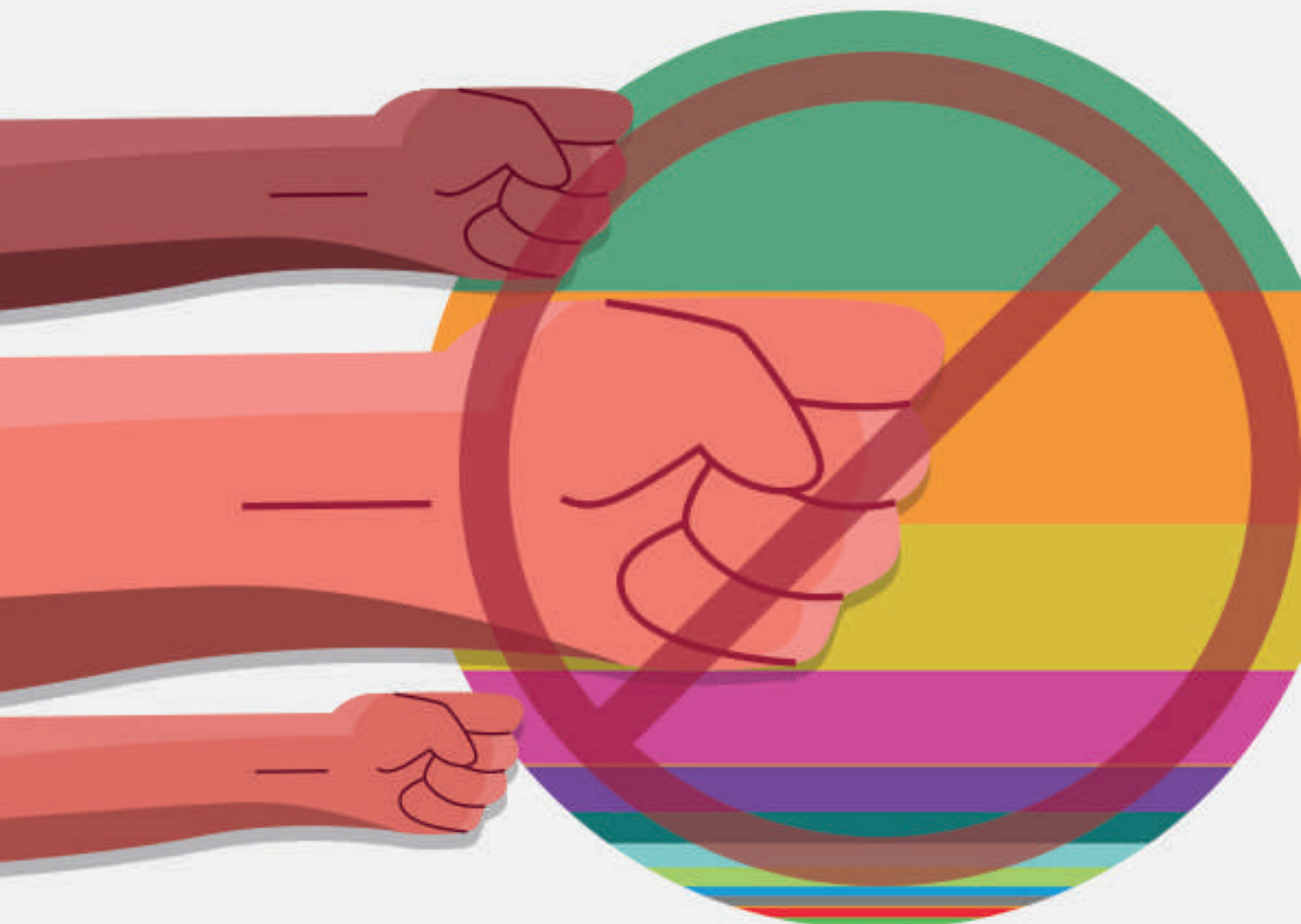
O então presidente também foi responsável por 10 casos de agressões verbais e outros 14 de hostilizações a jornalistas, somando, individualmente, 104 ataques à liberdade de imprensa. Para agredir os jornalistas, ele utilizou adjetivos como “bosta” e “louca”, e abusou da ironia para tentar desqualificar os profissionais, questionando a isenção, a formação e a competência de suas vítimas.

O ano de 2022 encerrou o ciclo de Bolsonaro na Presidência da República, um período em que houve uma institucionalização da violência contra jornalistas, por meio de uma prática governamental sistemática de descredibilizar a imprensa e atacar seus profissionais.

Essa prática é comprovada pelos números. Em 2019, foram registrados 208 casos de violência contra jornalistas, 54,07% a mais do que os 135 episódios de 2018. No ano de 2020, houve uma verdadeira explosão do número de casos: 428, significando um aumento de 105,77% se comparado com 2019. Em 2021, 430 ocorrências estabeleceram um novo recorde e, em 2022, 376 casos foram registrados.

Nos quatro anos, o principal agressor foi Jair Bolsonaro, que atacou pessoalmente a imprensa e ainda incentivou seus apoiadores a também se tornarem agressores. De 2019 a 2022, Bolsonaro realizou 570 ataques a veículos de comunicação e aos jornalistas, numa média 142,5 de agressões por ano; uma agressão a cada dois dias e meio. A violência verdadeiramente institucionalizada pela Presidência da República.

A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E ATAQUES À LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL



DESCREDIBILIZAÇÃO DA IMPRENSA – 87 CASOS	23,14%
AMEAÇAS/HOSTILIZAÇÕES/INTIMIDAÇÕES – 77 CASOS	20,48%
CENSURAS – 59 CASOS	15,69%
AGRESSÕES FÍSICAS – 49 CASOS	13,03%
AGRESSÕES VERBAIS/ATAQUES VIRTUAIS – 46 CASOS	12,23%
IMPEDIMENTOS AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL – 21 CASOS	5,59%
CERCEAMENTOS À LIBERDADE DE IMPRENSA POR MEIO DE AÇÕES JUDICIAIS – 13 CASOS	3,46%
ATAQUES CIBERNÉTICOS – 9 CASOS	2,39%
ATENTADOS – 5 CASOS	1,33%
DETENÇÕES/PRISÕES – 3 CASOS	0,80%
INJÚRIA RACIAL/RACISMO – 3 CASOS	0,80%
VIOLÊNCIA CONTRA A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES/SINDICAL – 3 CASOS	0,80%
ASSASSINATO 1 CASO	0,27%

A VIOLÊNCIA POR REGIÃO E ESTADO

Pelo terceiro ano consecutivo, o Centro-Oeste concentrou o maior número de casos de atentados à liberdade de imprensa. Dos 376 episódios registrados (excluídos 99 em que não se aplicou o critério regional), 98 ocorreram na região, representando 26,06% do total. Ela foi a única região em que houve queda nos registros da violência contra jornalistas, em razão da diminuição dos ataques do então presidente Jair Bolsonaro e das Censuras na EBC. Nas outras quatro regiões, o número de casos aumentou.

No Centro-Oeste, o Distrito Federal foi a unidade federativa campeã em números de casos, com 88 ocorrências (30,57%). Neste quantitativo, estão incluídos os 52 episódios de Censuras registrados na Empresa Brasil de Comunicação (EBC), que representam 88,14% do total da categoria.

Optou-se pelo registro no Distrito Federal por ser o local da direção da empresa, responsável legal e moralmente pelas medidas de cerceamento ao trabalho dos jornalistas. Essas medidas, entretanto, atingiram, além dos jornalistas da EBC que trabalham em Brasília, os que atuam em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Também foi registrada no Distrito Federal a maioria dos casos de Agressões verbais e de hostilizações de jornalistas feitas pelo então presidente Jair Bolsonaro. Por ser a sede do poder Executivo, é em Brasília onde se dá a maioria das solenidades oficiais e foi da capital federal que o ex-presidente realizou suas “lives” semanais.

Ainda na Região Centro-Oeste, foram registrados também seis casos de violência contra jornalistas no Mato Grosso, dois episódios no Mato Grosso do Sul e mais dois, em Goiás.

O Sudeste, que durante anos foi a campeã em casos de violência contra jornalistas, manteve-se como a segunda região mais violenta para o exercício da profissão, mesma posição ocupada nos dois anos anteriores. Foram 82 ocorrências (28,47% do total).

Novamente, o estado de São Paulo foi o mais violento da região e o segundo em nível nacional, com 48 casos (16,67% do total), três a mais que em 2021. O número de ocorrências também cresceu no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. No primeiro, foram 18 casos e, no segundo, 10. Em ambos os estados houve um crescimento nominal de seis episódios, em comparação com 2021.

Ainda na Região Sudeste, o Espírito Santo foi o estado da região com menor número de agressões contra jornalistas. Foram seis casos, dois a mais que os quatro registrados em 2021.

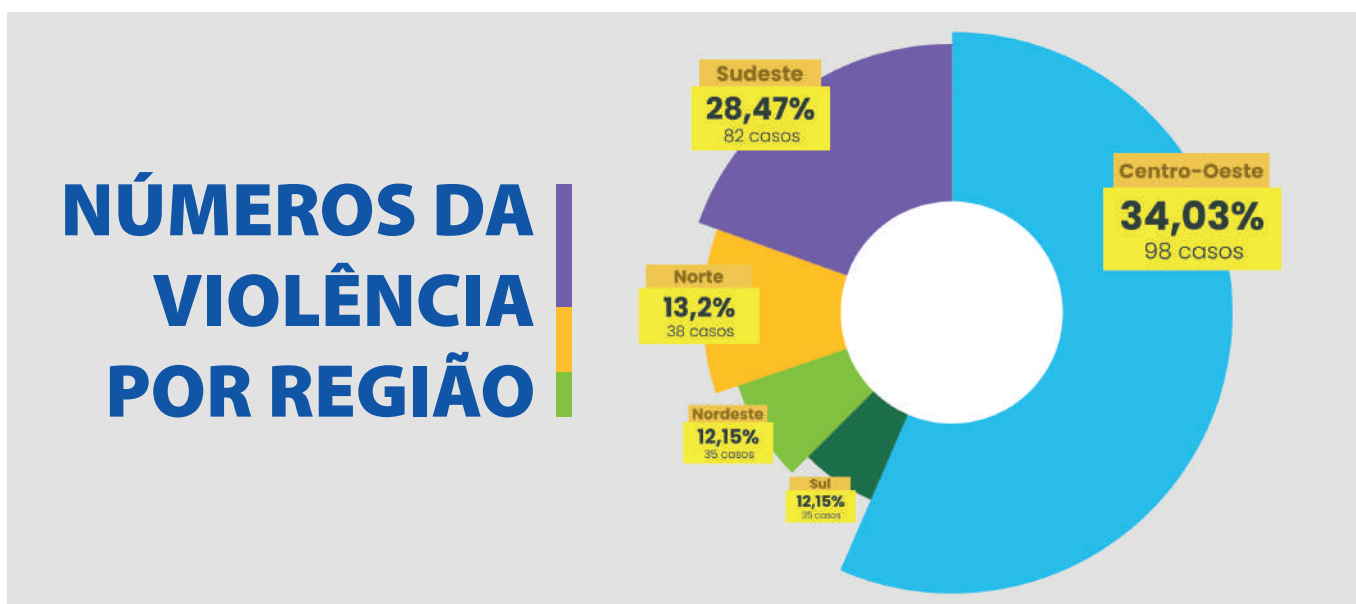
A Região Norte, que historicamente é a menos violenta para os jornalistas, ultrapassou as regiões Nordeste e Sul, em 2022, registrando um aumento de 112,5% no número de casos, em comparação com 2021. Foram 38 episódios (13,20% do total), 18 a mais que os 16 ocorridos no ano anterior. O Pará manteve-se como estado mais violento da região, com 21 ocorrências. No Amazonas, foram sete; em Rondônia, seis; e em Roraima, dois casos. Acre, e Tocantins tiveram um caso cada.

As regiões Sul e Nordeste registraram o mesmo número de episódios de violência contra jornalistas: 35 cada (12,15% do total). Entre os estados do Nordeste, a Bahia registrou o maior número de ocorrências: 14, o dobro do ano anterior. O Piauí, pelo segundo ano consecutivo, foi o segundo colocado, com sete episódios de violência, seguido pelo Ceará, com quatro casos. Em Pernambuco, foram três casos e, em Alagoas, dois. Maranhão, Paraíba e Sergipe tiveram uma ocorrência cada.

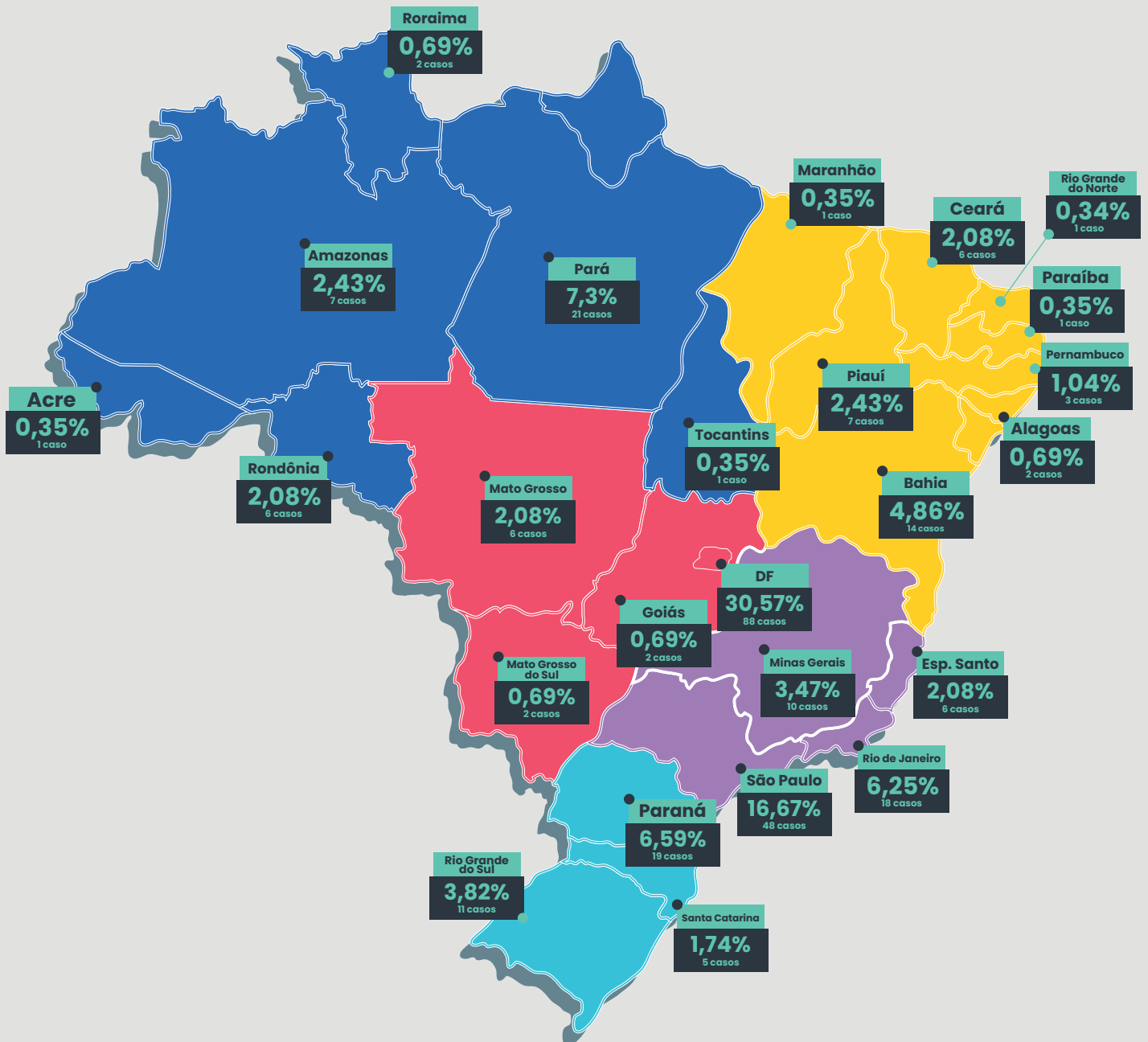
Na região Sul do país, o Paraná, pelo quarto ano consecutivo, foi o estado com maior número de ocorrências: foram 19 ataques, nove a mais que os 10 ocorridos no ano anterior. Em segundo lugar, o Rio Grande do Sul registrou 11 casos, cinco a mais que os seis de 2021. Em Santa Catarina, o menos violento da região, foram registrados cinco casos, dois a mais na comparação com o ano de 2021.

As tentativas de Descredibilização da imprensa por meio de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas, tendo como objetivo atingir a instituição imprensa, não foram divididas por região/estado. Por serem genéricas e generalizadas, elas tiveram o propósito de atingir os veículos de comunicação em geral e a categoria dos jornalistas na sua totalidade.

Também não foram divididas por região/estado brasileiro um caso de hostilização a uma jornalista brasileira, cometida pelo então presidente, em Londres (Inglaterra), e um caso de Descredibilização da imprensa brasileira, também por parte de Bolsonaro, ocorrido durante sua participação na Assembleia das Nações Unidas, em Nova York (Estados Unidos).



NÚMEROS DA VIOLÊNCIA POR ESTADO



A VIOLÊNCIA POR GÊNERO

Apesar de a categoria dos jornalistas ser, no Brasil, constituída majoritariamente por mulheres, os jornalistas do sexo masculino são maioria entre as vítimas de violência em decorrência do exercício profissional. Em 2022, do total de jornalistas vítimas de agressões, 222 foram do sexo masculino e, 80, do sexo feminino. Em porcentagem, 69,37% das vítimas foram homens e, 25%, mulheres. Em 18 casos (5,63%), não foi possível a identificação de gênero.

Numericamente, o número de jornalistas vítimas da violência de ambos os sexos cresceu em 2022, na comparação com o ano anterior. Em 2021, 128 homens e 61 mulheres foram vitimados e em 40 casos não foi possível a identificação de gênero. Porcentualmente, na mesma comparação, houve crescimento da participação dos jornalistas do sexo masculino (de 55,89%, em 2021 para 69,37% em 2022) e queda no percentual de mulheres (de 26,64%, em 2021, para 25%, em 2022). O percentual de casos em que o gênero das vítimas não foi identificado caiu de 17,47%, em 2021, para 5,63%, em 2022.

A prevalência da maioria de homens entre as vítimas da violência é registrada desde o início da série histórica dos levantamentos de casos feitos pela FENAJ, na década de 1990. Nos últimos quatro anos, entretanto, os casos de agressões às

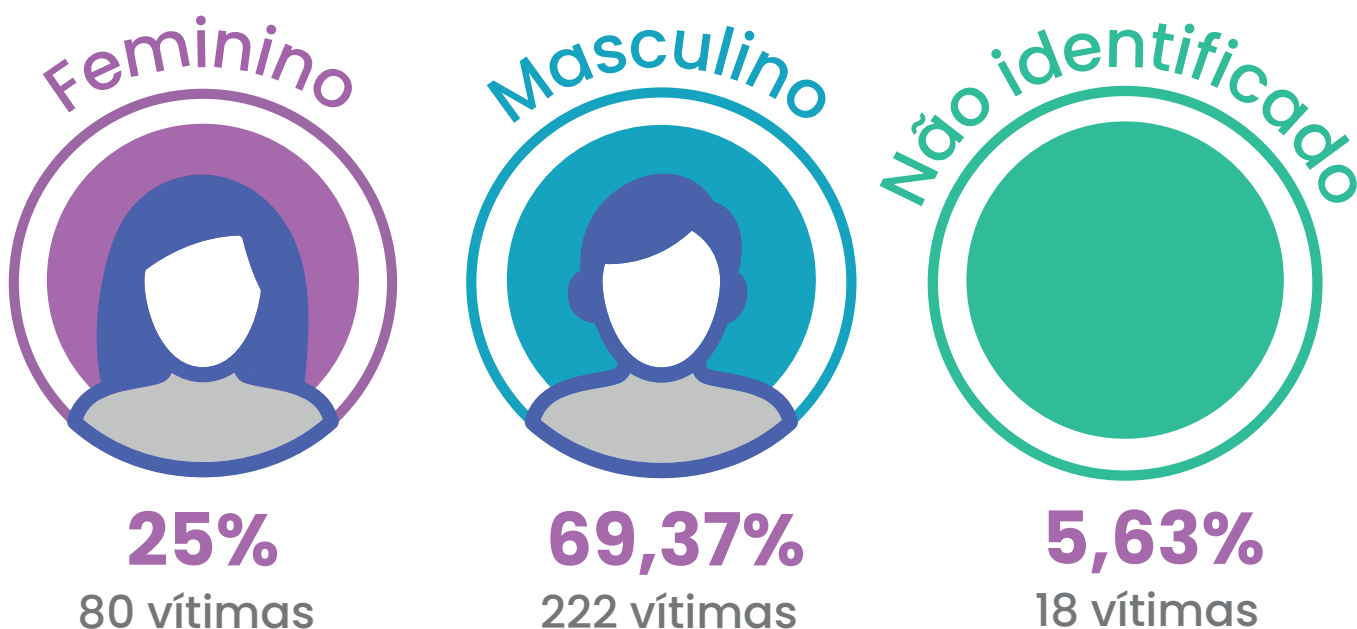
mulheres ganharam destaque, principalmente porque a violência contra jornalistas cresceu de maneira evidente e os ataques às mulheres, com muita frequência, são carregados de machismo e até mesmo de misoginia, despertando ainda mais indignação na categoria.

Em 159 casos de violência registrados em 2022 não coube a identificação de gênero, como nos 87 episódios de Descredibilização da imprensa, nas quais a violência objetivou atingir a imprensa em geral e toda a categoria dos jornalistas.

Também não coube a identificação de gênero em 54 dos 59 casos de censuras; nos nove ataques cibernéticos; em seis dos 13 registros de cerceamento à liberdade de imprensa por ações judiciais; e em um episódio de violência contra a organização dos trabalhadores. Nesses casos, ficou caracterizada a violência generalizada contra os profissionais de um determinado veículo de comunicação ou de vários, atingindo a todos, homens e mulheres.

Nos casos de violência contra a organização dos trabalhadores, ainda que o objetivo tenha sido enfraquecer a luta coletiva, em duas ocorrências ela atingiu diretamente dirigentes sindicais, permitindo a identificação por gênero. Em 2022, foram atingidos um jornalista do sexo masculino e uma jornalista do sexo feminino.

NÚMEROS DA VIOLÊNCIA POR GÊNERO



* O número de jornalistas vítimas da violência não é coincidente com o total de casos, porque em várias ocorrências, mais de um profissional foi agredido e também porque em vários casos a distinção de gênero não se aplica.

A VIOLÊNCIA POR TIPO DE MÍDIA

Os jornalistas que trabalham em televisão foram os mais atingidos pela violência, no ano de 2022. Foram agredidos diretamente, 160 profissionais, entre repórteres e repórteres cinematográficos, representando 41,03% do total de vítimas. Houve um crescimento de 70,21% (66 casos), em comparação com o ano anterior, quando 94 jornalistas que trabalham nessa mídia foram atingidos pelas agressões diretas aos profissionais da categoria.

Na sequência da classificação por tipo de mídia, os jornalistas que trabalham em mídias digitais (portais, sites, blogs e plataformas digitais) foram agredidos em 61 episódios (15,64% do total). O crescimento foi de 38,64% (17 casos), visto que, em 2021, foram 44 casos de agressão nesta categoria de mídia.

Os jornalistas que trabalham na Empresa Brasil de Comunicação (EBC), identificada separadamente por aglutinar vários veículos de comunicação (TV, rádio, site e agência de notícias), foram atingidos pelas restrições à liberdade de imprensa em 52 episódios, em 2022.

Neste caso, houve uma queda significativa no número de ocorrências (menos 62,32%), em comparação com 2021, ano em que a EBC ficou no topo das mídias mais atacadas, com 138 ocorrências de Censura.

Os jornalistas que trabalham em jornais foram as vítimas em 39 episódios de Agressões, o que representa

10% do total. Houve seis ocorrências a mais (18,18%), na comparação com o ano anterior, quando foram registrados 33 casos.

Dos profissionais que trabalham no rádio, 27 foram vítimas de agressões diretas (6,92% do total). Em comparação com 2021, houve um aumento de 200%, visto que, no ano anterior, nove jornalistas que trabalham em rádio foram atacados.

Também foram agredidos 13 jornalistas independentes ou freelancers; e 11 que trabalham em agências de notícias. Em 2021, foram agredidos dois jornalistas independentes e três que trabalham em agências. Em ambas as mídias, apesar dos números serem baixos, houve crescimento considerável: respectivamente 550% e 266,67%.

Ainda foram agredidos, em 2022, dois jornalistas que trabalham em revistas; dois assessores de imprensa e um jornalista que escreveu um livro.

Em 22 casos (5,65% do total), o local de trabalho do jornalista não foi identificado. E não houve classificação por tipo de mídia nas ocorrências de Descrédibilização da imprensa e em duas ocorrências de violência contra a organização dos trabalhadores/sindical, por se tratarem de violações contra a imprensa em geral e todos os profissionais jornalistas.



* O número de veículos de comunicação não é coincidente com o total de casos, porque em várias ocorrências, mais de um profissional foi agredido e, nessas situações, foi computado a mídia em que trabalhava. E também porque em vários casos a distinção de gênero não se aplica.

QUEM SÃO OS AGRESSORES

O ex-presidente Jair Bolsonaro, nos seus quatro anos de mandato, foi o principal autor de ataques a veículos de comunicação e jornalistas. Em 2022, repetindo a mesma posição ocupada nos três anos anteriores, ele foi o responsável pessoal por 104 ocorrências (27,66% do total), a maioria delas, tentativas de Descredibilização da imprensa (80), mas também por 24 casos de agressões diretas a jornalistas.

Bolsonaro, no ano em que era candidato à reeleição, diminuiu os ataques à liberdade de imprensa. Foram 43 casos a menos (29,25%), que os 147 ataques registrados em 2021. Mas ele manteve-se no topo da lista dos agressores, posição que assumiu em 2019.

O ex-presidente foi seguido de perto nas violações à liberdade de imprensa por seus apoiadores que, especialmente durante manifestações antidemocráticas, foram os responsáveis por 80 episódios de agressões diretas a jornalistas. Em comparação com 2021, quando ocorreram 20 agressões por parte dos bolsonaristas, foram 60 casos a mais, um crescimento de 300%.

Os dirigentes da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), que implementavam localmente as diretrizes do governo Bolsonaro, foram os responsáveis pelos 52 casos de Censura ocorridos na empresa e outros dirigentes de empresas de comunicação foram os responsáveis por outros cinco episódios, totalizando 57. Juntos, esses dirigentes passaram a ocupar a terceira posição na lista dos agressores. Em 2021, ocuparam a

segunda posição, pelo elevado número de casos de censura (138 do total de 140) na EBC. Houve, portanto, 87 casos a menos no total das Censuras, uma queda de 59,29%.

Os políticos e seus assessores (excluído o presidente, que foi destacado pelo elevado número de ofensivas) ocuparam a quarta posição entre os agressores, em 2022. Eles cometeram 45 ataques (11,97% do total), cinco a mais do que os 40 ataques cometidos pelo grupo no ano anterior. Entre os políticos que atentaram contra a liberdade de imprensa, mais uma vez, destacaram-se os apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Também figuram na lista de agressores populares (pessoas comuns em situações cotidianas), responsáveis por 20 ataques (5,32% do total), e os internautas/hackers, que cometeram 15 agressões (3,99% do total), o mesmo número do ano anterior. Juizes/procuradores/ministros do STF e traficantes/infratores da lei, foram responsáveis por oito casos cada (2,13%).

E ainda constam como agressores: torcedores/dirigentes de clubes de futebol, com seis agressões (1,6%); empresários e empregados (privados e públicos), com três casos cada (0,8%); seguranças e as plataformas digitais, com dois casos cada (0,53%); e um dirigente de fundação ligada à Universidade Federal do Ceará.

Em seis episódios de violência contra os jornalistas (1,6% do total), os agressores não foram identificados.



OS AGRESSORES



<i>Presidente da República</i>	104 casos	27,66%
<i>Manifestantes bolsonaristas</i>	80 casos	21,27%
<i>Dirigentes EBC/empresa de comunicação</i>	57 casos	15,16%
<i>Políticos/assessores</i>	45 casos	11,97%
<i>Populares</i>	20 casos	5,32%
<i>Policiais militares/civis</i>	16 casos	4,25%
<i>Internautas/hackers</i>	15 casos	3,99%
<i>Juízes/procuradores/ministros do STF</i>	8 casos	2,13%
<i>Traficantes/infratores da lei</i>	8 casos	2,13%
<i>Torcedores/dirigentes de clubes de futebol</i>	6 casos	1,60%
<i>Empresários</i>	3 casos	0,80%
<i>Empregados públicos/privados</i>	3 casos	0,80%
<i>Seguranças</i>	2 casos	0,53%
<i>Plataformas digitais</i>	2 casos	0,53%
<i>Dirigentes de fundação ligada à UFC</i>	1 caso	0,27%
<i>Não identificados</i>	6 casos	1,60%

RELATOS DE CASOS

Assassinato

Amazonas

Atalaia do Norte – 5 de junho

O jornalista britânico Dominic Mark Phillips, conhecido como Dom Phillips, 57 anos, foi assassinado junto com o indigenista Bruno Araujo Pereira, 41 anos, na região do Vale do Javari, próxima a tríplice fronteira do Brasil, Peru e Colômbia. Os dois foram emboscados, quando viajavam de barco. Foram mortos a tiros e seus corpos foram ocultados, sendo resgatados somente dez dias depois.

Dom Phillips vivia no Brasil desde 2007 e se dedicava ao jornalismo ambiental, sendo colaborador de diversos veículos, entre ele, o jornal britânico The Guardian. Quando foi assassinado estava dedicando-se a escrever o livro Como salvar a Amazônia? e passou a acompanhar Bruno Pereira em suas expedições.

Bruno Pereira era funcionário licenciado da Funai, onde já havia ocupado a Coordenação-geral de Índios Isolados e Recém-contatados. Com o desmonte da Funai pelo governo Bolsonaro, licenciou-se e passou a trabalhar para a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Unijava). Bruno denunciava a exploração ilegal da pesca e também o tráfico de drogas na região e já havia recebido ameaças de morte.

Os dois foram vistos, pela última vez, quando se deslocavam da comunidade de São Rafael para a cidade de Atalaia do Norte, onde se reuniam com indígenas e ribeirinhos. Um dos projetos de Bruno era o treinamento dos integrantes dessas comunidades para o registro por imagens dos crimes ambientais cometidos na região, que abriga a Terra Indígena Vale do Javari, a segunda maior do país, com mais de 8,5 milhões de hectares.

Foram os integrantes da Unijava que se mobilizaram e, num trabalho incessante, localizaram os corpos do jornalista e do indigenista. Também apontaram os principais suspeitos.

Pela pressão internacional, a polícia federal teve de agir e, no dia 15 de junho, prendeu dois suspeitos: Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, e seu irmão Oseney da Costa de Oliveira, conhecido como dos Santos. Eles confessaram o duplo assassinato. Posteriormente, também foi preso Jefferson da Silva Lima, conhecido como “Pelado da Dinha”.

Em 21 de julho, Amarildo, Oseney e Jefferson foram denunciados pelo Ministério Público por duplo homicídio qualificado, por motivo fútil e ocultação dos corpos.

Em 7 de julho, a PF prendeu em flagrante o mandante do crime, o peruano Rubens Villar Coelho, conhecido como “Colômbia”. Traficante de drogas, Colômbia aliciava pescadores para a pesca ilegal e vendia os peixes como forma de levar o dinheiro do tráfico. Ele foi solto em outubro, depois de pagar fiança, ficando em prisão domiciliar. Foi preso novamente em dezembro, depois de descumprir condições da prisão domiciliar.

Assassinato de Comunicador Popular

Ceará

Fortaleza – 7 de fevereiro

O comunicador popular Givanildo Oliveira da Silva, 46 anos, criador do portal de notícias Pirambu News, foi assassinado por membros de facção criminosa com atuação no bairro Pirambu. Ele caminhava pela Av. Dr. Theberge, quando um homem armado aproximou-se por trás e efetuou vários disparos.

Gigi, como era conhecido, foi assassinado por noticiar a violência na região onde morava. A última postagem no seu site e redes sociais foi sobre a prisão de um homem suspeito de um duplo homicídio em Pirambu.

Os responsáveis pelo assassinato foram identificados e presos. O executor do crime foi Thiago de Sousa Barros, conhecido como “TH”, de 20 anos, preso em flagrante, quatro dias depois do assassinato, em casa, onde os policiais encontraram drogas.

Nilton Pires Amaro de Castro, conhecido como “Shakira”, foi preso posteriormente, por ter dado suporte a TH, monitorando Gigi.

Foram apontados como mandantes Carlos Mateus da Silva Alencar e Fabio Almeida Maia, que seguem foragidos.

O Ministério Público Estadual apresentou à Justiça a denúncia contra os quatro.

Atentados

Bahia

Salvador – 1º de fevereiro

Os jornalistas Tony Júnior e Jeferson Alves, da TV Aratu, e Fábio Gomes e Carlinhos, da Band, foram atacados por homens armados ao fazerem a cobertura de um homicídio no bairro de Águas Claras. Os homens atiraram para o alto e também em direção aos repórteres, mas ninguém foi atingido. Antes do atentado, os agressores deram coronhadas em Jeferson, quebraram um equipamento de filmagem e ordenaram que os trabalhadores deixassem o local.

Rondônia

Porto Velho – 12 de novembro

A sede do jornal Rondoniaovivo.com foi alvejada com tiros durante a madrugada do sábado, 12 de novembro. Câmaras de segurança registraram a aproximação de um homem, que atravessou a rua com a arma em punho, olhou para os lados, certificando-se de que a rua estava deserta, e atirou mais de dez vezes.

O jornal afirmou, em nota, que vinha recebendo ameaças por noticiar, como atos antidemocráticos, as manifestações de bolsonaristas contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar.

Porto Velho – 24 de novembro

Um incêndio de origem criminoso destruiu a rádio Nova FM, sediada no distrito de União Bandeirantes, em Porto Velho. O criminoso usou um pedaço de concreto para quebrar a porta de vidro, entrar na rádio, espalhar combustível e atear fogo em tudo.

O proprietário da rádio, Genilson José Alencar, vinha sofrendo ameaças, por se posicionar contrariamente ao bloqueio da estrada que liga Porto Velho ao distrito, feito por manifestantes bolsonaristas, em protesto contra o resultado das eleições e pedindo golpe militar no país.

São Paulo

Campinas – 13 de fevereiro

Os jornalistas Juliana Giachini e Leandro Marques, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TVThati Campinas, foram vítimas de uma tentativa de atropelamento, enquanto cobriam um caso de violência doméstica.

O ataque ocorreu durante a gravação da reportagem, quando um veículo acelerou contra a equipe. Leandro Marques, foi atingido e sofreu ferimentos, mas sem gravidade.

São Paulo – 10 de maio

As jornalistas Paula Araújo e Patrícia Santos, respectivamente repórter e repórter cinematográfica da Globonews, quase foram atropeladas por um motorista que, propositalmente, invadiu com o carro a calçada onde elas estavam para uma entrada ao vivo na programação da emissora.

O rapaz, que não foi identificado estava parado no semáforo e começou a xingar as jornalistas. Em seguida, ele engatou marcha à ré em direção a elas, que somente não foram atingidas, porque deram passos à frente.

A presença de um policial fez com que o motorista saísse rapidamente do local.

Agressões físicas

Amazonas

Manaus – 17 de junho

Os jornalistas Thiago Gonçalves e Paulo Cesar de Araújo, respectivamente repórter e pelo repórter cinematográfico do site Imediato, foram vítimas de agressão por parte da delegada Marna de Miranda, do 19º Distrito Integrado de Polícia.

Os jornalistas registravam um homicídio, ocorrido no bairro Compensa, Zona Oeste de Manaus, quando a delegada aproximou-se, com a mão na arma, e mandou que parassem de filmar, sob pena de prisão. Antes mesmo de os jornalistas dizerem qualquer coisa, ela deu um tapa no celular, que caiu no chão e quebrou. A delegada ainda os ameaçou de prisão, por desacato à autoridade.

Bahia

Feira de Santana – 31 de março

Os jornalistas Melck Moreno e Marcos Valentim, respectivamente repórter do portal Café com Notícias e repórter da Band TV, foram agredidos por integrantes da Guarda Municipal, enquanto faziam a cobertura jornalística de manifestação dos professores, na Prefeitura de Feira de Santana.

A manifestação teve início em frente ao prédio da Prefeitura, mas um grupo de manifestantes entrou no

prédio, junto com vereadores, para serem atendidos pelo prefeito Colbert Martins ou pela secretária de Educação Anaci Bispo, para evitar a greve. Foi quando integrantes da Guarda Municipal começaram a usar spray de pimenta sobre os manifestantes, para forçar a saída dos manifestantes da Prefeitura.

Os jornalistas acompanhavam toda a movimentação. Melck Moreno foi chamado de “vagabundo” pela integrante da Guarda Municipal que anunciou a agressão física: “tome-lhe o jato”. Marcos Valentim recebeu jatos de spray de pimenta nos olhos mais de uma vez. Na quarta agressão, tentou se defender e levou socos de um integrante da guarda municipal.

São Sebastião do Passé – 23 de agosto

O jornalista César de Carvalho, repórter da Rede Metropolitana TV, foi agredido pelo vereador Soldado Nailson (Republicanos), quando acompanhava a sessão da Câmara de Vereadores de São Sebastião do Passé, localizada na região metropolitana de Salvador. O vereador arremessou um copo contra o jornalista e ainda tentou atingi-lo corporalmente, porque achou que estava sendo filmado durante a sessão, que é pública.

Riachão do Jacuípe – 55 de novembro

A jornalista e radialista Alana Rocha, apresentadora do “Jornal da Gazeta”, da rádio Gazeta FM, foi agredida fisicamente e ameaçada por um preposto da Prefeitura em frente à Câmara Municipal da cidade, no dia em que recebeu o título de cidadã jacuípense. Além de atirar ovos na profissional, o homem avisou que iria agredi-la novamente.

A jornalista também foi processada por um vereador (leia em Cerceamento à liberdade de imprensa por ações judiciais).

Distrito Federal

Brasília – 3 de maio

Quatro jornalistas foram agredidos fisicamente por manifestantes bolsonaristas, durante ato de apoio ao então presidente Jair Bolsonaro, na Praça dos Três Poderes. O repórter fotográfico Dida Sampaio, do jornal O Estado de S. Paulo, e o motorista de sua equipe, Marcos Pereira, foram as primeiras vítimas. Dida tentava fotografar o então presidente, na rampa do Palácio do Planalto, quando foi derrubado e agredido com chutes e socos. O motorista levou uma rasteira.

O repórter Fábio Pupo, da Folha de S. Paulo, tentou defender o colega e foi empurrado. O repórter Vivaldo

Carboni, do site Poder 360, levou um chute. E o repórter fotográfico Orlando Brito, que estava a serviço do site Os Divergentes também foi empurrado pelos manifestantes.

Os jornalistas foram retirados do local por uma escolta policial.

Durante a mesma manifestação, outros jornalistas foram hostilizados (veja em Ameaças/hostilizações/intimidações).

Brasília – 12 de maio

A jornalista Jéssica Nascimento, repórter da TV Record, foi atingida por um tomate, durante uma entrada ao vivo no jornal “DF no AR”. Ela estava na Ceasa fazendo uma reportagem sobre o impacto da inflação nos preços dos alimentos. Assim que foi chamada para entrar ao vivo, por volta das 7h30, recebeu a tomatada. A agressão foi ao ar.

Brasília – 8 de julho

O jornalista José Estevam, repórter cinematográfico da Band, foi atingido na cabeça com uma pedrada. Ele estava fazendo imagens na Rodoviária do Plano Piloto quando uma mulher que vive em situação de rua começou a dançar na frente da câmera. José Estebam saiu de perto dela, desceu uma escada rolante e foi vítima da agressão.

A mulher que o agrediu acusou-o de filmá-la indevidamente. Segundo a polícia, ela sofre de transtornos mentais e já agrediu outras pessoas no local. Em depoimento na polícia, ela disse que tinha a intenção de acertar a câmera.

Brasília – 30 de dezembro

O jornalista Nelson Garrone e o repórter cinematográfico que o acompanhava foram agredidos por manifestantes bolsonaristas, no acampamento montado em frente ao Quartel-general do Exército.

A equipe, que estava a serviço da CNN Portugal e da emissora portuguesa TVI, tentava entrevistar os manifestantes, mas foi hostilizada, com gritos de “Fora, fora! Sai daqui!”. Em seguida, os dois jornalistas foram vítimas de pedradas e do golpe conhecido como “voadora”. Ambos foram derrubados no chão.

Os bolsonaristas ainda rasgaram dois pneus do carro da dupla, que teve de sair do acampamento escoltada por militares do Exército.

Espírito Santo

Vitória – 11 de outubro

O jornalista Alex Nepomuceno, repórter cinematográfico da TV Tribuna (afiliada do SBT) foi agredido por criminosos, quando iria encontrar sua equipe no Morro do Bonfim, para fazer reportagem sobre os desdobramentos de uma ação policial, na madrugada do dia anterior, que terminou com um suspeito morto.

Ao acessar uma rua da região, Alex foi cercado por um grupo armado, que ordenou que ele deixasse o veículo. Os agressores deram uma coronhada no jornalista, além de fazerem tortura psicológica, com armas apontadas para ele e disparos.

O carro da reportagem foi incendiado.

Goiás

Anápolis – 1º de novembro

A jornalista Lorena Gomes, repórter da Record TV de Goiás, foi agredida por manifestantes bolsonaristas que bloqueavam a BR-060, em protesto contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar. Um dos manifestantes tentou tomar dela o microfone e outro lançou em sua direção uma bomba de gás lacrimogênio, jogada pela polícia para fazer a dispersão. A bomba caiu aos pés de Lorena, que foi atingida pelo gás.

Mato Grosso

Lucas do Rio Verde – 21 de setembro

Os jornalistas Bruno Motta e Alexandre Perassoli, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Centro América (afiliada da TV Globo), foram agredidos e ameaçados pelo produtor rural Jorge Meinerz, da algodoeira Cotton Jorge. Eles estavam fazendo uma reportagem sobre combate a incêndios, em frente a área da algodoeira, que teria sofrido prejuízo de cerca de R\$ 17 milhões pelos incêndios.

Sem autorização para entrar na propriedade, a equipe fazia seu trabalho do lado de fora. O produtor rural aproximou-se, tentou pegar a câmera de filmagem, mas não conseguiu. Em seguida, tomou o celular de Bruno e só o devolveu depois de o repórter insistir muito, mas segurou pelo colarinho. O repórter manteve-se calmo e conseguiu conversar com o agressor, que ainda fez ameaças: “Divulga essa imagem para ver o que sobra pra vocês”, acrescentando que os buscaria em casa se as imagens fossem ao ar.

Mato Grosso do Sul

Campo Grande – 11 de agosto

A jornalista Ana Beatriz Rodrigues, repórter do portal Campo Grande News, foi agredida fisicamente, durante cobertura de incêndio num ferro velho. Uma funcionária do estabelecimento deu um tapa na repórter, que provocou a queda do celular, com o qual ela filmava o incêndio.

Minas Gerais

Belo Horizonte – 9 de março

Os jornalistas Laura França, repórter da TV Band Minas, e Caio Tárzia, repórter da Band News, foram agredidos e hostilizados por policiais civis e militares e bombeiros, durante manifestação das três categorias por melhorias salariais.

Laura França foi ferida por uma bomba, sofrendo um trauma auditivo, após o artefato estourar do seu lado. Caio Tárzia também foi alvo de uma bomba lançada contra ele, mas não foi atingido. Ele foi xingado durante a cobertura e teve que deixar a manifestação.

Os integrantes das forças de segurança de Minas Gerais fizeram manifestações por vários dias seguidos. No dia 21 de fevereiro, os manifestantes impediram uma equipe da TV Globo Minas de fazer a cobertura da manifestação (veja em Impedimentos ao exercício profissional).

Belo Horizonte – 25 de março

O jornalista Diego Franco David, assessor de imprensa do Sind-Rede/BH, foi uma das vítimas da guarda municipal, que reprimiu com violência protesto dos trabalhadores da Educação da Rede Municipal de BH, que estavam em greve, para reivindicar do prefeito Alexandre Kalil o pagamento do Piso Salarial e denunciar o desmonte da carreira da Educação na cidade. A tropa de choque da guarda municipal atacou os manifestantes, entre eles Diego, com bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta e golpes de cassetete.

O jornalista do Sind-REDE/BH é também diretor do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais.

Ouro Fino – 22 de maio

O jornalista Alexandre Megale, de Ouro Fino, cidade no Sul de Minas, foi atacado a pedradas pelo vereador Paulo Luiz de Cantuária (MDB), conhecido como Bem-te-vi. Alexandre estava apurando uma informação na zona rural da cidade, quando o vereador chegou no local e começou a xingá-lo. O jornalista resolveu ir embora para evitar problemas, mas caiu ao arrancar sua moto. Foi quando passou a ser atacado a pedradas.

Alexandre chegou a perder os sentidos durante a agressão, só interrompida depois da intervenção de populares. Ele foi levado para o pronto-socorro e liberado sem ferimentos graves, mas machucou a mão ao tentar se proteger do ataque.

A agressão teria ocorrido porque Alexandre é autor de uma reportagem, publicada em seu canal do Youtube, sobre uma condenação do vereador por estupro de vulnerável. O caso corre em sigilo na Justiça, mas o repórter obteve a sentença, dada em primeira instância, tornando-a pública.

Nova Lima – 27 de agosto

Um jornalista, repórter da Rádio Itatiaia, foi agredido dentro de uma delegacia de polícia pelo policial civil, Renan Henrique de Paula, então candidato a deputado federal pelo PMN, acusado de importunar sexualmente uma menina de 13 anos.

Ainda em frente à delegacia, o policial jogou os equipamentos do jornalista no chão. Na sequência, tomou o telefone celular do repórter, entrou na delegacia e se trancou dentro de um banheiro. O jornalista foi atrás do policial na tentativa de reaver seu equipamento e acabou levando um soco no estômago.

O policial apagou os vídeos que o repórter tinha feito, antes de devolver o equipamento.

Todas as agressões ao jornalista foram presenciadas por policiais, que em nenhum momento agiram para conter o agressor. O jornalista não conseguiu nem mesmo registrar queixa contra o policial na própria delegacia e teve que procurar uma base da PM para fazer a ocorrência.

Em outubro, o policial foi denunciado pelo Ministério Público Estadual, que também encaminhou às corregedorias das polícias civil e militar, denúncia de possível “prevaricação” cometida pelos policiais que presenciaram, sem qualquer reação, a violência cometida.

Divinópolis – 1º de novembro

Os jornalistas Vítor de Castro e Wesley Mourão, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Candidés, foram agredidos física e verbalmente, quando faziam a cobertura de manifestação bolsonarista contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar, na rodovia MG-050.

A equipe de reportagem havia abordado uma motorista que estava impedida de passar e que reclamava do transtorno. Dois homens aproximaram-se, empurraram o repórter e mandaram os jornalistas

saírem do local.

Os homens chamaram Vítor e Wesley de “vagabundos” e outros termos pejorativos. Também tentaram pegar a câmera do repórter cinematográfico, para impedir a filmagem, mas não conseguiram.

Araxá – 2 de novembro

O jornalista Diogo Meira, repórter da Rádio Cidade/Jovem Pan de Araxá, foi agredido por um manifestante bolsonarista, durante protesto contra o resultado da eleição presidencial, no trevo de Araxá que dá acesso às BRs 262 e 452.

Diogo estava fazendo uma participação ao vivo para a Rádio Cidade, quando foi interrompido por um homem, que mexeu na câmera, reclamando que o ângulo da imagem não mostrava a quantidade de pessoas presentes na manifestação.

O jornalista foi hostilizado por estar vestindo uma camisa vermelha, parte do uniforme de trabalho, e acabou entrando em luta corporal com um dos manifestantes. Ele preferiu não registrar boletim de ocorrência, por considerar que também ficou com os ânimos exaltados.

Pará

Oriximiná – 1º de junho

O jornalista Waldiney Ferreira, repórter da Rede Trombetas de Comunicação (Rádio Sucesso FM), foi agredido com socos e chutes, pelo prefeito de Oriximiná, Willian Fonseca, no Dia Nacional da Imprensa, comemorado em 1º de junho.

O jornalista e demais profissionais da comunicação realizavam a cobertura da votação, pelos vereadores, do processo de cassação do prefeito. Após o término da sessão da Câmara Municipal, em via pública, Waldiney estava capturando imagens com o celular quando foi surpreendido pelo prefeito.

O jornalista ainda teve seu celular confiscado por um apoiador do prefeito.

Belém – 15 de novembro

O jornalista Thiago Gomes, repórter fotográfico do jornal O Liberal e portal oliberal.com, foi agredido fisicamente por manifestantes bolsonaristas que realizavam ato pedindo golpe militar em frente do 2º Batalhão de Infantaria de Selva (2ºBIS). Junto com o repórter Fabrício Queiroz, Thiago estava deixando o local, quando foi atingido com um soco nas costas e um chute. Os manifestantes também tomaram seu celular, para impedir o registro dos acontecimentos.

Em outro momento, Thiago e Fabrício foram hostilizados e ameaçados (veja em Ameaças/hostilizações/intimidações).

Belém – 16 de novembro

Quatro jornalistas foram ameaçados, hostilizados e agredidos fisicamente por manifestantes bolsonaristas, durante a cobertura jornalística do desmanche do acampamento montado em frente ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva, na Av. Almirante Barroso. A estrutura do acampamento, com barracas e tendas, estava sendo desmontada numa ação da Prefeitura de Belém e da Polícia Militar.

O jornalista Wesley Costa Ribeiro, repórter da TV RBA, que já havia sido agredido pelos manifestantes bolsonaristas no dia 8 de novembro, foi novamente hostilizado, xingado e agredido com papel higiênico sujo para não fazer uma transmissão ao vivo do protesto.

O jornalista Cristino Martins, repórter fotográfico do jornal O Liberal, foi hostilizado e cerceado pelos manifestantes para que não registrasse a ação. Um manifestante que seria menor de idade chegou a pegar na câmera do profissional. O oficial da Polícia Militar, identificado como Coronel Araújo, em vez de ajudar e defender o jornalista, falou que Cristino estava atrapalhando e mandou que se afastasse do local.

Os jornalistas Amanda Freitas e Cláudio Pinheiro, também do jornal O Liberal, respectivamente repórter e repórter fotográfico, foram cercados e hostilizados pelos manifestantes bolsonaristas. Uma pedra foi arremessada e pegou de raspão na repórter Amanda Martins. O carro da empresa ainda foi cercado pelos manifestantes que bateram no veículo.

Policiais militares que estavam próximos e acompanhavam o evento riam das cenas de agressões.

O repórter fotográfico Cláudio Pinheiro é também é diretor de mobilização do SINJOR-PA.

Tucuruí – 30 de dezembro

O jornalista Sandro André Ferreira, repórter cinematográfico que mantém o canal no YouTube Sandro André News, foi espancado, teve seu material de trabalho roubado e foi levado à força para a Delegacia de Polícia por segurança do prefeito Alexandre Siqueira (MDB). Ele fazia uma reportagem sobre postos de saúde fechados no município de Tucuruí, no sudeste paraense. Por volta das 16 horas, quando filmava um posto de saúde fechado, Sandro foi agredido por um dos seguranças e colocado dentro de uma caminhonete. Dentro do veículo, ele voltou a ser agredido na cabeça, no peito e no abdômen pelos seguranças e pelo próprio

prefeito.

As agressões cessaram quando o jornalista foi levado para a delegacia do município, onde o prefeito Alexandre Siqueira insultou o advogado de defesa da vítima, Gabriel Lambert.

Sandro foi atendido na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Tucuruí, registrou a ocorrência e fez exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal (IML) da cidade.

A Prefeitura de Tucuruí, em nota emitida à época da agressão, alegou que Sandro havia sido “detido” pelos seguranças por estar rondando a casa do prefeito e pelo histórico de assassinatos de prefeitos na região. Um boletim de ocorrência foi registrado contra o jornalista pelo subtenente Marcelino Luciano dos Anjos Pereira, da Polícia Militar. Ele afirmou que o jornalista, por sua movimentação suspeita, foi segurado por populares e detido pelos policiais ao tentar fugir.

Paraná

Curitiba – 28 de janeiro

Os jornalistas Iverson Vaz e Elbio Tavares, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Iguazu/Rede Massa (afiliada do SBT), foram agredidos fisicamente e hostilizados durante a madrugada, quando acompanhavam o trabalho de guardas municipais e socorristas do Samu, que atendiam uma jovem que estava inconsciente, em frente a um estabelecimento comercial. A equipe foi atacada por um homem e outras três mulheres, todos alcoolizados. Uma das mulheres tentou tomar o microfone de Vaz e acertou um tapa no repórter. A agressão foi filmada pela equipe, que também registrou boletim de ocorrência.

Curitiba – 8 de abril

A repórter da Rádio CBN, Simone Giacometti, e a equipe da RIC TV (afiliada da Rede Record no Paraná), formada pelo repórter Raphael Augustus e pelo repórter cinematográfico Christopher Spuldaro, foram atacadas enquanto cobriam um protesto de mães de crianças autistas e com deficiências, em frente a um prédio, no centro de Curitiba.

O advogado Gelson Arend, que se identificou na ocasião como representante legal do condomínio, tomou o celular de Simone e só devolveu o aparelho após intervenção da equipe da RIC TV.

Arend também empurrou o repórter Raphael Augustus e acertou um soco na câmera da RIC TV. Toda

a ação foi registrada pela equipe de TV. O caso foi denunciado à Polícia Civil e também foi alvo de representação junto à Ordem dos Advogados do Brasil no Paraná.

Ponta Grossa – 30 de maio

Carlos Rafael Ozório, que estava fazendo uma reportagem para o portal Boca no Trombone, foi vítima de truculência e teve o equipamento de trabalho danificado por seguranças da prefeita, Elizabeth Schmidt. Ele cobria e transmitia ao vivo, pelo Facebook, a visita do governador do Paraná, Carlos Massa Ratinho Junior, à cidade, quando uma pessoa que protestava no local foi retirada à força do evento. O trabalhador foi coagido e impedido de seguir registrando a atividade.

Curitiba – 28 de julho

O jornalista Rudnei Vieira, repórter cinematográfico da RIC TV (afiliada da Record TV) foi agredido com pedradas, quando fazia uma reportagem, ao vivo, sobre um confronto entre traficantes de droga e policiais militares, no Bairro Parolin. O clima estava tenso no local, depois da morte de um jovem durante o confronto. Ao iniciar sua participação ao vivo, o repórter informou que as pedras vinham de vários lugares. O jornalista não foi ferido, mas seu equipamento foi danificado.

Cascavel – 2 de novembro

Os jornalistas Deborah Evangelista e Ivancley Carneiro de Deus, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da CATVE Comunicação, foram hostilizados e agredidos fisicamente, quando cobriam a ação de manifestantes bolsonaristas em frente ao 33º Batalhão de Infantaria Mecanizado, em Cascavel. Deborah e Ivancley se preparavam para uma entrada ao vivo quando os manifestantes atingiram o equipamento e empurraram a repórter. Policiais militares que estavam no local nada fizeram para garantir a segurança da equipe.

Os trabalhadores só conseguiram sair do tumulto porque alguns integrantes da manifestação ajudaram a conter os ânimos dos demais.

Ampére – 30 de dezembro

O jornalista Júlio Cesar Alves, profissional das rádios Ampére AM e Interativa FM, foi agredido verbal e fisicamente, por um homem que, em 2019, foi processado por ele por utilizar seus textos e fotos, sem a devida autorização.

Júlio saía de um estabelecimento comercial situado na Rua Atenas, no bairro Nossa Senhora das Graças, acompanhado de sua filha mais nova, quando foi

abordado pelo homem que, inicialmente, questionou o jornalista pela ação judicial. Em seguida, iniciou as agressões verbais e, na sequência, as agressões físicas, desferindo-lhe tapas, socos, empurrões, chutes e joelhadas

O jornalista teve seus óculos de grau quebrados e sofreu ferimentos leves na cabeça, no rosto e no pescoço. As agressões só cessaram com a interferência de pessoas que estavam no estabelecimento e por populares que passavam pelo local.

Pernambuco

Recife – 31 de julho

A jornalista Pupi Rosenthal, repórter da Folha de Pernambuco, foi agredida física e verbalmente pelo ex-vereador de Petrolina, Cícero Freire, durante a convenção partidária que oficializou a candidatura do ex-prefeito de Petrolina, Miguel Coelho (UB), ao governo de Pernambuco.

Quando tentava entrar na área reservada à imprensa, próxima ao palco do evento, repórter foi impedida pelo ex-vereador. Ela identificou-se e disse que estava trabalhando. Em resposta, ouviu que deveria fazer seu trabalho depois. Pupi buscou se posicionar em outro local, mas Cícero começou a empurrá-la e xingá-la, usando palavras de baixo calão.

A equipe de imprensa do candidato deu total apoio à jornalista e o candidato Miguel Coelho também divulgou nota repudiando o acontecido com a profissional.

Piauí

Curimatá – 18 de julho

O jornalista Efrém Ribeiro, então repórter da TV Piauí, foi agredido fisicamente e ameaçado, quando tentava documentar a distribuição gratuita de combustível, para a participação em uma carreta dos pré-candidatos Rafael Fonteles e Wellington Dias. Ele foi empurrado por dois homens e ameaçado de ser encharcado com combustível.

O jornalista sofreu nova agressão, no dia 25 de agosto, em um evento político numa cidade do Norte do Estado (nem ele nem a TV Piauí divulgaram o nome da cidade). Efrém tentava gravar cenas de uma caminhada do candidato, mas foi impedido pelas pessoas que estavam no evento, incluindo um coordenador de campanha de Rafael Fonteles. Ele foi

empurrando e segurando para não utilizar seu microfone.

Rio de Janeiro

Comendador Levy Gasparian – 23 de outubro

O jornalista Rogério de Paula, repórter cinematográfico da InterTV, afiliada da Rede Globo, foi agredido por um apoiador de Roberto Jefferson, em Comendador Levy Gasparian, durante a cobertura jornalística da prisão do ex-deputado, que resistiu e chegou a atirar e jogar uma granada nos policiais federais.

Rogério foi agredido com um soco na cabeça, caiu no chão e teve um princípio de convulsão. Ele foi atendido no local por uma equipe do Corpo de Bombeiros e precisou ser levado ao hospital, onde fez exames e ficou em observação.

Posteriormente, o homem foi identificado como sendo Diogo Lincoln Resende, que foi denunciado por lesão corporal.

Itaperuna – 1º de novembro

O jornalista Ralph Lichotti, diretor de redação do jornal Tribuna da Imprensa, foi agredido por manifestantes bolsonaristas, quando fotografava o bloqueio da BR-356, em protesto contra o resultado das eleições presidenciais e a favor de um golpe militar. Alguns homens o cercaram, tomaram seu celular e jogaram no chão.

O jornalista, que também advogado, disse que procurou apoio de policiais que estavam próximos, mas que ao voltar no local da agressão, os agressores haviam saído.

Rio de Janeiro – 15 de novembro

O jornalista Marcelo Auler, colunista do site 247 e responsável pelo blog Marcelo Auler – repórter, foi imobilizado por um golpe conhecido como “gravata”, por um manifestante bolsonarista, em frente ao Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste, no Centro do Rio de Janeiro, onde ocorriam protestos contra o resultado da eleição presidencial e em defesa de um golpe militar no país.

Um grupo de manifestantes queria forçar o jornalista a apagar a entrevista que acabara de gravar com outro manifestante, um militar da reserva do Exército, de 74 anos. O homem que lhe aplicou uma “gravata” criticou o fato de Marcelo ter questionado o militar aposentado sobre o silêncio do então presidente e a passividade das Forças Armadas, diante de

manifestações com pautas antidemocráticas. Marcelo Auler manteve-se firme; disse que não atenderia o grupo e não se intimidaria com a violência.

Diante da postura do grupo, o jornalista sugeriu que procurassem a polícia. Um sargento que estava presente pediu para que fossem à delegacia, como medida para tirar os envolvidos do local. Na 4ª Delegacia Policial, o policial de plantão disse que Marcelo estava exercendo sua atividade profissional e se recusou a registrar uma ocorrência contra ele.

Niterói – 17 de novembro

Os jornalistas Erick Rianelli, repórter da TV Globo, e Raoni Alves, repórter do portal G1, foram agredidos em frente ao Fórum de Niterói, quando faziam a cobertura jornalística da audiência de instrução e julgamento de um caso de injúria racial contra dois entregadores, que foram chamados de “macacos”.

As agressoras foram a acusada do crime, a defensora pública aposentada, Cláudia Alvarim Barrozo, e sua filha, Anna Cláudia Barrozo, que tentou interromper a filmagem da mãe no fórum, dando um tapa no celular do repórter Erick Rianelli e depois derrubando seus óculos. Cláudia, com o rosto encoberto, também chutou Raoni, que não foi atingido. Cláudia foi contida pelo advogado.

Resende – 25 de novembro

Uma equipe de reportagem do UOL, constituída por um repórter e uma repórter cinematográfica, foi agredida por manifestantes bolsonaristas, que estavam acampados em frente a Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), em manifestação contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar no país.

Os jornalistas estavam gravando cenas do local, quando um grupo aproximou-se da equipe e mandou que parasse de gravar. Em seguida, arrancaram o celular da mão da repórter cinematográfica e, no ato, atingiram-na na mão esquerda.

A agressão ocorreu mesmo com um destacamento da Polícia do Exército fazendo a proteção dos jornalistas. A equipe precisou ser escoltada para entrar no carro e uma viatura teve que acompanhar o veículo dos profissionais, já que bolsonaristas passaram a seguir o carro da reportagem.

Rio Grande do Sul

Garibaldi – 14 de janeiro

O jornalista Daniel Tercílio Carniel, repórter da Adesso TV, foi agredido com socos por um desconhecido. Ele chegava na emissora quando um homem o abordou, no hall de entrada do prédio, e perguntou se ele era o Daniel. Ao ouvir uma resposta afirmativa, o homem desferiu vários socos no jornalista e fugiu.

A violência pode estar relacionada com uma denúncia feita pelo jornalista, 15 dias antes da agressão. Daniel revelou o caso de um ex-prefeito que inaugurou um poço artesiano no município, durante campanha, e a estrutura não disponibiliza água. Depois da veiculação da notícia, o jornalista recebeu mensagens contendo ameaças.

O agressor disse que a agressão era pelas “denúncias e mentiras” apresentadas por ele na televisão.

Porto Alegre – 10 de maio

O jornalista Mauro Schaefer, repórter fotográfico do jornal Correio do Povo, foi agredido a socos e teve seu equipamento quebrado, quando fazia a cobertura jornalística da apuração da Série Ouro do Carnaval de Porto Alegre. Houve uma confusão no Complexo Cultural do Porto Seco, envolvendo os carnavalescos da Restinga, que acompanhavam a divulgação das notas pelos jurados, e o jornalista tornou-se alvo.

O repórter Felipe Bornes Samuel, também do Correio do Povo, teve que se refugiar em um veículo pertencente à Secretaria Municipal da Cultura. Outros jornalistas que se encontravam no local para realizar a cobertura do evento deixaram o local até o tumulto cessar, regressando em seguida, ou deixaram o Porto Seco sem concluir o trabalho.

Porto Alegre – 9 de julho

A jornalista Luiza Castro, repórter fotográfica do jornal Sul21, foi agredida quando fazia a cobertura da Marcha Contra a Fome, a Miséria e o Desemprego, que tomou conta do Centro de Porto Alegre.

Apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, arremessaram ovos contra os participantes da marcha de um prédio localizado na Avenida Borges de Medeiros. A jornalista, que estava trabalhando, foi uma das pessoas agredidas.

Porto Alegre – 2 de novembro

Os jornalistas Matheus Goulart e Rogério Aguiar, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da Band TV, além de um auxiliar, foram agredidos fisicamente quando realizavam cobertura de protesto de manifestantes bolsonaristas contra o resultado da

eleição presidencial e a favor de um golpe militar.

A equipe estava gravando na esquina da Rua dos Andradas com a Bento Martins, quando um homem vestindo uma camiseta do então presidente Jair Bolsonaro aproximou-se e, por trás, começou a dar socos e empurrões, atingindo a nuca do Rogério e o rosto do auxiliar, que caiu no chão. Na queda, os equipamentos (microfone direcional, lapela, luz) ficaram parcialmente danificados.

Equipes da TV Record, SBT e RDC TV, que também faziam cobertura jornalística dos protestos no Centro de Porto Alegre, foram igualmente vítimas de violência (veja em “Impedimento ao exercício profissional”).

Rondônia

Porto Velho – 4 de novembro

Os jornalistas André Felipe Silva Mendonça e Ruan Gabriel Nascimento, respectivamente repórter e repórter cinematográfico, da Rede Amazônica de Televisão, foram perseguidos por um grupo de manifestantes bolsonaristas que interditou a Estrada do Belmont, em protesto contra o resultado da eleição presidencial e pedindo um golpe militar. O carro de reportagem ficou danificado.

São Paulo

Diadema – 13 de janeiro

A jornalista Melina Saad, repórter do SBT, foi agredida verbal e fisicamente, por um motorista envolvido num acidente de trânsito. Numa participação ao vivo no programa “Primeiro Impacto”, ela reportava um acidente no qual o motorista atingiu a mureta de uma igreja. O motorista permanecia dentro do veículo, mas ao perceber que estava sendo filmado, saiu do automóvel gritando para que interrompessem a gravação. Ele xingou a repórter e derrubou o microfone de sua mão, pisoteando-o em seguida.

São Paulo – 2 de março

Os jornalistas Renato Biazi e Ronaldo de Souza, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Globo, foram agredidos enquanto gravavam uma reportagem sobre a situação da “Feira da madrugada”, no Brás, no Centro de São Paulo.

Um homem que caminhava na companhia de um cachorro preso a uma corrente aproximou-se e xingou os jornalistas. Em seguida, passou a agredi-los fisicamente, utilizando a corrente. O repórter

cinematográfico foi atingido na mão e teve de se submeter a uma cirurgia.

Sorocaba – 13 de setembro

Duas jornalistas, repórteres de emissoras de televisão de Sorocaba, foram agredidas fisicamente, durante cobertura jornalística de uma motociclista, seguida de comício, do então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro. Apoiadores de Bolsonaro desferiram socos, empurrões e atiraram um chinelo na direção das profissionais.

Guarujá – 8 de outubro

O jornalista Helio Oliveira, repórter cinematográfico da TV Tribuna, foi agredido por um homem identificado como Armando Izzo, enquanto aguardava a chegada do então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro ao Guarujá. O homem deu um tapa, que atingiu o equipamento do jornalista, e também disparou xingamentos aos jornalistas que estavam no local.

Limeira – 31 de outubro

Os jornalistas Roberto Gardinalli e Carlos Gomide, o primeiro repórter fotográfico freelancer e, o segundo, repórter da Rádio Educadora de Limeira, foram agredidos física e verbalmente por manifestantes bolsonaristas, que bloqueavam a Rodovia Anhanguera nos dois sentidos, na região de Limeira, interior de São Paulo.

Carlos Gomide havia recebido, da Polícia Militar, informações de que uma pessoa estava com febre e outra pessoa estava com a perna machucada e ambas necessitando de atendimento com urgência. Ele reportou a informação ao vivo e, em seguida, alguns manifestantes o cercaram e começaram a chamá-lo de mentiroso, além de exigirem que deixasse o local.

Roberto Gardinalli saiu em defesa do colega e, quando os dois se afastavam do local, mais pessoas se juntaram e agrediram Carlos com chutes. Roberto tentou afastar os agressores e passou a filmar a agressão. O grupo se voltou contra ele, perguntando por que estava filmando, e tentou tomar-lhe o equipamento.

Mirassol – 2 de novembro

Os jornalistas Yuri Macri e Edmilson de Deus (China), respectivamente repórter e repórter cinematográfico da Record TV Rio Preto, foram agredidos fisicamente por manifestantes bolsonaristas. Eles estavam realizando o registro do bloqueio da Rodovia Washington Luiz, em protesto contra o resultado da eleição presidencial, quando foram cercados e atacados com chutes, joelhadas e empurrões por um grupo de manifestantes.

Os agressores ainda quebraram o microfone do repórter e jogaram água nos jornalistas. A agressão foi devidamente registrada e os profissionais registraram Boletim de Ocorrência.

Araraquara – 4 de novembro

O jornalista Chico Lourenço, repórter do Jornal da Morada, do grupo Montoro de Comunicação, foi agredido por membros da equipe de futebol da Ferroviária S/A, no campo do Parque Pinheirinho, local público que pertence à Prefeitura de Araraquara.

O jornalista registrava o socorro do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) a uma jogadora de 15 anos, que sofreu mal súbito durante o treino. A atleta não resistiu e faleceu no hospital.

As imagens estavam sendo registradas à distância, quando membros da comissão técnica do time feminino e diretores do clube se revoltaram contra o profissional. Chico Lourenço foi cercado, ameaçado, agredido com empurrões, teve seu celular arrancado de suas mãos, vasculhado e fotografias e vídeos foram apagados.

Sergipe

Capela – 3 de junho

Pelo menos dois jornalistas do grupo Atalaia (TV Atalaia e portal A8SE) foram agredidos fisicamente, enquanto faziam a cobertura da 83ª Festa do Mastro de Capela. Um grupo de pessoas não identificadas jogou pedras, pedaços de pau e garrafas de vidro nos profissionais.

Os dois jornalistas atingidos tiveram ferimentos leves na região da cabeça e do rosto. Outros que também estavam fazendo a cobertura jornalística da festa não foram atingidos.

Agressões verbais/ataques virtuais

Alagoas

Maceió – Novembro

A jornalista Thayanne Magalhães, repórter do jornal Tribuna Independente, foi chamada de “jornalista parcial” em mensagens e teve fotografias divulgadas entre grupos bolsonaristas, em especial, entre os organizadores das manifestações em frente ao Quartel do Exército, contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar.

Os ataques virtuais passaram a ocorrer depois da publicação de uma reportagem na qual a jornalista informou que o deputado Paulão (PT) havia sido ameaçado por policiais da reserva.

A esposa de um ex-policial civil, que aparecia na lista como integrante da organização dos protestos, foi quem encaminhou a Thyanne as mensagens que circulavam pelos grupos.

A repórter registrou Boletim de Ocorrência e pediu medida cautelar de proteção.

Amazonas

Manaus – 27 de outubro

O jornalista Adriano Santos, repórter do site Radar Amazônico, foi agredido verbalmente pelo prefeito de Manaus, David Almeida (Avante), que o chamou de “teleguiado”, “jornalista de bodó” e o acusou de estar a serviço da oposição.

O prefeito havia convocado uma coletiva de imprensa para rebater relatório que o associava ao tráfico de drogas, apresentando as “inconsistências” e anunciando que iria processar as pessoas que estavam usando o relatório para atacá-lo.

Ao fazer uma pergunta sobre o relatório, Adriano foi agredido verbalmente pelo prefeito, que expôs uma foto do jornalista ao lado do senador Eduardo Braga (MDB), à época candidato ao governo do Estado.

O prefeito retirou-se do local, e Adriano Santos continuou a transmissão, até ser interrompido por uma assessora da prefeitura, que o acusou de estar mentindo. Houve uma discussão entre os dois, que foi interrompida pela proprietária do site CM7 Brasil, Cileide Moussallem, que saiu em defesa da assessora e acusou Adriano de tê-la agredido. Adriano revidou: “Mídia paga da prefeitura. Vocês não são jornalistas porra nenhuma. Vocês recebem dinheiro para estar aqui. São um bando de puxa-saco que recebe dinheiro do David Almeida”.

Manaus – 10 de novembro

A jornalista Mayara Rocha, repórter e apresentadora da TV A Crítica, foi agredida verbalmente por um manifestante bolsonarista, em frente ao Comando Militar da Amazônia, na zona Centro-oeste de Manaus. Após fazer a reportagem sobre a manifestação contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar, Mayara foi xingada por um homem, que utilizou palavras de baixo calão para atacá-la. Ele também chutou o veículo da emissora.

Posteriormente, o agressor foi identificado e responde a processo judicial movido pela vítima e pela TV A Crítica.

Manaus – Novembro

A jornalista Ívina Garcia, repórter da revista Cenarium, tornou-se alvo de ataques virtuais, depois de publicar uma reportagem sobre os financiadores das manifestações bolsonaristas contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar.

Ela publicou um resumo da reportagem no Twitter e a publicação foi divulgada em grupos bolsonaristas. Ívina passou a ser agredida verbalmente e a receber ameaças, extensivas à sua família. “Hipócrita”, “bandida”, “vadia” e “desprezível”, foram algumas palavras utilizadas nas agressões. “Sabemos onde você e família moram”; “O que é seu tá indo”; “Amarrar uma âncora na pessoa e jogar no rio negro”, foram algumas das ameaças.

A jornalista teve de se licenciar do trabalho para tratamento de saúde.

Bahia

Feira de Santana – 1º de fevereiro

O jornalista Joilton Freitas, âncora do programa Rotativo News, veiculado na Rádio Sociedade de Feira de Santana, foi agredido verbalmente pelo vereador Fernando Torres (PSD), presidente da Câmara Municipal da cidade. O vereador chamou o profissional de “bandido do rádio” e ainda o ameaçou com a abertura de processos judiciais.

Jequié – Setembro

O jornalista Ari Moura foi atacado na tribuna da Câmara de Vereadores de Jequié e em programas de rádios, pelo vereador Walmir Marinho (Progressistas). As agressões verbais ocorreram depois que Ari, em seu programa diário numa rádio local, fez um comentário sobre a atuação da CPI dos Combustíveis, presidida pelo vereador, alertando para que a Comissão separasse “joio do trigo” na divulgação de suas investigações e não agredisse os depoentes, como vinha acontecendo.

O vereador acusou o jornalista, que é diretor do Sindicato de Jornalistas da Bahia (Sinjorba), de estar a serviço do cartel de combustíveis da cidade, o que caracteriza difamação e injúria.

Feira de Santana – Novembro

O jornalista Rafael Velame, que edita o Blog do Velame, em Feira de Santana teve dados pessoais e financeiros divulgados em três perfis anônimos da rede

social Instagram: Mídia Ninja FSA, Anônimos FSA e Blog de Denúncias FSA. Velame criticou a exposição de dados e informações de políticos e autoridades, feitas nos referidos perfis. Logo depois, teve os seus dados publicados. O caso vem sendo acompanhado pela polícia civil do município.

Luís Eduardo Magalhães – Novembro

A jornalista Heloise Steffens, editora das revistas digitais Estylo e Orange, tornou-se vítima de uma campanha virtual, visando um boicote econômico e popular às duas publicações.

Identificada na cidade como “petista” por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, ela passou a ser perseguida após o resultado da eleição presidencial, quando as duas revistas editadas por ela foram colocadas numa lista de empresas que, na visão dos bolsonaristas, deveriam ser boicotadas pela população da cidade e pelos anunciantes do comércio.

A lista foi inicialmente divulgada em um grupo de WhatsApp de moradores de um condomínio residencial e depois viralizada em redes sociais e outros grupos na cidade.

Ceará

Caucaia – 6 de maio

Uma equipe da TV Verdes Mares (afiliada da TV Globo), composta pelo repórter Halisson Oliveira e pelo repórter cinematográfico Marinaldo Lemos, foi xingada, quando fazia uma reportagem na Escola Estadual Profa. Marly Ferreira Martins, após denúncia de que a merenda escolar teria sido servida aos estudantes contendo larvas. Um homem aproximou-se e xingou os profissionais, utilizando termos como “seus bostas” e “sensacionalistas”. Ele ainda tentou atingir a câmera de filmagem, mas não conseguiu.

Distrito Federal

Brasília – 10 de janeiro

A jornalista Miriam Leitão, colunista do jornal O Globo e comentarista da TV Globo e da Globo News, foi agredida verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, durante entrevista ao programa “Os Pingos nos Is”, da Rádio Jovem Pan. Bolsonaro disse: “Se ela fosse tão boa, seria lembrada por alguém para ocupar ministério da economia, secretaria. Nunca foi lembrada para isso. Qual é a acusação contra mim? Que Fake News tenho praticado nas minhas mídias? Não existe. Quando

acontece equívoco, a gente se retrata. Coisa que não acontece com a Globo nem com essa comentarista econômica.” (...)

E continuou: “Lula fala que vai regular mídia, ela não tem qualquer crítica ao Lula. Paciência, Miriam Leitão. Você perdeu essa daí. Trabalhe melhor, comece a mostrar a verdade, que você tem credibilidade e pode me derrotar no futuro, já que você age partidariamente na sua televisão.”

Brasília – 2 de março

Os jornalistas Lilian Tahan, Mirelle Pinheiro e Carlos Carone, respectivamente editora-executiva e repórteres do site Metrôpoles, foram agredidos verbalmente e ameaçados pelo empresário Alexandre Pantazis. Em seu perfil pessoal no Instagram e no campo para comentários do perfil oficial do site, ele disse que uma notícia na qual fora citado era “mentirosa”, e usou xingamentos sexistas para atacar Lilian Tahan. Depois fez a ameaça: “Vou atrás de vocês (sic), se preparem.”

Os jornalistas registraram queixa e o empresário foi indiciado pelos crimes de injúria e difamação e ameaça.

Brasília – 3 de abril

A jornalista Miriam Leitão, colunista do jornal O Globo e comentarista da TV Globo e Globo News, foi atacada pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL), filho do então presidente Jair Bolsonaro. Em postagem no Twitter, a jornalista afirmou que Jair Bolsonaro é um inimigo confesso da democracia. Eduardo Bolsonaro respondeu com ironia e deboche: “Ainda com pena da cobra”, escreveu.

Ele debochou do fato de Miriam Leitão ter sido presa e torturada durante a ditadura militar. Uma das torturas a que ela foi submetida foi a de passar horas trancada em uma sala com uma jiboia. Na época, a jornalista estava grávida de um mês.

Brasília – 7 de abril

A jornalista Miriam Leitão, colunista do jornal O Globo e comentarista da TV Globo e da Globo News, foi agredida verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, em um comentário feito pelo Twitter. Bolsonaro utilizou em trecho de um vídeo da jornalista para

Ironicamente, afirmar que a ela falta isenção: “Com vocês, a isenta imprensa brasileira”, escreveu.

Brasília – 19 de junho

O jornalista Ricardo Noblat, do Blog do Noblat/portal Metrôpoles, foi agredido verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, que reproduziu

em seu perfil no Twitter uma publicação do jornalista e, como comentário, o xingou de “bosta”. “Se eu respondesse esse bosta à altura seria ataque à imprensa e à democracia”, ironizou.

Brasília – 22 de julho

Uma repórter foi agredida verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição, ao questioná-lo se ele passaria a faixa presidencial a seu sucessor, caso perdesse a eleição: “Você está louca para que eu fale não, né? Tá louca. Manchete! (...) Acabou tua cota de entrevista aí”.

Brasília – 13 de agosto

O jornalista Fábio Piperno, comentarista da rádio Jovem Pan, foi atacado verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, em entrevista ao canal Cara a Tapa. Bolsonaro ofendeu Fábio e ainda insinuou que ele deveria ser demitido:

“Tem um tal de ‘Piperone’, tem uma cara de bunda! É um cara de bunda!... Eu já conversei com o Augusto Nunes, já conversei com vários outros. ‘Pô, o que é que esse porcaria tá fazendo ali?’ Se ele falasse uma crítica construtiva tudo bem. ‘Não, é pra ter um contraponto’. Mas um contraponto merda!”, disparou.”

Brasília – 22 de agosto

O chargista Amarildo foi agredido verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, em uma publicação no Twitter. Bolsonaro reproduziu uma charge de Amarildo na qual critica as isenções de impostos feitas pelo governo (para a compra de jet ski, por exemplo, e afirma que o jornalista sabe que impostos sobre itens da cesta básica foram zerados, mas prefere enganar inocentes.

No mesmo tuíte, Bolsonaro critica genericamente a “mídia” (veja em Descredibilização da imprensa).

Brasília – 25 de agosto

O jornalista William Bonner, editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, da TV Globo, foi agredido verbalmente pelo então ministro das Comunicações, Fábio Faria, que é genro do empresário Sílvio Santos, dono do STB. Pelas redes sociais, o ex-ministro chamou o jornalista de “tchutchuca do PT”, após entrevista feita com o então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Jornal Nacional.

Três dias antes, Fábio Faria já havia criticado a postura de William Bonner na entrevista com o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro. “Como o William Bonner recebe o Presidente da República fazendo caras de deboche e caretas o temo inteiro?

Inacreditável!”, disse.

Brasília – 15 de setembro

A jornalista Vera Magalhães, colunista do jornal O Globo, apresentadora do programa “Roda Viva”, da TV Cultura, e comentarista da rádio CBN, foi atacada verbalmente pela ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, durante entrevista à rádio Band News. Damares repetiu a ofensa proferida pelo então presidente Jair Bolsonaro, durante debate entre os candidatos à presidente, no dia 28 de agosto. “A Vera é realmente uma vergonha para o jornalismo”, disse.

A ex-ministra e senadora eleita acusou falsamente Vera de ter debochado do estupro sofrido por ela, Damares, quando criança. A jornalista, na verdade, ironizou a história contada por Damares, em 2018, de que teria visto uma aparição de Jesus, numa goiabeira.

Brasília – 25 de setembro

O jornalista Leandro Demori, ex-editor do Intercept Brasil e fundador da newsletter “A Grande Guerra”, foi chamado de “bosta” por Gustavo Castañon, durante o programa do PDT na internet. Demori citou na newsletter uma reportagem do UOL sobre presença de filiados ao PDT em grupos de extrema direita.

Gustavo foi o estrategista da campanha de Ciro Gomes e está cedido pela Universidade Federal de Juiz de Fora para o Senado, onde ocupa o cargo de Assessor Parlamentar 11”.

Brasília – 15 de novembro

Uma equipe de reportagem do Grupo Jovem Pan, formada por repórter e repórter cinematográfico, foi agredida verbalmente e hostilizada por manifestantes, quando fazia reportagem em frente ao Quartel-General do Exército, onde o grupo montou acampamento. O repórter fazia uma transmissão ao vivo e afirmou que os manifestantes eram a favor de uma intervenção das Forças Armadas no poder.

A equipe foi cercada por um grupo, que criticou o relato do repórter e dizia que ele deveria “falar a verdade”. Um homem chamou o repórter de mentiroso e alguém gritou: “Vergonha o repórter da Jovem Pan”.

A equipe também foi vaiada. Policiais militares da Polícia do Exército cercaram os profissionais de imprensa, pediram que os manifestantes se afastassem para que a equipe saísse do local.

Mato Grosso

Cuiabá – 2 de novembro

Os jornalistas Fernando Moreno e João Páscoa, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Vila Real, foram agredidos verbalmente, durante a cobertura jornalística da manifestação de bolsonaristas contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar no país.

agressão ocorreu em frente à 13ª Brigada, na Av. do CPA. Os manifestantes bolsonaristas inicialmente cercaram o repórter cinematográfico. Fernando aproximou-se e disse a eles que estavam finalizando a reportagem, iniciada com entrevistas e imagens de outros pontos de protesto.

O grupo questionou por que a equipe não tinha chegado mais cedo (já era noite) e começou a xingar os jornalistas. “Canalhas”, “vagabundos” e “mau-caráter” foram alguns dos xingamentos utilizados no ataque.

Quando a equipe já estava dentro do carro da reportagem, um grupo cercou o veículo, o balançou e danificou o teto e o para-brisa.

Minas Gerais

Juiz de Fora – 7 de setembro

Os jornalistas Gabriel Landim e Humberto Campos, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Integração, foram agredidos verbalmente por um apoiador do então presidente Jair Bolsonaro, durante a cobertura jornalística da Festa Alemã da cidade. O homem, que usava adesivos de campanha de um candidato bolsonarista, também tentou impedir a equipe de fazer a reportagem, mas policiais intervieram para garantir o direito dos jornalistas ao exercício profissional.

Paraná

Curitiba – 8 de abril

O repórter fotográfico Eduardo Matysiak foi exposto em redes sociais pelo empresário Luciano Hang, dono da cadeia de lojas Havan e militante da extrema-direita no Brasil. O empresário disse que o jornalista não era imparcial e que agia por suas ideologias (de esquerda), o que motivou uma série de ataques contra Eduardo Matysiak e alguns de seus familiares nas redes sociais, incluindo ameaças.

A atitude do empresário foi tomada após Matysiak

ter feito o registro do ônibus “Patriota”, usado por Hang, estacionado em local proibido em Curitiba, no dia 7 de abril de 2022. O ônibus foi multado pelas autoridades de trânsito da capital paranaense.

Curitiba – 22 de agosto

O jornalista Célio Martins, responsável pela coluna “Certas Palavras”, do jornal Gazeta do Povo, foi agredido verbalmente e exposto pelo empresário Luciano Hang, que compartilhou em suas redes sociais uma notícia produzida pelo jornalista, na qual ele explicou como se deu a expansão das lojas Havan no país, durante os governos petistas. Com apresentação de dados, Célio Martins apontou que de 2002, ano da posse de Lula, até 2014, término do primeiro mandato de Dilma, a Havan saltou de 4 lojas para 86 megalojas de departamentos, um crescimento de 2.000%.

O empresário questionou a contratação do jornalista pelo jornal e desferiu os ataques, chamando-o de “esquerdista” e “militonto idiota”.

O jornalista Célio Martins é o 2º vice-presidente da FENAJ e o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Paraná.

Paranaguá – 2 de novembro

Os jornalistas Fernanda Xavier e Paulo Melo, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TVCi, foram agredidos verbalmente e tiveram o veículo de reportagem violado e invadido, durante a cobertura dos protestos contra o resultado da eleição presidencial e em defesa de um golpe militar.

Os ataques foram cometidos por manifestantes bolsonaristas que, para tentar justificar a agressão contra os jornalistas, chegaram a afirmar, falsamente, que os trabalhadores haviam agredido uma idosa.

Piauí

Teresina – 2 de novembro

Os jornalistas Mikaela Ramos repórter dos portais G1 e GP1, Rayanna Musinho, repórter da TV Antena 10, Sthefany Negreiros, repórter do Portal Viagora, e Eliézer Rodrigues, repórter da TV O Dia, foram agredidos verbalmente e intimidados por manifestantes bolsonaristas, em frente ao 25º Batalhão de Caçadores, no Centro da capital.

Os manifestantes bolsonaristas tinham sido orientados a não conceder entrevistas à imprensa. Enquanto conversavam com o único presente que topou explicar a manifestação, os jornalistas foram

cercados e xingados por um grupo de mulheres. Uma delas, usando um megafone gritava que a imprensa era culpada de tudo de ruim que estava acontecendo no Brasil. Outras faziam acusações de que os jornalistas iriam “deturpar tudo” e xingavam os jornalistas utilizando termos como “vagabundos”.

Rio de Janeiro

Niterói – 4 de março

O jornalista Luiz Antônio Mello, editor sênior da edição digital matinal do jornal A Tribuna, foi agredido verbalmente pelo major Clímaco, coordenador-geral do Segurança Presente Niterói. Em um texto intitulado “Nota de Repúdio” e distribuído em grupos de WhatsApp, o oficial da PM criticou o jornal e o jornalista pela publicação do artigo “Segurança Presente desaparece de Icaraí no Carnaval”.

O jornalista fora alertado por diversos leitores do jornal sobre a escassez de policiamento no carnaval naquela região. O major não procurou dar explicações à sociedade e acusou o jornal de divulgar “fake news” e tentou desqualificar o jornalista.

Rio de Janeiro – 11 de abril

Os jornalistas Pedro Figueiredo, repórter da TV Globo, Felipe Grinberg e Luiz Ernesto Magalhães, repórteres do jornal O Globo, foram vítimas de uma campanha de descredibilização nas redes sociais, deflagrada pelo então vereador Gabriel Monteiro (PL), que posteriormente foi cassado, por acusação de estupro e assédio sexual.

Os jornalistas haviam sido hostilizados e intimidados por apoiadores de Gabriel, durante entrevista concedida por ele, quando ainda era parlamentar. O então vereador, por meio de seus assessores, havia filmado a entrevista que, depois de editada, foi exibida nas redes sociais dele, gerando xingamentos e ameaças aos profissionais.

Araruama – 2 de junho

O jornalista Arlindo Júnior, repórter do site O Diário, foi agredido verbalmente, pelo vereador de Araruama, Márcio Ricardo de Oliveira Silva, conhecido como Oliveira da Guarda. Em discurso proferido da tribuna, o vereador xingou o jornalista, utilizando xingamentos como “vagabundo”, “sem caráter”, “vendido”, “pilantra” e “lixo”.

Rio de Janeiro – 29 de setembro

O jornalista William Bonner, editor e apresentador do

Jornal Nacional, da TV Globo, foi ofendido pelo então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro. Ao conceder entrevista, antes do debate entre os presidentes, realizado pela TV Globo, Bolsonaro acusou o jornalista e a própria TV Globo de serem parciais.

Ao ser questionado sobre o que esperava do debate, respondeu: “Espero parcialidade por parte da Globo, apenas isso. Como demonstrou no debate que William Bonner simplesmente absolveu Lula de toda a roubalheira e de tudo que ele fez de errado no Brasil.”

Roraima

Boa Vista – 5 de novembro

A jornalista Cyneida Correia, repórter da Folha de Boa Vista, sofreu inúmeros ataques em redes sociais, depois de publicar no Twitter um comentário sobre os manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado da eleição presidencial. “Que tipo de gente é essa que só aceita o resultado da eleição se for o que eles querem? Gente desocupada que não sabe o que significa #Democracia”, escreveu.

A publicação foi feita no dia 3 de novembro e dois dias depois foi divulgada pelo empresário e ex-candidato a deputado federal Filipe Silva Costa, conhecido como Filipe Barcelos, no Facebook e Instagram. A partir de então, foram inúmeras ofensas e também ameaças a Cyneida Correia, nas redes sociais.

Santa Catarina

Blumenau – 1º de novembro

O jornalista Jotaan Silva, repórter do jornal O Município Blumenau, foi agredido verbalmente por um homem, quando mostrava, ao vivo, a ação da Polícia Militar num protesto de eleitores bolsonaristas, com bloqueio de uma rua da cidade. “Sem vergonha”, “comprado”, “mentiroso”, “covarde”, foram alguns dos xingamentos utilizados na agressão.

No mesmo dia, outros jornalistas foram hostilizados e ameaçados em Blumenau (veja em “Ameaças/hostilizações/intimidações”).

Florianópolis – 30 de novembro

A jornalista Dagmara Spautz, colunista do portal NSC Total, foi atacada pelo deputado estadual Jessé Lopes (PL-SC). Ele usou a tribuna da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc) para tentar desqualificar o trabalho da jornalista, afirmando que ela

precisava de “uma serpente com ovo”, um comentário sexista e machista.

O ataque ocorreu após Dagmara publicar artigo, no qual questionou as interações positivas (curtidas) do perfil oficial da Polícia Militar de Santa Catarina com postagens do vice-presidente Hamilton Mourão questionando a legalidade das eleições de outubro.

São Paulo

Rio das Pedras – Março

O jornalista Alex Garcia Calmont, editor do jornal O Verdadeiro, passou a ser agredido verbalmente por integrantes do Poder Executivo, após publicar reportagem em que replicou informações publicadas pelo portal Repórter Brasil, no dia 7 de março, sobre a condição da água consumida no município (Mapa da Água).

Em evento público, o prefeito da cidade o insultou e dias depois, o assessor de comunicação da Prefeitura publicou um vídeo de 7 minutos em que proferiu diversas ofensas ao jornalista, acusando de má fé e falta de caráter. No vídeo, o assessor também incentivava a população a abordar o jornalista na rua, pedia aos anunciantes do jornal para retirarem seus patrocínios e sugeriu que ele fosse demitido de cargo no gabinete de uma vereadora local.

O jornalista Alex Calmont registrou boletim de ocorrência contra o assessor da Prefeitura.

São José dos Campos – 18 de agosto

O jornalista Guilherme Amado, colunista do portal Metrôpoles, foi agredido verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro. Em entrevista à imprensa, ele disse: "Guilherme Amado? Você tá de brincadeira. Esse cara é o fim do mundo. É uma fábrica de fake news".

Na mesma entrevista, Bolsonaro também atacou genericamente a categoria dos jornalistas (veja em Descredibilização da imprensa).

São Paulo – 28 de agosto

A jornalista Vera Magalhães, colunista do jornal O Globo, apresentadora do programa “Roda Viva”, da TV Cultura, e comentarista da rádio CBN, foi agredida verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, durante o primeiro debate entre os candidatos à Presidência, realizado por um conjunto de veículos de Comunicação (Band TV, TV Cultura, jornal Folha de S. Paulo e portal UOL).

Vera fez uma pergunta ao então candidato Ciro

Gomes (PDT) sobre a queda da cobertura vacinal no Brasil. Bolsonaro, ao ter a palavra, acusou Vera de estar mentindo e de ser parcial. “Vera, não podia esperar outra coisa de você. Eu acho que você dorme pensando em mim, você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido num debate como este, fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”, disse.

No dia 7 de setembro, um cartaz com a mesma ofensa à jornalista Vera Magalhães foi exibido na Praia de Copacabana, durante manifestação realizada por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro. A mensagem, exposta em um guindaste carregado por um caminhão na Avenida Atlântica, trazia uma foto da jornalista e a frase “Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”.

São Paulo – 6 de setembro

A jornalista Amanda Klein, comentarista da rádio Jovem Pan, foi agredida verbalmente pelo então presidente Jair Bolsonaro, durante sabatina realizada em razão da eleição presidencial. O então candidato à reeleição foi questionado por ela sobre a origem do dinheiro para a compra de 51 imóveis em dinheiro vivo, por membros de sua família.

Em resposta, Bolsonaro falou da vida pessoal da jornalista e disse que a acusação era leviana: “Amanda, você é casada com uma pessoa que vota em mim. Eu não sei como é o teu convívio na tua casa com ele, mas eu não tenho nada a ver com isso. (...) Você não pode me acusar de uma coisa. Amanda, respeitosamente essa acusação tua é leviana. É leviana, tá?!”

Na mesma entrevista, Bolsonaro também atacou o jornal Folha de S. Paulo e o portal UOL (veja em Descredibilização da imprensa).

São Paulo – 12 de setembro

O jornalista Mauro Cezar Pereira, comentarista da Jovem Pan, foi alvo de ataques virtuais depois que se tornou público que o técnico do Palmeiras, Abel Ferreira, havia apresentado contra ele uma queixa-crime e uma ação civil, pedindo retratação e indenização por danos morais (veja em Cerceamentos a liberdade de imprensa por ações judiciais).

Ele teve seu número de celular divulgado e passou a ser atacado pelas redes sociais e também por mensagens.

São Paulo – 13 de setembro

A jornalista Vera Magalhães, colunista do jornal O Globo, apresentadora do programa “Roda Viva”, da TV

Cultura, e comentarista da rádio CBN, foi agredida verbalmente pelo deputado Douglas Garcia, no Memorial da América Latina, durante debate entre candidatos ao governo do Estado.

Com celular em punho, o deputado, que fazia parte da comitiva do ex-ministro e candidato Tarcísio de Freitas (Republicanos), atacou a jornalista afirmando que ela é "uma vergonha para o jornalismo" e questionando o valor do seu contrato de trabalho.

A expressão utilizada para atacar Vera foi a mesma que o então presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição, disse durante o debate entre os candidatos presidenciais, realizado em 28 agosto.

Bauru – 21 de setembro

A jornalista Tânia Morbi, repórter do Jornal da Cidade de Bauru, foi agredida verbalmente pela vereadora Chiara Ranieri (União Brasil). Durante sessão da Câmara Municipal, a vereadora fez afirmações colocando sob suspeita a imparcialidade da jornalista na cobertura da sessão extraordinária, realizada no dia anterior (20), em que vereadores decidiram pela não cassação do mandato da prefeita de Bauru Suéllen Rosim (PSC).

A vereadora insinuou que houve parcialidade da profissional na cobertura da sessão anterior, pelo fato de Tânia ter trabalhado, no município de Agudos, com chefe de gabinete da então prefeita de Bauru. À época, Tânia atuava como assessora de imprensa da Prefeitura de Agudos e Rafael Lima era secretário de Educação naquele município.

São Paulo – 21 e 22 de setembro

O jornalista Pedro Venceslau, repórter de política do jornal O Estado de S. Paulo, foi agredido verbalmente pelo então candidato a presidente Ciro Gomes (PDT), durante sabatina promovida pelo Estadão, em parceria com a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).

Ciro insinuou que o PT intoxicou a cabeça de Pedro Venceslau, depois de ter sido questionado se o candidato iria para Paris em um eventual segundo turno entre Lula e Bolsonaro (PL), como fez em 2018.

No dia seguinte, em entrevista o podcast "Monark Talks", Ciro fez uma grave acusação contra o repórter, afirmando que ele havia feito "trabalho sujo a serviço do gabinete do ódio de Lula".

São Paulo – 27 de setembro

A jornalista Nina Lemos, colunista da plataforma Universa, foi atacada virtualmente depois de publicar um artigo de opinião sobre a presença da então

primeira-dama, Michele Bolsonaro, no velório da rainha Elizabeth. Apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro pegaram fotos da jornalista nas redes sociais e colocaram legendas ofensivas, inclusive com palavras de baixo calão.

Os ataques virtuais à jornalista ganharam força depois que o deputado federal, Eduardo Bolsonaro, reproduziu em suas redes sociais montagens ofensivas a ela.

Nina Lemos vive em Berlim. O ataque virtual está registrado no estado de São Paulo, sede da Universa, plataforma do UOL dedicada às mulheres.

Bocaina – 2 de outubro

O jornalista Antônio Carlos Bispo do Carmo de Oliveira, repórter freelancer, foi agredido verbalmente por um homem, durante a cobertura do primeiro turno das eleições 2022. Ele gravava vídeos pelas ruas da cidade para compartilhar no portal Diário da Cidade e nas redes sociais, quando foi abordado por um morador, apoiador da gestão municipal, e agredido com xingamentos, em razão da reportagem sobre a prisão do prefeito Marco Antônio Giro (União Brasil), suspeito de praticar boca de urna próximo a um local de votação.

São Paulo – 27 de outubro

O jornalista Thiago Domenici, diretor e editor da Agência Pública, foi agredido verbalmente e ameaçado após a divulgação da reportagem "Matar e quebrar urnas", na qual denuncia orquestração criminosa no chat "Nova direita 70 milhões", do Telegram, encabeçada por Jackson Villar da Silva, presidente do "Acelera para Cristo".

Nas gravações a que teve acesso a Agência Pública, Villar propunha uma espécie de eleição paralela, diz que vai provar fraude nas urnas e faz incitação à violência, com expressões como "quebrar os esquerdistas no cacete", "quebrar a urna eletrônica no pau", e "cientista político tem que apanhar".

Depois da divulgação da reportagem, inclusive por outros veículos de comunicação, Thiago foi ameaçado e ofendido no mesmo chat "Nova direita 70 milhões". Villar chamou o jornalista de "pilantra", "safado" e "cretino" e disse que ia mandar um amigo atrás dele.

Os áudios também revelam uma ação orquestrada contra a Agência Pública nas redes sociais.

São Paulo – 22 de novembro

O jornalista Luiz Guilherme Megale, da rádio BandNews FM, foi atacado nas redes sociais por um homem identificado como Ubirajara Dias, depois de criticar os protestos contra o resultado da eleição

presidencial e a favor de um golpe militar, que se iniciaram um dia após o segundo turno das eleições.

O homem pediu aos internautas para viralizarem o vídeo com o comentário do jornalista e para divulgarem seu nome. Em tom de ameaça, escreveu que ele teria uma recepção calorosa, quando voltasse do Qatar (Megale estava em Doha para a cobertura da Copa do Mundo de Futebol). O homem também pediu que, se alguém soubesse, divulgasse o endereço do jornalista, a quem chamou de “comunista”.

Ameaças/hostilizações/intimidações

Acre

Rio Branco – Junho

O jornalista João Renato Jácome de Andrade, do site Notícias da Hora, foi intimidado pela vereadora de Rio Branco (AC), Michelle Melo (PDT), após o profissional denunciar o uso indevido de um veículo pertencente à Câmara Municipal de Rio Branco, dirigido pela namorada da parlamentar, que não é servidora da Casa Legislativa. A vereadora afrontou João Renato, afirmando que ele era seu inimigo.

O uso indevido do veículo da Câmara Municipal está sendo investigado pelo Ministério Público do Acre (MPAC).

Amazonas

Manaus – 2 de novembro

Jornalistas da Rede Amazônica e da CNN foram ameaçadas por Thiago Farias, responsável pelo perfil @TH85_Oficial no Twitter. Ele conclamou os eleitores bolsonaristas que acamparam em frene ao Comando Militar da Amazônia para protestar contra o resultado das eleições a quebrar os profissionais que se aproximassem do local. “Quebre ele. Nada de morte ou algo que manche nosso ato, por favor. Apenas aleije, inválide (sic), no máximo”, escreveu.

Após denúncia do Sindicato dos Jornalistas, a plataforma bloqueou a conta por se enquadrar na regra de combate ao discurso de ódio.

Bahia

Feira de Santana – 1º de fevereiro

O vereador Pedro Cícero (Cidadania) tentou intimidar genericamente jornalistas da cidade, pedindo da tribuna da Casa, que o chefe da Assessoria de Comunicação da Câmara Municipal de Feira de Santana, radialista Marcos Valentim, usasse de forma discricionária a verba publicitária do legislativo, cortando recursos de programas de rádio e sites que criticassem o Legislativo municipal. Pedro Cícero quis, com a intimidação, pressionar os profissionais a não publicarem ou comentarem fatos negativos sobre a Câmara e seus vereadores.

Feira de Santana – Novembro

A jornalista Andrea Trindade, do site Acorda Cidade, sofreu ameaças anônimas após denunciar perfis apócrifos que atacam jornalistas e políticos da cidade. Os criminosos enviaram através de seu WhatsApp uma série dados pessoais que tinham em seu poder (números de documentos, dados bancários e fiscais), ameaçando divulgá-los na internet.

Ceará

Fortaleza – 21 de fevereiro

O deputado estadual Delegado Cavalcante (PTB) aproveitou um ato de protesto contra a cobrança, pela concessionária de energia Enel, pelo uso de postes por operadoras de internet, em Fortaleza, para instigar os manifestantes a intimidar profissionais da imprensa que estavam realizando cobertura jornalística.

Cavalcante esqueceu que estava com microfone e foi flagrado incitando a violência contra os trabalhadores da TV Verdes Mares, afiliada da Globo. “A Globo está ali. Vão para cima, vão. Vai, vai”, dizia o parlamentar, enquanto aborda algumas pessoas. A um outro grupo, o deputado pede para chegue perto dos jornalistas e grite a frase “Globo bosta”.

Distrito Federal

Brasília – 3 de maio

Pelo menos dois jornalistas – os repórteres Júlia Lindner e André Borges, do jornal O Estado de S. Paulo – foram hostilizados e ameaçados por manifestantes bolsonaristas, durante ato de apoio ao então presidente Jair Bolsonaro, na Praça dos Três Poderes.

Durante a mesma manifestação, outros jornalistas além de serem hostilizados, foram agredidos fisicamente (veja em Agressões físicas).

Brasília – 4 e 5 de junho

Os jornalistas Vanessa Lippelt e Lucas Neiva, respectivamente editora e repórter do site Congresso em Foco, foram vítimas de ameaças após a divulgação de uma reportagem que denunciou um esquema bolsonarista de distribuição de informações falsas, comumente chamadas de “fake news”.

Vanessa foi ameaçada de morte e de estupro. Em mensagem enviada a ela, o agressor escreveu: “Eu vou te matar, sua vagabunda. (...) Eu já tenho seus dados e os dados de toda sua família. Viajarei até sua casa com a arma que estou enviando a foto em anexo, tenho 200 balas, assim fazer a festa no seu cafofo e provavelmente morrer em um belo confronto com a polícia depois de estuprar você e todas as crianças presentes.”

Lucas Neiva foi ameaçado de morte, no dia 4, logo após a publicação da reportagem, e também no dia 5.

Os dois jornalistas ainda tiveram dados pessoais vazados e o site sofreu um ataque hacker (veja em Ataques cibernéticos).

Brasília – 7, 9, 11, 13, 15 e 23 junho

O então presidente Jair Bolsonaro, em seis episódios diferentes durante o mês de junho, foi hostil e desrespeitoso com o jornalista Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira, assassinados na Amazônia. Dois dos casos ocorreram nos Estados Unidos.

No dia 7 de junho, quando Dom e Bruno ainda eram considerados desaparecidos, em entrevista ao SBT Bolsonaro disse que eles participaram de uma “aventura não recomendável”:

“O que nós sabemos até o momento? Que no meio do caminho teriam se encontrado com duas pessoas, que já estão detidas pela Polícia Federal, estão sendo investigadas. E, realmente, duas pessoas apenas num barco, numa região daquela, completamente selvagem, é uma aventura que não é recomendável que se faça. Tudo pode acontecer. Pode ser um acidente, pode ser que eles tenham sido executados. Tudo pode acontecer.”

No dia 9 de junho, em entrevista nos EUA, Bolsonaro volta a mencionar que o jornalista Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira, que seguiam desaparecidos, participaram de uma “aventura”:

“Naquela região, geralmente você anda escoltado, foram para uma aventura, a gente lamenta pelo pior”.

Novamente em entrevista nos EUA, dia 11 de junho, Bolsonaro voltou a atribuir a Dom Phillips a responsabilidade por seu próprio desaparecimento:

“Eles, quando partiram, a informação que temos é

que não foi acertado com a Funai. Acontece. As pessoas abusam e as coisas acontecem. Eu peço a Deus que sejam encontrados vivos.”

Em 13 de junho, durante conversa com apoiadores, em frente ao Palácio da Alvorada, Bolsonaro volta a responsabilizar Dom e Bruno pelo próprio desaparecimento:

“ Acho que até os dois sabiam do risco que corriam naquela região. Os dois sabiam. (...)”

Não tem por que mandar mais gente para lá. Chegou a bater 250 pessoas, duas aeronaves e muita embarcação. Lá tem de tudo que se possa imaginar naquela região. Eu lamento eles terem saído da forma como saíram, duas pessoas apenas, em terras desprotegidas. Tem notícia de pirata na região. Tudo tem ali.”

No dia 15 de junho, mais uma vez, Bolsonaro responsabiliza Dom Phillips, com especulações mórbidas sobre seu destino, durante entrevista à jornalista Leda Nagle:

“Esse inglês ele era malvisto na região, porque ele fazia muita matéria contra garimpeiro, a questão ambiental... Então, naquela região lá, que é uma região bastante isolada, muita gente não gostava dele. Ele tinha que ter mais que redobrada atenção para consigo próprio. E resolveu fazer uma excursão. (...) A gente não sabe se alguém viu e foi atrás dele. Lá tem pirata no rio, tem tudo que você possa imaginar. E é muito temerário você andar naquela região sem estar devidamente preparado fisicamente e também com armamento devidamente autorizado pela Funai, que pelo que parece não estavam. (...) Você pode ver: pelo que tudo indica, se mataram os dois, se mataram, espero que não, eles estão dentro d’água, e dentro d’água pouca coisa vai sobrar, peixe come, não sei se tem piranha lá no Javari. A gente lamenta tudo isso, pede a Deus que nada tenha acontecido.”

Em 23 de junho, quando o assassinato do jornalista e do indigenista já estava confirmado, Bolsonaro ataca a memória dos dois. Em conversa com apoiadores em Brasília, ele os responsabiliza pela própria morte, fazendo uso de expressão mórbida:

“Tem que fazer comparação. Igual o Lula tava esbravejando sobre os dois que desapareceram na Amazônia, acharam os corpos depois. Lamentamos o ocorrido. Mas entraram numa área, pô, sem segurança. É eu subir o morro... uma comunidade no Rio de Janeiro com esse olho azul e essa cara à noite. Vou para o micro-ondas ou não vou? Ué. A gente lamenta.

Entraram.”

Brasília – 11 de julho

Uma jornalista foi hostilizada e intimidada pelo então presidente Jair Bolsonaro, ao questioná-lo sobre sua afirmação “vamos fuzilar a petralhada”, feita com um fuzil nas mãos, em 2018: “Você sabe o que é sentido figurado? Você estudou português na sua faculdade ou não?”, disse à repórter.

Brasília – 11 de julho

A jornalista Miriam Leitão, colunista do jornal O Globo e comentarista da TV Globo e Globo News, foi hostilizada pelo então presidente Jair Bolsonaro. Depois de ela publicar um artigo crítico ao governo, Bolsonaro publicou em seu perfil no Twitter: “Será que o segredo para ganhar sua simpatia é aplaudir ataques violentos a opositores ao invés de rejeitar esse tipo de apoio como fiz? Há 2 dias seu candidato literalmente agradeceu e elogiou um vereador do PT pela tentativa de homicídio de um opositor e você não falou nada...”

Brasília – 1º de agosto

O então presidente Jair Bolsonaro, em conversa com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, atacou mais uma vez ataca a memória do jornalista Dom Philips e do indigenista Bruno Pereira, assassinados na Amazônia. De maneira hostil, tratando o episódio como se fosse banal, ele disse:

“Deu uma preocupação com aqueles dois que mataram, covardemente, na Amazônia. Logicamente, ninguém queria isso aí. Agora, quantos desaparecem por dia em alguns morros do Rio de Janeiro? No micro-ondas. Eu já subi morro, eu já vi micro-ondas. O que tem de pedacinho de osso no chão...”

Brasília – 10 de outubro

A jornalista Júlia Affonso, repórter do jornal O Estado de S. Paulo, foi hostilizada pelo então presidente da República, Jair Bolsonaro, após questioná-lo sobre o recuo dele quanto ao veto ao chamado orçamento secreto (emendas do relator que são destinadas a parlamentares, sem a devida transparência). Notadamente irritado, Bolsonaro interrompeu a jornalista: “Por favor! Você não aprendeu sobre orçamento secreto ainda; que não é meu? Pelo amor de Deus, para com isso. O orçamento secreto é uma decisão do Legislativo, que eu vetei e, depois, derrubaram o veto”.

Bolsonaro, de fato, vetou a proposta em duas ocasiões. Em uma delas, os parlamentares derrubaram o veto. Na outra ocasião, houve acordo do Executivo com

a Legislativo para a aprovação de uma outra lei tratando do assunto.

Brasília – 11 de novembro

Uma equipe formada por um repórter e um repórter fotográfico do jornal Correio Braziliense foi ameaçada por manifestantes bolsonaristas, que protestavam contra o resultado da eleição presidencial, diante do Quartel-General do Exército. Os jornalistas registravam a partida de alguns caminhões que estavam no local, quando foram cercados por um grupo de manifestantes e, diante das ameaças, tiveram de sair do local.

Brasília – 22 de novembro

Pelo menos dois jornalistas foram hostilizados por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, enquanto aguardavam o pronunciamento do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, no qual ele levantou suspeitas, sem provas, sobre o funcionamento das urnas eletrônicas. O grupo queria acesso ao local do pronunciamento, para o qual a imprensa foi convidada.

Brasília – 12 de dezembro

Vários jornalistas foram ameaçados e hostilizados, durante a cobertura jornalística dos atos de vandalismo que ocorreram na capital federal, depois da prisão do indígena José Acácio Serere Xavante, apoiador do então presidente Jair Bolsonaro, investigado por atos antidemocráticos.

Os bolsonaristas tentaram invadir a sede da Polícia Federal, sem sucesso, e depredaram carros e ônibus. A cobertura jornalística das depredações teve de ser feita a distância.

Espírito Santo

Cariacica – 12 de abril

Um jornalista, que pediu para não ser identificado, repórter fotográfico do jornal A Gazeta, foi ameaçado por suspeitos de envolvimento no crime de adulteração de combustível, quando cobria uma ação da Polícia Civil, no bairro Bela Aurora, município de Cariacica. O repórter fotográfico também foi obrigado a apagar as imagens que havia registrado.

Vitória – 20 de julho

A jornalista Daniela Carla, repórter da TV Gazeta (afiliada da TV Globo) foi ameaçada por um homem armado, durante participação ao vivo no telejornal “Bom Dia Espírito Santo”. Ela estava no Morro do Cabral para repercutir os tiroteios que tinham ocorrido durante a madrugada em mais de comunidade da região

metropolitana de Vitória. Quando estava ao vivo, o homem armado aproximou-se e mandou que ela deixasse o local.

Vitória – 14 de dezembro

Uma equipe de reportagem da TV Vitória (afiliada da TV Record) foi ameaçada por traficantes, que chegaram a atirar contra o carro da reportagem durante apuração de um confronto entre traficantes que atuam na região.

Goiás

Goiânia – 5 de outubro

O jornalista José Bonfim, repórter da CBN Goiânia, foi ameaçado e agredido verbalmente pelo vereador Kleybe Morais (MDB), dentro do plenário da Câmara Municipal de Goiânia.

Durante a sessão plenária, o vereador disse que não aceitaria “bandidos da imprensa” fazerem chacota da cara dele e fez ameaças: “Vou pra cima e vou na goela. Já fi uma vez e vou fazer de novo. Pra quem sabe ler, um pingo é letra. Não me importa se é hétero ou gay; não importa se é bicha ou se é homem. Vou com tudo pra cima e entenda isso. Sim, como uma ameaça”, disse da tribuna.

Em seguida, o vereador dirigiu-se ao espaço reservado a imprensa e passou a atacar o jornalista José Bonfim, chamando de “moleque” e “marginal”.

A agressão do vereador ocorreu após a publicação de reportagem, feita por outro profissional, relatando suspeitas de desvios de verba no gabinete dele. O MDB condenou a atitude do vereador e o Sindicato dos Jornalistas protocolou pedido de investigação por quebra de decoro à Comissão de Ética da Câmara Municipal de Goiânia.

Maranhão

Codó – 13 de abril

O jornalista Marcos Silva, responsável pelo blog que leva seu nome, foi ameaçado por uma jovem, que lhe enviou áudios com ataques verbais, chamando-o de “desgraçado”, e a promessa de que faria da vida dele “um inferno”.

A ameaça ocorreu porque o jornalista noticiou a prisão de Paulo Henrique Muniz, conhecido como Batoré, e suspeito de envolvimento em roubar motocicletas na cidade. A jovem, irmã do suspeito, disse que o jornalista estava “vacilando” e “caçando atenção”.

Mato Grosso

Pontes e Lacerda – 18 de outubro

O jornalista Gabriell Moreira, repórter da TV Centro-Oeste (afiliada do SBT), foi ameaçado por um manifestante bolsonarista, quando faziam reportagem sobre bloqueio na BR-174, em protesto contra o resultado da eleição presidencial e pedindo intervenção militar no país.

Gabriell fazia uma transmissão ao vivo pelo Instagram da emissora. Quando se aproximou de uma barreira de pneus queimados, foi abordado por um homem que ordenou o encerramento da filmagem. “Patrão, pode parar. Desliga, desliga, fazendo favor.” O jornalista questionou o porquê da ordem e então foi ameaçado: “Porque não pode filmar, senão vai ter problema com todo mundo. E tem gente muito pior que eu. Mandaram eu chegar na voadora em você aqui. Então, não filma, irmão. Se eles virem você filmando, vão pegar você. (sic)”

Cuiabá – 21 de novembro

A jornalista Deisy Boroviec, servidora da Assembleia Legislativa do Mato Grosso, foi ameaçada de morte por um apoiador do então presidente Jair Bolsonaro. Utilizando o Facebook, o homem identificado na rede social Rodrigo Valdívia, também ofendeu verbalmente a jornalista e o povo nordestino e incitou os bolsonaristas a fazê-la “famosa”.

Numa primeira postagem, o agressor citou o nome e o local de Deisy, afirmou que ela passou a campanha eleitoral divulgando “fake news” e pediu a mensagem fosse espalhada nas redes.

Depois vieram as ameaças: “A tua batata está assando, mocreia petista. O meu grupo aí em Cuiabá já sabe onde você trabalha e o teu horário. Toma cuidado que acidentes e roubos acontecem toda hora onde você mora. Sempre olhe para os dois lados da rua! Quer continuar difamando o presidente Bolsonaro, vaza então para Bahia, ou Ceará, que é lugar de vagabundos, socialistas metidos a intelectual como você”, escreveu o agressor.

Mato Grosso do Sul

Campo Grande – 6 de novembro

Pelo menos três equipes de jornalistas foram hostilizadas por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado das eleições

presidenciais e pediam “intervenção militar”, reunidos em frente ao Comando Militar do Oeste (CMO), em Campo Grande (MS).

Foram vítimas dos manifestantes bolsonaristas os jornalistas Eliane Ferreira de Souza e Clayton Bernardi, respectivamente repórter e repórter cinematográfico do SBT; Marcos Rodrigues Tenório Cavalcante e Alex Machado, respectivamente repórter e repórter fotográfico do jornal on-line Campo Grande News; e Antonio Bispo e Marco Codignola, respectivamente repórter e repórter fotográfico do jornal on-line TopMídiaNews. O auxiliar de cinegrafia do SBT Airton Cavaleiro Leite, também foi agredido.

Minas Gerais

Patos de Minas – 2 de novembro

A jornalista Anna Paula Lemos, repórter da TV Paranaíba (afiliada da Record TV) foi hostilizada por manifestantes bolsonaristas, que tentavam bloquear a BR-365, em manifestação contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar no país.

Durante participação ao vivo no programa “Cidade Alerta”, ela foi interrompida por manifestantes que questionam se ela iria falar a verdade ou se estava filmando de longe para mentir que o protesto não tinha muita gente. Ela teve de encerrar sua participação.

Nos dois dias anteriores, a jornalista havia estado no mesmo local e não tivera nenhum problema em realizar seu trabalho.

Pará

Paraupébas – 4 de fevereiro

Os jornalistas Leonardo Gomes e Denis Brazzil, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da Record TV, e o jornalista Márcio Alves, repórter do portal Pebas Notícias, foram hostilizados e intimidados pelo investigador Marcos, da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) de Paraupébas.

Em tom agressivo, ele se dirigiu aos jornalistas com insultos, como “a imprensa local espalha mentiras, entre outros. A ofensa foi cometida na frente de policiais e guardas municipais que estavam na delegacia.

Santarém – 4 de abril

Os jornalistas Diego Silva e Gleison Nascimento, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Princesa, foram hostilizados por policiais militares,

durante a cobertura da prisão de um suspeito de um esfaqueamento.

O blogueiro Rosinaldo Júnior, do Blog do Pião, também foi hostilizado.

Belém – 14 de abril

O jornalista Sidney Oliveira, repórter fotográfico do jornal O Liberal, foi ameaçado por um chefe de cozinha, quando tentava registrar um incêndio numa peixaria, no bairro do Marco, em Belém. O chefe de cozinha quis impedir Sidney de fazer fotos do incidente e, junto com dois seguranças, ameaçaram o jornalista.

Vitória do Xingu – 14 de junho

Os jornalistas Thais Portela e Vítor Danilo, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Vitória (afiliada da Record TV), foram ameaçados pelo filho de um acusado, durante uma operação policial.

São Miguel do Guamá – 2 de julho

Jornalistas que participam de um grupo de WhatsApp de compartilhamento de notícias sobre São Miguel do Guamá foram ameaçados por Adera Ellen dos Santos, que foi detida sob suspeita de integrar uma organização criminosa, fazer ameaças e coações.

A mulher foi incluída no grupo a pedido de um morador da cidade, que a apresentou como uma amiga que queria ficar por dentro das notícias. Logo depois que ela foi incluída no grupo, começaram as ameaças, o que levou à sua identificação como sendo a possível agressora.

Do grupo de compartilhamento, além de jornalistas, fazem parte policiais e alguns moradores.

Marabá – 31 de outubro

Os jornalistas Gecelha Sobreira e Jhean Brito, respectivamente repórter e repórter cinematográfico do SBT Marabá, foram hostilizados e ameaçados na tarde do dia 31, quando faziam a cobertura jornalística do bloqueio da BR-155, realizado por manifestantes bolsonaristas, que pediam intervenção militar, depois do resultado das eleições. Eles foram recebidos com palavras como “imprensa lixo” e se retiraram do local para se resguardarem.

Carajás – 2 de novembro

O jornalista Evangelista Rocha, repórter fotográfico do portal Correio, de Carajás, foi ameaçado, por manifestantes bolsonaristas, enquanto cobria manifestação em frente ao 23º Batalhão do Exército, na BR-230. Um homem abordou o profissional e disse: “você não sabe quem eu sou, mas eu sei quem você é.

Eu te acho. Vou te pegar”.

O repórter fotográfico registrou Boletim de Ocorrência na Polícia Civil e entregou imagens do seu agressor às autoridades.

Marabá – 2 de novembro

A jornalista Angelika Freitas, diretora de jornalismo da TV SBT Marabá (Grupo Correio), sofreu uma tentativa de intimidação, por meio de postagens em suas redes sociais. A agressão partiu de um apoiador do então presidente Jair Bolsonaro, que participava das manifestações contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar no país.

O Grupo Correio registrou boletim de ocorrência e o manifestante foi chamado, pela polícia, a prestar esclarecimentos.

Belém – 7 de novembro

Dois equipes da Record TV foram ameaçadas e hostilizadas por manifestantes bolsonaristas, que estavam acampados na Av. Almirante Barroso, em frente ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), em protesto contra o resultado da eleição presidencial e reivindicando um golpe militar no país.

De manhã, os jornalistas Pedro Pessoa e Jorge Quemel, respectivamente repórter e repórter cinematográfico, foram hostilizados por um grupo, que cercou, ameaçou e xingou os jornalistas.

À tarde, as vítimas foram a repórter Pollyana Gomes e o repórter cinematográfico que a acompanhava. Pollyana preparava-se para entrar em um link ao vivo quando um homem se aproximou perguntando o que a equipe estava fazendo no local e qual era a matéria que estavam produzindo.

A equipe da Record chegou no local quando estava acontecendo intimidações contra estudantes do Colégio Pedro Amazonas Pedroso. O mesmo homem que comandava as intimidações aos estudantes tentou intimidar os jornalistas, pressionando para que fizessem a cobertura jornalística no meio dos manifestantes.

O homem e outro manifestante começaram a incitar os bolsonaristas contra a jornalista. Eles xingaram a equipe de “Record Bosta” e de “imprensa sensacionalista”, e atrapalharam a filmagem, colocando placas na frente da câmera. Os agressores tentaram puxar a câmera diversas vezes. Os jornalistas foram expulsos do local sob ofensas. A Record decidiu não enviar mais repórteres para o local.

Belém – 8 de novembro

O jornalista Wesley Costa Ribeiro, repórter da TV RBA,

foi ameaçado de agressão por um homem que disse ser advogado dos manifestantes bolsonaristas, que estavam acampados na Av. Almirante Barroso, em frente ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), em protesto contra o resultado da eleição presidencial e reivindicando um golpe militar no país.

O homem perguntou em tom agressivo se Wesley queria apanhar e mandou que a equipe ficasse distante do local da manifestação. Um grupo de manifestantes gritava que a imprensa era mentirosa.

Belém – 15 de novembro

Os jornalistas Fabrício Queiroz e Thiago Gomes, respectivamente repórter e repórter fotográfico do jornal O Liberal e portal oliberal.com, foram hostilizados e ameaçados por manifestantes bolsonaristas que realizavam ato pedindo golpe militar em frente do 2º Batalhão de Infantaria de Selva (2ºBIS), na Av. Almirante Barroso.

O repórter fotográfico Thiago Gomes também foi vítima de uma agressão mais grave (veja em Agressões físicas).

Paraíba

João Pessoa – 3 de novembro

Os jornalistas Oscar Xavier e Isael Alves, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Correio (afiliada da Record), foram hostilizados e ameaçados por manifestantes bolsonaristas, quando estavam fazendo a cobertura jornalística do protesto contra o resultado da eleição presidencial em frente ao Grupamento de Engenharia, na Avenida Epitácio Pessoa. Um grupo de manifestantes exigia ser entrevistado e queria controlar o que o repórter iria dizer. Além disso, alguns filmavam os jornalistas e outros gritavam para atrapalhar a reportagem.

A equipe teve de se posicionar longe do local de concentração dos bolsonaristas para concluir seu trabalho.

Políciais militares que estavam no local não agiram para conter os manifestantes.

Paraná

Almirante Tamandaré – abril/julho

A jornalista Luciana Pombo, da Rádio e TV Almirante Tamandaré, recebeu ameaças, por meio de ligações anônimas, sendo que algumas delas foram direcionadas

a seus familiares.

No dia 18 de julho, um veículo foi incendiado em frente à sede da emissora como forma de intimidação. Ela apresentou uma representação junto ao Ministério Público Estadual.

Marechal Cândido Rondon – 31 de outubro

Cristine Kempp, profissional do site AquiAgora.net, foi hostilizada pela ex-candidata a deputada federal, Tania Maion, quando fazia uma transmissão ao vivo da concentração de manifestantes bolsonaristas na BR 163. Ela foi interpelada pela ex-candidata: "PR aqui não. PT aqui não. Oh, PT aqui não, O que você está fazendo aqui?"

A repórter respondeu que não era do PT e que era da imprensa. "Você é PT sim, fia. Você é PT sim", repetiu a mulher. Logo depois outros manifestantes estendem uma bandeira do Brasil na frente da câmera e a transmissão foi interrompida.

Corbélia – 1º de novembro

A jornalista Lindiagane Carvalho, repórter do site Conexão Revista, foi hostilizada por manifestantes bolsonaristas, quando cobria a manifestação contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe miliar, na BR-369. Ela entrevistava um policial da PRF, que estava no local para acompanhar a situação, quando foi abordada por algumas pessoas.

O grupo acusava a repórter de estar induzindo as respostas do policial. Lindiagane tentou argumentar que estava apenas ouvindo uma análise da situação e do que poderia acontecer. Os manifestantes passaram a gritar palavras de ordem e chamá-la de comunista. Ela estava acompanhada do marido, que era responsável pela filmagem e registrou os ataques. Ambos precisaram de escolta policial para deixar a rodovia.

Paranaguá – 1º de novembro

Uma equipe de reportagem da TVCI, composta pelos repórteres Michel Moreira e Fernanda Xavier e pelo repórter cinematográfico Bruno Inácio, foi hostilizada quando fazia a cobertura jornalística do bloqueio da BR-277, feito por manifestantes bolsonaristas, em protesto ao resultado da eleição presidencial e em defesa de um golpe militar. De forma agressiva, os participantes do bloqueio tentaram impedir o trabalho dos jornalistas.

Guarapuava – 2 de novembro

jornalista Isaac Risco, da redação em língua espanhola da DW (Deutsche Welle), foi intimidado por manifestantes bolsonarista, quando cobria bloqueio na

BR-277, em protesto contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar no país.

O jornalista havia entrevistado um dos manifestantes, que concordara em explicar suas razões para se opor ao presidente eleito. Pouco depois, outros manifestantes aproximaram-se, exigindo que a entrevista fosse transmitida ao vivo, sob a justificativa de não queriam nenhum tipo de edição.

Um dos bolsonaristas buscou informações sobre a DW na internet e gritou que um texto falava bem do Lula. Foi o suficiente para que o grupo obrigasse o jornalista a apagar as imagens feitas anteriormente. Mas algumas imagens foram salvas.

Londrina – novembro

Um jornalista foi ameaçado, via telefone, por um apoiador do então presidente Jair Bolsonaro, porque o veículo de comunicação em que ele trabalha fez a opção de não fazer cobertura presencial das manifestações bolsonaristas, de protesto contra o resultado da eleição presidencial e pedindo golpe militar.

Pernambuco

Recife – 13 de outubro

Uma equipe da TV Globo, formada por repórter e repórter cinematográfico, um repórter do Jornal do Comércio e outro da Folha de Pernambuco foram hostilizados por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, durante visita dele a Recife.

Os jornalistas aguardavam a chegada de Bolsonaro ao Hotel Transamérica, em Boa Viagem. Havia um grupo de apoiadores bolsonaristas também aguardando. "Por que vocês ficam provocando, tirando foto sem necessidade? Vocês têm que tirar foto da hora do evento, agora, não. A gente não é marginal, vocês são imprensa marrom, safada, vocês não dão valor ao que o cara [Bolsonaro] fala", declarou um idoso vestido com uma camisa verde da CBF. Outros apoiadores também hostilizaram os jornalistas.

Recife – 2 de novembro

Duas equipes da TV Tribuna (afiliada da Band), uma composta pela repórter Rafaella Pimentel e o repórter cinematográfico Wagner Barbosa, e, outra, pelo repórter Carlos Simões e o repórter cinematográfico Elias Valadares, foram hostilizadas por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado da eleição presidencial e pediam um golpe militar no país.

Os manifestantes bolsonaristas primeiramente bloquearam o trânsito na Avenida Pan Nordestina, em Olinda, mas o tráfego foi liberado pela polícia. Então, eles se reuniram em frente ao Comando Militar do Nordeste (CMNE), na BR-232. O trânsito não chegou a ser bloqueado, mas ficou lento.

Piauí

Teresina – 2 de outubro

jornalista Marcos Teixeira, da Rede Clube, foi hostilizado pelo então candidato ao governo do Piauí, Sílvio Mendes (União Brasil), durante sabatina no programa “Piauí TV 1”. Ao ser questionado sobre a polêmica da sua coordenação de campanha, que inseriu em propaganda eleitoral imagem do ex-presidente Lula, do PT, como sendo o candidato à Presidência com o seu apoio, Sílvio Mendes foi hostil e disse: “Marcos, você parece que é petista”.

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – 29 de outubro

O jornalista português Pedro Sá Guerra, da RTP de Portugal, foi hostilizado pelo então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, em entrevista coletiva, logo após o debate entre os presidenciáveis, realizado pela TV Globo. Bolsonaro fingiu que não havia entendido a pergunta do jornalista, para criticar o sotaque português: “Não entendi o que você falou. Se você repetir eu vou continuar a não entender. Eu não falo espanhol nemportunhol”.

Durante a mesma entrevista coletiva, Bolsonaro reagiu com irritação à pergunta de uma jornalista do jornal Folha de S. Paulo: “Você tem moral para me chamar de mentiroso?”

Em seguida, ele abandonou a entrevista.

Rio de Janeiro – 30 de outubro

O jornalista Pedro Vieira, repórter da CNN Portugal, foi hostilizado por eleitores bolsonaristas, quando tentava entrevistá-los sobre o resultado das eleições. Um eleitor disse que “CNN e Rede Globo não valem nada no Brasil”. Outra eleitora, criticou o primeiro-ministro de Portugal por apoiar Lula e outros dois (um homem e uma mulher), com o dedo em riste, gritaram que o repórter também era responsável. Ele teve de encerrar a transmissão ao vivo.

No mesmo dia, o jornalista argentino, Diego Iglesias, foi hostilizado pelo então presidente e candidato à

reeleição, Jair Bolsonaro. O jornalista perguntou a Bolsonaro se ele iria reconhecer a derrota, caso perdesse a eleição. “Ô, cara, vai falar do teu país”, reagiu Bolsonaro.

Rio Grande do Sul

Bagé – 13 de janeiro

O jornalista Giovanni Grizotti, repórter do grupo RBS, teve sua identidade visual revelada em vídeo divulgado em redes sociais pelo prefeito de Bagé, Divaldo Pereira Lara (PTB). A divulgação foi uma tentativa de intimidação ao jornalista, após a veiculação de reportagem denunciando irregularidades na Prefeitura.

A reportagem havia sido censurada judicialmente a pedido do prefeito, mas a censura foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal.

Canguçu – 25 de fevereiro

O jornalista Augusto Moreira Pinz, editor do jornal digital Canguçu em Foco, foi ameaçado pelo leitor Joziel Duarte de Castro, contrariado com uma notícia sobre a Câmara Municipal. Em mensagem enviada pelo Facebook, Joziel escreveu: “ao invés de ficar atacando a imagem de alguns vereadores que, ainda, se esforçam para fazer algo pelo Município, deveriam achar o que fazer, bando de desocupados, isso vai ter retaliação”.

Jaguarão – 14 de setembro

A jornalista Maria Fernanda Passos das Neves, apresentadora do DCMTV – Diário do Centro do Mundo, recebeu ameaças de morte e estupro, extensivas à sua família, por meio de mensagem de áudio, pelo direct do Instagram.

O rastreamento identificou o autor como sendo Júlio Bordieri, com perfil localizado em Porto (Portugal), mesmo tendo estudado em três universidades brasileiras. Ele saiu das redes sociais.

Além das ameaças, Maria Fernanda, que também é vereadora, foi vítima de ataques sistemáticos nas redes sociais, depois que fez comentários sobre as manifestações de apoiadores do então presidente, Jair Bolsonaro, no dia 7 de Setembro.

Porto Alegre – 27 de outubro

A jornalista Rosane de Oliveira, colunista do site GZH foi hostilizada pelo então candidato ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, Onyx Lorenzoni (PL), durante debate promovido pela TV Globo entre ele e Eduardo Leite, candidato do PSDB. Onyx disse que a jornalista deveria se desculpar com o povo gaúcho por ter defendido o isolamento social durante a pandemia.

Disse também que ela apoiou o então governador Eduardo Leite, em sua política equivocada do “fecha tudo”.

Rosane não estava participando do debate; estava somente acompanhando na mesma sala onde as equipes de ambos os candidatos estavam.

Uma repórter da Rádio Gaúcha foi intimidada, por manifestantes bolsonaristas, quando realizava a cobertura do bloqueio de trecho da BR-116, em protesto contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar.

No mesmo dia, na RS-040, um repórter da RBS TV também foi intimidado, em protesto semelhante.

Rondônia

Cacoal – 31 de outubro e 4 de novembro

Os jornalistas Leir Freitas, Higor Virgilato e Aroldo Tavares, da TV Allamanda (afiliada do SBT) foram hostilizados, no dia 4, durante cobertura do bloqueio da BR-364, feito por manifestantes bolsonaristas, em protesto contra o resultado da eleição presidencial e pedindo golpe militar.

No dia 31, o repórter Aroldo e o repórter cinematográfico Higor Virgilato foram hostilizados e ameaçados em mais de uma ocasião. “Repórter petista”; “Vamos linchar ele!”, foram algumas das expressões utilizadas pelo grupo.

No dia 4 de novembro, Leir Freitas, que é a coordenadora de jornalismo da TV Allamanda, e Higor Virgilato foram recebidos aos gritos de “Fora!” e impedidos de realizar seu trabalho. Leir foi chamada de “comunista”.

Porto Velho – 4 de novembro

Os jornalistas André Felipe e Ruan Gabriel, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da Rede Amazônica Rondônia (afiliada da TV Globo) foram intimidados por manifestantes bolsonaristas, que não aceitavam o resultado da eleição presidencial e pediam golpe militar.

A agressão ocorreu quando a equipe fazia a cobertura jornalística de um bloqueio na Estrada do Belmont. Os profissionais foram cercados por um grupo de aproximadamente dez homens, quando se dirigiam ao veículo da emissora. Um deles chutou violentamente a porta do carro.

Roraima

Boa Vista – 7 de novembro

O jornalista Lucas Luckenzie, repórter do jornal Folha de Boa Vista, foi ameaçado com processo judicial pelo empresário e ex-candidato a deputado federal Filipe Silva Costa, conhecido como Filipe Barcelos, em vídeo publicado no Instagram.

Lucas assinou reportagem, publicada no dia 7 de novembro, na qual ouviu o advogado constitucionalista Herick Feijó, que afirmou que não havia base jurídico-constitucional para legitimar o emprego das Forças Armadas, por meio de intervenção federal, para anular as eleições, e que a liberdade de opinião e manifestação não acoberta quem “incita, publicamente, animosidade entre as Forças Armadas, ou delas contra os poderes constitucionais, as instituições civis ou a sociedade”.

No mesmo dia, o ex-candidato, que foi derrotado, publicou um vídeo no qual tenta desmentir a reportagem e incentiva os manifestantes bolsonaristas a processarem judicialmente o jornalista e o jornal.

Santa Catarina

Balneário Camboriú – 9 de janeiro

O jornalista Leandro Demori, então editor-executivo do The Intercept Brasil, foi perseguido e ameaçado por um homem em Balneário Camboriú. Demori atravessava uma faixa de segurança com sua esposa e o filho de 3 anos, que estava num carrinho de bebê, quando um homem que o seguia tocou em seu ombro e disse: “se liga que a vida do teu filho depende de ti”.

Demori coordenou a série de reportagens conhecida como “Vaza Jato”, publicadas pelo The Intercept Brasil, que evidenciaram ilegalidades na Operação Lava Jato. Desde então, passou a sofrer uma série de ameaças, principalmente por meio de redes sociais. O jornalista deixou o Brasil.

Blumenau – 1º de novembro

Os jornalistas Stêvão Limana e Lucas Fernandes, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da NDTV Record TV, de Blumenau, foram hostilizados e ameaçados por manifestantes bolsonaristas que bloqueavam a BR-470, em manifestação contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar no país.

A equipe fazia uma transmissão ao vivo, quando foi cercada por um grupo, que tentou impedir os

profissionais de realizarem seu trabalho. Aos gritos, os homens disseram: "Não filma. Apaga o vídeo aí, apaga tudo agora. Apaga essa porra". "Quero ver em quem você votou". "Acabou a tua reportagem." "Nós vamos quebrar a câmera."

São Paulo

São Paulo – 13 de março

O jornalista Vitor Guedes, colunista do portal UOL, sofreu ameaças e intimidações via redes sociais, por parte de um cozinheiro, torcedor do São Paulo, que discordava dos comentários e análises do jornalista sobre futebol.

As ameaças foram divulgadas pelo jornalista em seu perfil no Instagram. "Uma hora sua casa cai", "você é mais acessível do que você imagina" e "fica esperto que o mundo dá voltas, a volta é muito grande e você vai cair. É apenas um aviso", foram as mensagens enviadas pelo cozinheiro.

Ele foi demitido do restaurante em que trabalhava após o proprietário ser alertado, também pelas redes sociais, das ameaças ao jornalista.

São Paulo – 28 de abril

O jornalista e pesquisador Guilherme Felitti, fundador da Novelo (especializada em análise de dados), tornou-se alvo de dezenas de ataques em redes sociais, após publicação de reportagem no jornal O Globo, com base em dados produzidos pela Novelo sobre pré-candidatos bolsonaristas que apagaram ou tornaram privados vídeos sobre o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Felitti faz o monitoramento de vídeos removidos ou tornados privados por canais bolsonaristas no YouTube. O monitoramento inclui também os vídeos removidos pela própria plataforma.

São Paulo – 8 de maio

O jornalista Jamil Chade, colunista do portal UOL, foi ameaçado de morte nas redes sociais, depois da publicação de um artigo sobre o ódio como instrumento político nas eleições.

Jamil Chade tratou das agressões em seu perfil no Twitter e citou um dos ataques, no qual o agressor escreveu que esperava vê-lo em uma "geladeira do IML" (Instituto Médico Legal), para onde são levados os mortos.

São Paulo – 28 de maio

O jornalista Caio Castor, repórter freelancer, foi

ameaçado por vizinhos e teve de deixar sua residência, onde vivia com a família, no bairro Campos Elíseos. Os moradores da região passaram a ameaçar o jornalista, depois que ele gravou, da janela de seu apartamento, um vídeo, no qual registrou uma mulher dependente química, em situação de rua, sendo agredida por guardas civis metropolitanos.

Postado nas redes sociais do repórter, o vídeo foi compartilhado pelo padre Júlio Lancellotti e foi exibido em diferentes telejornais e portais de notícias.

A agressão ao jornalista teve início em grupos de WhatsApp de moradores do bairro, que chegaram a tentar invadir o apartamento de Caio Castor.

São Paulo – 7 de setembro

A jornalista Aline Porcina, repórter da TV Cultura, foi ameaçada enquanto realizava a cobertura jornalística das manifestações do 7 de Setembro, na Av. Paulista. Ela estava com seus colegas de equipe no vão do MASP. Um homem esperou que o repórter cinematográfico e o auxiliar se afastassem para se aproximar e fazer a ameaça: "Um repórter ficou com o olho roxo em Brasília", disse.

Havia centenas de policiais próximos do vão do MASP, o que não coibiu a ação do agressor.

São Paulo – 22 de setembro

Uma jornalista foi hostilizada pelo então presidente Jair Bolsonaro, em entrevista coletiva concedida em São Paulo. A repórter questionou Bolsonaro sobre a compra de imóveis em dinheiro vivo, por membros de sua família. Ele respondeu com ataques: "Não é em dinheiro, você sabe o que é moeda corrente? Me responda, o que é moeda corrente. Não, não, não. Não, pelo amor de Deus, não tô aqui pra explicar, se você não sabe o que é moeda corrente, por favor não faça pergunta pra mim. A senhora é uma mulher, merece respeito, como os homens também merecem. Mas não faça uma pergunta. Se a senhora não sabe o que é moeda corrente, não faça pergunta. Se eu fosse entrevistar, não sou jornalista, mas se eu fosse entrevistar qualquer pessoa, eu ia estudar o assunto com profundidade. Eu acho que é da UOL, só pode ser, ou é simpática a UOL."

Na mesma entrevista, ele voltou a atacar o portal UOL (veja em Descredibilização da imprensa).

São Paulo – 4 de outubro

Uma equipe da Rede Globo (repórter e repórter cinematográfico), um repórter da Sputnik Brasil e outro repórter fotográfico foram hostilizados por um grupo de apoiadores do então presidente e candidato à reeleição

Jair Bolsonaro, após reunião de Obreiros e Pastores da Assembleia de Deus Madureira, localizada no bairro do Brás.

Bolsonaro participou da reunião e deixou o local sem falar com a imprensa, que o aguardava na entrada do estacionamento do templo, porque foi impedida de entrar (veja em Impedimentos ao exercício profissional). Ao notar a presença dos profissionais, o grupo cercou-os e passou a hostilizá-los com gritos e xingamentos.

Alguns fiéis que não apoiaram as agressões ajudaram os jornalistas a saírem do local e se abrigaram em um estacionamento próximo. No percurso, houve mais hostilizações.

Aparecida – 12 de outubro

Pelo menos três jornalistas foram hostilizados por apoiadores do então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro, durante a cobertura das celebrações pelo Dia da Padroeira, no Santuário de Aparecida.

A jornalista Camila Moraes, repórter da TV Aparecida, foi hostilizada, ao passar por um grupo de pessoas de camiseta com imagem de Bolsonaro. Camila estava de blusa vermelha e uma mulher do grupo foi em direção à repórter dizendo que a profissional estava ali para provocar, taxando-a de comunista. A bolsonarista ameaçou impedir Camila de entrar ao vivo. Para prosseguir com o trabalho, a repórter e sua equipe saíram do local e mudaram de ponto para o link.

Os jornalistas Daniella Lopes e Tales de Andrade, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Vanguarda (afiliada da TV) também foram hostilizados.

São Paulo – 17 de outubro

O jornalista Marcos Andrade, repórter cinematográfico da Jovem Pan, foi intimidado por integrantes da campanha do então candidato ao governo de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), que foi eleito e empossado. Ele acompanhava uma atividade de campanha em Paraisópolis e registrou imagens do tiroteio que interrompeu a visita. E causou a morte de uma pessoa. Inicialmente, o candidato chegou a falar em atentado, mas essa versão foi desmentida pelo governo do Estado.

Ao saber que Marcos Andrade havia filmado um agente de segurança disparando tiros, um integrante da campanha diz ao jornalista que ele tem de apagar as imagens. Marcos Andrade foi levado ao comitê de campanha, onde Fabrício Cardoso de Paiva, servidor licenciado da Agência Brasileira de Investigação (Abin),

o pressionou a apagar as imagens.

A direção da Jovem Pan disse ao repórter-cinematográfico que a equipe de Tarcísio havia pedido a demissão dele, mas que ele não seria demitido. E pediu que ele gravasse um vídeo expressando seu apoio ao candidato. Marcos Andrade recusou-se a gravar o vídeo e pediu demissão.

Guarulhos – 1º de novembro

A jornalista Clara Nery, repórter da Band, foi hostilizada e intimidada por manifestantes bolsonaristas, quando cobria o bloqueio feito por eles na rodovia Hélio Smidt, para protestar contra o resultado da eleição presidencial. “Fora Band”, “Fora”, gritava um grupo.

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) agiu para conter os manifestantes, mas a repórter preferiu se afastar do grupo para evitar mais agressões.

Campinas – 2 de novembro

O jornalista Anderson Henrique, repórter da TV Thati (afiliada da Record TV) foi hostilizado por manifestantes bolsonaristas, durante protesto contra o resultado da eleição presidencial. Um grupo de manifestantes o hostilizava, enquanto ele tentava fazer uma transmissão ao vivo.

São Paulo – 2 de novembro

A jornalista Paola Vianna, repórter da Record TV, foi hostilizada por manifestantes bolsonaristas, durante protesto contra o resultado da eleição presidencial, no qual também pediam “intervenção militar”. Ela mostrava um homem sendo detido por estar armado, quando foi cercada por um grupo que impediu o registro da imagem.

Também foi hostilizada a jornalista argentina, Carolina Amoroso, do canal “TodoNotícias”. Ela foi cercada por um grupo de manifestantes bolsonaristas que gritavam: “Fora, Argentina”, “Fernández é um lixo” e “Não queremos argentinos aqui”.

São Paulo – 17 de novembro

O jornalista Renato Rovai, editor da TV Fórum, foi ameaçado por um homem identificado como Marcos, que lhe enviou imagens com informações que julgava serem do profissional. Depois, o homem telefonou para Rovai, disse que era um dos 43 empresários golpistas citados pelo jornalista como financiadores das manifestações bolsonaristas contra o resultado da eleição presidencial e pedindo um golpe militar no país, durante o programa “Fala, Rovai”. O homem jurou vingança.

Tocantins

Palmas – 1º de novembro

Três equipes de TV e uma repórter de rádio foram hostilizados e intimidados por manifestantes bolsonaristas, que bloqueavam a ponte que liga Palmas ao município de Luzimangues, em protesto contra o resultado da eleição presidencial e em defesa de um golpe militar no país. Os jornalistas foram recebidos com palavras de ordens contra a imprensa.

Foram vítimas da violência a repórter Aurora Fernandes e o repórter cinematográfico da TV Anhanguera (afiliada da TV Globo); a repórter Cynthia Miranda, o repórter cinematográfico Fernando Cardoso, o repórter Matheus Dias e o repórter cinematográfico Anacleto Barros, os quatro da TV Jovem Palmas (afiliada da TV Record); e a repórter Gabriella Régis, da rádio CBN Tocantins.

Agressão no exterior

Londres – 19 de setembro

Um jornalista foi hostilizado pelo então presidente Jair Bolsonaro, durante entrevista à imprensa em Londres, no Reino Unido, por ocasião do velório da Rainha Elizabeth II. Bolsonaro irritou-se ao ser questionado sobre um possível uso político da viagem, disse que não iria responder à pergunta e perguntou ao repórter se ele não tinha “uma pergunta decente”.

Ataques cibernéticos

Distrito Federal

Brasília – 5 de junho

O site jornalístico Congresso em Foco foi vítima de um ataque hacker, ficando fora do ar entre a madrugada e a manhã do domingo, 5 de junho. O ataque foi perpetrado após a publicação no dia anterior da reportagem intitulada “Fórum anônimo organiza tática para produção de fake news pró-Bolsonaro”, de autoria do jornalista Lucas Neiva.

Em razão da mesma reportagem, o repórter e uma editora do site foram ameaçados (veja em Ameaças/hostilizações/intimidações).

Pará

Belém – 12 de julho

Dois blogs de notícias sofreram ataques hackers no dia 12 de julho, ficando fora do ar. Ambos haviam veiculado notícias críticas ao governo do Estado do Pará.

Foram vitimados o blog Coluna do Olavo Dutra, do jornalista Olavo Dutra, e o blog O Antagônico, do jornalista Evandro Correa.

O hacker não foi identificado.

São Paulo

São Paulo – fevereiro e setembro

A Agência de Notícias de Direitos Animais (Anda), presidida pela jornalista Silvana Andrade, sofreu seis ciberataques decorrentes de suas posições contrárias a medidas do governo Bolsonaro, como liberação de caça, facilitação da emissão do CAC (Certificado de Registro de Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador), regulamentação de vaquejada, incentivo ao armamento, ao desmatamento, à invasão de áreas indígenas e liberação de agrotóxicos.

No dia 17 de setembro, o site da entidade havia sido sequestrado e derrubado, com mudança de senha e login na conta do Registro.br. O site só foi recuperado 24 horas depois do ataque. No mesmo dia houve invasão das contas do Twitter e do Instagram. Apenas na segunda rede a Anda conseguiu recuperar o acesso. No Twitter, foi apagado todo o conteúdo, com centenas de postagens e reportagens, fruto de anos de trabalho.

No dia 23 de setembro, ocorreu uma tentativa de invasão à conta de e-mail da Anda, o que exigiu mudança de senha para a retomada do acesso.

Em fevereiro de 2022, o site da Anda havia sido invadido, ficando quatro dias fora do ar. Foram necessários cinco meses para recuperar o conteúdo apagado. Processo semelhante ocorreu com o canal da ONG no YouTube. Saíram do ar clipes com mais de 1 milhão de visualizações e centenas de vídeos, com milhares de visualizações, foram perdidos.

A Anda atua há 14 anos e é a primeira agência de notícias do mundo no segmento de jornalismo voltado à defesa dos direitos animais e da proteção ambiental.

Censuras

Bahia

Irecê – julho

O jornalista Reginaldo Alves da Silva foi demitido da rádio Caraíbas FM, de Irecê, onde comandava o “Jornal Boca do Povo”. A demissão ocorreu após o jornalista ter divulgado, em 18 de julho, dados de uma pesquisa eleitoral encomendada e publicada pelo jornal A Tarde. Os números mostravam uma diferença de 7 pontos entre os candidatos ACM Neto (UB) e Jerônimo (PT), menor que números trazidos por outras pesquisas.

Em fevereiro Reginaldo já havia sido suspenso da rádio, após comentar que a Prefeitura não viabilizou a execução de uma obra num povoado, com recursos que haviam sido mobilizados por intermediação de um vereador junto ao governo estadual.

Ceará

Fortaleza – 16 de maio

O jornalista Nonato Lima, professor do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC) e então diretor da Rádio Universitária, foi destituído da função de diretor da rádio, após se opor à censura à programação, imposta pela Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), fundação criada pela UFC e mantenedora da rádio.

O presidente da Fundação, o professor Paulo Aragão, ainda em 2021, havia feito uma série de observações sobre a programação da rádio e sobre o programa Rádio Livre, comandado pelo prof. Nonato e que permaneceu no ar por 26 anos. Não queria, por exemplo, análises políticas. Como não foi atendido, destituiu o diretor da rádio.

O reitor da UFC, Cândido Albuquerque, foi nomeado em 2019, pelo então presidente Jair Bolsonaro, apesar de ter sido o candidato menos votado na consulta à Comunidade Universitária.

Distrito Federal

EBC (DF, SP e RJ)

Houve 52 casos de censura nos veículos da Empresa Brasil de Comunicação (EBC): Rádio Nacional, Rádio MEC, TV Brasil, Agência Brasil, Radioagência Nacional e suas respectivas redes sociais. O levantamento é elaborado pela Comissão de Empregados da EBC e os Sindicatos dos Jornalistas e dos Radialistas do Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo, a partir de denúncias dos empregados da empresa pública de comunicação. Mesmo com o elevado número registrados, os casos denunciados muito provavelmente ficaram aquém da

realidade cotidiana das redações.

A censura e o governismo na EBC começaram em 2016, no governo de Michel Temer, intensificaram e foram práticas constantes do governo Bolsonaro. Segundo os trabalhadores da EBC, em 2022 continuaram sendo alvo preferenciais da censura temas como direitos humanos, questões indígenas, conflitos no campo, ditadura e outros assuntos que exigiam um posicionamento do governo. Eles denunciaram a prática recorrente de impedir a divulgação de reportagens já prontas, quando o órgão oficial envolvido não enviava respostas à reportagem. e os casos denunciados muito provavelmente ficaram aquém da realidade cotidiana das redações.

A TV Brasil e a Agência Brasil não noticiaram, em junho, o fato de que o assassino do petista Marcelo Aluizio de Arruda, o policial penal federal Jorge José da Rocha Guarinho, é um bolsonarista. Os veículos públicos da EBC trataram o caso como um “desentendimento”, seguido de uma “troca de tiros”.

Na TV Brasil, a cobertura do duplo assassinato do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, ocorrido em junho, sofreu censura. A informação de que a Defensoria Pública da União (DPU) havia entrado com uma ação questionando a não utilização de helicópteros pelas autoridades já no primeiro dia de buscas pelos dois, quando ainda eram considerados desaparecidos, não pôde ser divulgada.

As chefias também impuseram silêncio sobre o levantamento “Quilombolas contra Racistas”, da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (Conaq) e da Terra de Direitos, que apontou discursos racistas por autoridades públicas das três esferas da administração pública. Entre os cargos com o maior número de ocorrências estão os representantes de cargos de direção e assessoramento do governo federal (ministros, secretários e presidentes de autarquias).

Outro assunto cortado foi o Balanço do Orçamento 2019-2021, do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc). O documento, divulgado em abril, apontou o desmonte de políticas sociais.

Ainda na TV Brasil, o programa “Sem Censura” passou a ter como convidados somente pessoas que apoiavam o então presidente Jair Bolsonaro.

No radiojornalismo, destacaram-se casos de censura que ficaram evidentes, porque outros veículos de comunicação deram ampla cobertura para os assuntos em pauta. Foi assim com a convocação de Bolsonaro, em janeiro, para prestar depoimento à Polícia Federal, em inquérito de apuração do vazamento de informações

sigilosas por parte de Bolsonaro. A convocação e o não comparecimento de Bolsonaro, que enviou uma declaração por escrito, não foram noticiados.

Em abril, foi vetada a cobertura da apresentação do relatório da Comissão Pastoral da Terra (CPT), de violência no campo; o relatório da MabBiomias que alertava para o aumento de mais de 40 vezes nas notificações de desmatamento em terras indígenas, em virtude da mineração; e os ataques da Polícia Militar a indígenas guarani kaiowá, em Amambai (MS).

Outro fato que somente não se tornou notícia nas rádios da EBC foi o escândalo de desvio de verbas do Ministério da Educação (MEC), envolvendo o então ministro Milton Ribeiro. Nenhum repórter foi escalado para fazer a cobertura do assunto, amplamente noticiado por outros veículos de comunicação.

Igualmente, ficou fora do noticiário, a repercussão do escândalo de assédio sexual praticado pelo ex-presidente da Caixa, Pedro Guimarães. A bancada feminina do Senado Federal editou uma nota pública pedindo sua demissão e, apesar de uma repórter ter se colocado à disposição para repercuti-la em matéria, as chefias não autorizaram.

Nas rádios da EBC as mortes por Covid-19 foram apagadas ou minimizadas. Houve um caso de um músico que foi vítima fatal da doença e a causa do falecimento foi censurada. Em outra situação, não se deu visibilidade à notícia de que a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) criticava o abandono do uso de máscaras como forma de se conter a Covid-19.

Na equipe das mídias sociais, além dos assuntos censurados pelas chefias da TV Brasil e das rádios, foi vetada uma postagem que replicava notícia sobre o aniversário do assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, crime que chocou o país e que ainda não foi solucionado.

Paraná

Londrina – 13 de setembro

A jornalista Carol Romanini foi demitida arbitrariamente no dia 13 de setembro pela RIC TV (afiliada da Record TV). A demissão teria sido a pedido do deputado federal Filipe Barros (PL), candidato à reeleição.

No fim de semana anterior à demissão, Carol presenciou situação de agressão envolvendo a equipe do parlamentar e a torcida organizada Falange Azul, do Londrina Esporte Clube. A jornalista estava em seu dia

de folga e nega qualquer envolvimento na briga. Ainda assim, teve seu nome e imagem vinculado ao episódio, o que desencadeou uma onda de ataques virtuais a ela e à filha.

Outro indício de que a demissão constituiu-se como censura foi o seguinte fato: um dia antes da demissão, Carol apresentou seu programa vestindo a cor vermelha, o que já havia ocorrido em inúmeras outras ocasiões. No mesmo dia, a RIC TV emitiu comunicado interno, via WhatsApp, proibindo o uso de vermelho e bordô por seus apresentadores e jornalistas e retirou de suas redes a íntegra do programa.

O dono do Grupo RIC no Paraná, Leonardo Petrelli Neto, aliado do deputado federal estava engajado na campanha pela reeleição do então presidente Jair Bolsonaro.

Curitiba – 16 de dezembro

A direção do jornal Gazeta do Povo suspendeu a publicação da coluna do jornalista Célio Martins, profissional mais antigo da redação, com 34 anos de casa. O comunicado da suspensão foi feito por telefone e o argumento utilizado foi a reformulação na política de conteúdo de opinião do jornal.

Célio Martins vinha sendo alvo de críticas e de ataques de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, por suas posições em defesa da democracia e de combate à desinformação.

O jornalista é também um sindicalista. Ele é o segundo vice-presidente da FENAJ e o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Paraná.

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – 1º de novembro

O jornalista Humberto Nascimento foi demitido pelo SBT, onde ocupava o cargo de editor-chefe do telejornal "SBT Rio", muito possivelmente em represália à sua participação em debate entre os candidatos ao governo do Estado, o governador Cláudio Castro e Marcelo Freixo.

Humberto Nascimento fez uma pergunta ao governador e candidato à reeleição sobre corrupção em seu governo, que teria gerado reclamações junto aos executivos do SBT. Na semana seguinte ao debate, ele foi colocado em férias compulsórias e ao regressar ao trabalho foi demitido.

O SBT negou que a demissão tenha sido uma censura ao jornalista. O jornalista trabalhava na empresa

há 12 anos, não havia programado férias e não tinha recebido nenhuma queixa sobre seu trabalho.

Rio Grande do Sul

Porto Alegre – 1º de setembro

A página do jornal Brasil de Fato RS no Facebook foi “despublicada” pela empresa, sob a alegação de descumprimento de políticas da plataforma. Não foi dada nenhuma justificativa para o ato, como apontamento de qual ou quais publicações feriram as regras do Facebook.

A única mensagem dada pela empresa Meta, proprietária do Facebook, foi: “Seu perfil não está mais visível. Isso acontece pois o Brasil de Fato RS vai contra nossos Padrões de Comunidade. Nossos padrões são aplicados globalmente e são baseados em nossa comunidade.”

Aos responsáveis pelo jornal foi dada somente as opções de contestar ou aceitar a penalidade. E foi solicitada, de imediato, a revisão.

Em dezembro, a página do jornal foi excluída pelo Facebook. Mais uma vez, não houve qualquer tratativa com os responsáveis pelo jornal.

São Paulo

São Paulo – 10 de agosto

A plataforma de exibição vídeos YouTube impôs à TV 247 uma censura privada. Sob a alegação de um suposto discurso de ódio, a plataforma removeu 15 vídeos da TV 247.

Os vídeos excluídos foram: “Bom dia 247: Lula passeia no Datafolha”, “Bom dia 247: Noblat abre autocrítica da mídia sobre Lula”, “Bolsonaro fala pela primeira vez sobre a fakeada e mente”, “Boa Noite 247 - Manifesto pede Lula no 1º turno; Bolsonaro volta a falar na ‘facada’”, “Boa Noite 247 - Bolsonaro culpa camarão por crise e vira piada nas redes”, “Bom dia 247 - Fiasco do MBL comprova: é Lula ou fascismo”, “Bom dia 247, com Attuch, Zé de Abreu e Joaquim de Carvalho”, “Bom dia 247: Lula livre e Moro fora do governo?”, “Boa Noite 247 - Queiroga perde o controle, ataca jornalistas e busca apoio de Michele Bolsonaro”, “Sobrinho do autor da facada ou suposta facada em Bolsonaro quebra o silêncio”, “Fakeadas - Bolsonaro e a guerra contra o Brasil”, “Bom Dia 247, com Attuch, Zé Reinaldo e Joaquim de Carvalho”, “O Dia em 20 Minutos - Mídia não sabe lidar com o doc da fakeada”, “Fala, Thiago dos Reis: por que a

mídia esconde a fakeada?” e “Bolsonaro e Adélio - Uma fakeada no coração do Brasil”.

Cerceamentos à liberdade de imprensa por ações judiciais

Amazonas

Manaus – 20 de julho

A juíza Mônica Cristina Raposo da Câmara Chaves do Carmo, da 10ª Vara Cível e de Acidentes de Trabalho da Comarca de Manaus, determinou a remoção de todo o conteúdo de uma reportagem da Agência e site Amazônia Real. A juíza estabeleceu multa diária de R\$ 8 mil, em caso de descumprimento da decisão.

A reportagem “late do Amazon Immersion estava sem autorização”, de autoria do jornalista Leanderson Lima e publicada em maio de 2021, trouxe informações sobre a propriedade de três iates de luxo contratados pelo evento “Amazon Immersion”, interceptados pela Polícia Civil do Amazonas, quando navegavam pelo Rio Negro promovendo festas para turistas, durante a pandemia de Covid-19

A juíza atendeu ao pedido dos empresários Waldery Areosa Ferreira, Daniel Henrique Louzada Areosa e da empresa WL Sistema Amazonense de Turismo. Ela acatou o argumento dos donos dos iates e da empresa de que não foram consultados antes da divulgação das informações e que a matéria continha conteúdo difamatório e calunioso, comprometendo a honra, a reputação e a imagem deles.

Bahia

Camaçari – junho

O presidente da Câmara Municipal de Camaçari, vereador Junior Borges (União Brasil), processou civilmente o site Camaçari Agora e o blog Compartilha Bahia, após a divulgação de uma viagem a Brasília, de 17 dos 21 vereadores do município e alguns assessores, para a 21ª Marcha de Vereadores. As notícias informaram que os custos da viagem e a divulgação por meio de outdoors foram superiores a R\$ 100 mil.

O presidente da Câmara pediu indenização por dano moral no valor de R\$ 28 mil, e a retirada da internet das notícias que trataram da viagem, com multa diária de R\$ 1 mil, em caso de descumprimento.

Na ação, o vereador não contesta os fatos

publicados, apenas acusa de atentarem contra sua honra e de buscarem prejudicar sua imagem.

Riachão do Jacuípe – 5 de outubro

A jornalista e radialista Alana Rocha, apresentadora do “Jornal da Gazeta”, da rádio Gazeta FM, foi acionada na justiça, pelo vereador Valdiney Pereira de Jesus (UB), conhecido como irmão Boka, que entrou com ação cível contra ela, pedindo indenização por dano moral e uso de sua imagem.

Desde 2021, Alana vem sendo perseguida judicialmente por parte de vereadores e pessoas ligadas à administração municipal, tendo que se defender em processos em série.

Em 2022, além de ter sido vítima de mais um processo judicial, a jornalista também foi atacada e ameaçada (veja em Agressões físicas).

Distrito Federal

Brasília – maio

O Supremo Tribunal Federal (STF) condenou o jornalista Rubens Valente a indenizar seu ministro Gilmar Mendes, em R\$ 143 mil, por danos morais e a pagar como réu solidário, mais R\$ 175 mil, não pagos pela Geração Editorial. O jornalista é autor do livro Operação Banqueiro – uma extensa e rigorosa reportagem sobre Daniel Dantas, banqueiro preso em 2008, em operação da Polícia Federal –, no qual citou Gilmar Mendes, que como ministro do STF teve atuação no caso de Daniel Dantas.

A ação judicial foi proposta por ele, Gilmar Mendes, que perdeu na primeira instância, pois o juízo concluiu que no livro não há “informação falsa ou o intuito difamatório”. Em suma, trata-se de um relato jornalístico, com base em apurações e fatos reportados.

Na 2ª instância (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios/ TJDFT), a sentença foi reformada. Nos tribunais superiores, Superior Tribunal de Justiça e STF, Rubens Valente, jornalista assalariado, foi condenado inicialmente a pagar as indenizações.

A decisão final ainda inclui a exigência de que, caso a obra venha novamente a ser publicada, tenha incorporadas, na íntegra, a petição inicial da ação de Gilmar Mendes e a sentença judicial. São cerca de 200 páginas, o que inviabiliza nova edição do livro.

Brasília – 23 de setembro

O desembargador Demetrius Gomes Cavalcanti, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios,

determinou ao site UOL, em decisão liminar, a retirada do ar de reportagens e postagens nas redes sociais referentes à compra de imóveis em dinheiro vivo, pela família Bolsonaro.

Após a publicação da notícia “Metade do patrimônio do clã Bolsonaro foi comprado em dinheiro vivo”, de autoria dos jornalistas Juliana dal Piva e Thiago Herdy, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do então presidente Jair Bolsonaro, recorreu ao Judiciário pedindo a censura.

O desembargador aceitou as alegações dos advogados do senador e revogou decisão anterior do juiz Aimar Neres de Matos da 4ª Vara Criminal de Brasília, que afirmou que não havia motivos para a suspensão das notícias. Cavalcanti alegou que a reportagem “excedia o direito de livre informar”, por usar informações sigilosas, de um processo também sigiloso, que tinha sido anulado pelo Supremo Tribunal de Justiça. A anulação, entretanto, deu-se por motivos formais e não pelos dados apresentados pelo Ministério Público.

A censura foi derrubada no Supremo Tribunal Federal, por decisão do ministro André Mendonça.

Espírito Santo

Vitória – outubro

O prefeito de Vitória, Lorenzo Pazolini (Republicanos), moveu uma ação indenizatória contra o chargista Mindu Zinek, por charge divulgada no Instagram, em julho, na qual é criticado por LGTBfobia. A coordenadora de Ações e Projetos do Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (Gold), Deborah Sabará, também é alvo do processo. A indenização por danos morais solicitada é de R\$ 20 mil para cada um.

A charge foi feita depois que o secretário de cultura, Luciano Gagno, foi denunciado por LGTBfobia, em razão de resposta dado por ele à solicitação de apoio à 11ª Parada do Orgulho LGBTQIA+. À época, Luciano pediu exoneração do cargo, mas voltou à Secretaria de Cultura em agosto.

Mato Grosso

Cuiabá Grande – 7 de abril

O jornalista Alexandre Aprá, responsável pelo portal Isso é notícia, foi indiciado pela disseminação de “fake news”, por ter denunciado e pedido investigação da contratação de um detetive particular para tentar

criminalizá-lo.

O inquérito instaurado a partir da denúncia de Aprá foi arquivado e, numa nova forma de perseguição, o jornalista foi indiciado em outro inquérito, instaurado a partir da “Operação Fake News”, deflagrada pela Polícia Civil.

Em agosto do ano passado, um detetive particular foi flagrado tentando colocar um aparelho de rastreamento no carro do jornalista, com o objetivo de forjar um flagrante de tráfico de drogas ou de pedofilia contra o profissional, que apresentou uma notícia-crime na Polícia Federal. Mas o caso foi encaminhado ao Ministério Público Estadual e, posteriormente, à Polícia Civil, que arquivou o inquérito.

O detetive foi filmado declarando que os contratantes do serviço eram o governador de Mato Grosso, Mauro Mendes (UB) e a primeira-dama, Virginia Mendes, por intermédio do empresário Ziad Fares, dono da ZF Comunicação, uma das cinco agências de publicidade que atendem o Governo do Estado.

Em depoimento, o detetive afirmou que citou o governador, a primeira-dama e o empresário em conversas com seu auxiliar (que foram gravadas e constam do inquérito) apenas para tranquilizá-lo e negou a participação dos citados. O governador, a primeira-dama e o empresário não tomaram nenhuma medida judicial contra o detetive, mas moveram ações contra o jornalista.

O delegado responsável pelo caso, Ruy Guilherme Peral da Silva, declarou em entrevista não ser possível identificar os contratantes dos serviços do detetive e também entendeu que o detetive não cometeu crimes contra a honra por ter sido filmado usando “táticas investigativas”.

Paraná

Curitiba – 4 de agosto

O jornalista Reinaldo Bessa foi condenado pelo 13º Juizado Especial Cível e Criminal do Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba a indenizar em R\$ 12 mil o empresário Lorenzo Laurindo de Souza Netto. Ele simplesmente noticiou a operação da Polícia Militar em que Souza Netto foi detido e algemado.

O empresário que processou o jornalista é filho do vice-presidente do Tribunal de Justiça do Paraná, desembargador José Laurindo de Souza Netto.

Piauí

Teresina – setembro

O portal de notícias Política Dinâmica, comandado pelo jornalista Marcos Emanuel da Silva Melo, foi vítima de censura judicial, imposta pela Justiça do Maranhão. O juiz Josemilton Silva Barros, integrante do Juizado Especial Cível e Criminal de Timon/MA, determinou a retirada do ar de uma reportagem e estabeleceu multa de R\$ 1 mil para cada dia de descumprimento da sua decisão.

A reportagem tratava de uma fraude em herança no Piauí, envolvendo cartórios no Maranhão, empresas privadas espalhadas pelo Brasil, órgãos públicos, bancos oficiais, e o autor da ação, o advogado Francisco Einstein Sepúlveda de Holanda.

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – 1º de abril

O juiz Paulo Roberto Sampaio Jangutta, da 41ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, ordenou ao portal GGN a retirada do ar de três artigos do jornalista Luís Nassif, referentes à atuação do desembargador Luiz Zveitter. Jangutta é ex-assessor do desembargador.

O site GGN, em nota assinada por Nassif, que é o diretor executivo do portal, não houve intimação e o julgamento foi à revelia.

Rio de Janeiro – 1º de julho

A juíza Maria Cristina de Brito Lima, titular da 6ª Vara Empresarial, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em decisão liminar, proibiu a TV Globo e a Record TV de veicularem informações sobre o rompimento do contrato entre o influenciador digital Iran Ferreira, conhecido como Luva de Pedreiro, e seu ex-empresário, Allan Jesus.

A juíza acatou pedido do empresário e vetou menções ao nome dele e aos detalhes do contrato celebrado com o influenciador. Também proibiu as emissoras de fazer qualquer manifestação que fomenta discurso de ódio contra Allan, que argumentou ter sido atacado em redes sociais.

São Paulo

São Paulo – 9 de junho

O juiz Flavio Coimbra Junqueira, da 6ª Vara Cível do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), condenou a jornalista Juliana Dal Piva, colunista do portal UOL, a

indenizar em R\$ 10 mil o advogado Frederick Wassef, por ter divulgado as mensagens em que foi atacada por ele. Wassef é advogado da família Bolsonaro.

O magistrado acolheu parcialmente o pedido da jornalista e condenou Wassef a pagar R\$ 10 mil por danos morais à repórter. A mesma sentença, porém, também condenou Dal Piva a indenizar Wassef em R\$ 10 mil, pela divulgação das mensagens enviadas a ela, via WhatsApp, pelo advogado.

O juiz considerou que o advogado extrapolou os limites da liberdade de expressão ao fazer ofensas de cunho sexual à jornalista e dizer que "ela está induzindo o público ao erro". Mas também afirmou que Juliana teria violado o sigilo das comunicações privadas ao compartilhar as mensagens recebidas.

São Paulo – 12 de setembro

O técnico do Palmeiras, Abel Ferreira, processou o jornalista Mauro Cezar Pereira e a rádio Jovem Pan, criminal e civilmente. A ação civil, pedindo indenização por danos morais e retratação pública, foi ajuizada na 17ª Vara Cível de São Paulo. A queixa-crime ajuizada na 14ª Vara Criminal do Foro de Barra Funda.

O jornalista havia afirmado que Abel expressou uma "visão de colonizador", ao comentar um caso de indisciplina de um jogador do time. O técnico, que é português, afirmara que o jogador brasileiro "mentalmente tem muito que evoluir, muito, a nível de educação, a nível de formação enquanto homens". para justificar a fala de "visão de colonizador".

A queixa-crime foi rejeitada, em dezembro. O juiz Fernando Augusto Andrade Conceição, considerou que Mauro não teria ultrapassado os "limites da expressão da opinião do jornalista".

A ação civil continua em tramitação e sua publicização provocou uma série de ataques contra o jornalista em redes sociais (veja em Agressões verbais/ataques virtuais).

Descredibilização da imprensa
(Ataques genéricos a veículos de comunicação e a jornalistas)

Ataques cometidos pelo então presidente Jair Bolsonaro

Janeiro

Brasília – 6 de janeiro

Durante conversa com apoiadores na saída do Palácio da Alvorada, o então presidente Jair Bolsonaro, iniciou as agressões à imprensa:

"É a Folha de S.Paulo, né? A imprensa... Folha, Estado, Globo, Antagonista, são porcaria aí..."

Brasília – 11 de janeiro

Em anúncio do seu canal no Telegram, o então presidente Jair Bolsonaro acusa a imprensa de omissão: "Inscreva-se gratuitamente em mais este canal de informações que você lamentavelmente não verá em grande parte da imprensa. Seja bem vindo sempre (SIC)".

Macapá – 14 de janeiro

Em discurso, o então presidente Jair Bolsonaro volta a afirmar que é vítima de ataques da imprensa: "Estive no meio de vocês, senti o problema de cada um. Não me amedrontei, não me acovardei diante dos ataques da grande mídia brasileira. Mostrei, como general em combate, eu deveria me comportar num momento difícil da pandemia. Lamentamos as 600 mil mortes, mas nós temos que viver. Nós temos que sobreviver e temos que vencer. E isso é que me dá força de estar no meio de vocês."

Brasília – 16 de janeiro

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro atacou a linha editorial da TV Globo: "A Globo atribui a inflação nos EUA à pandemia (só na gasolina: 49%). Já no Brasil ela culpa diariamente o presidente. Também já admitem, como na matéria, que a consequência das altas generalizadas nos preços são do "fica em casa que a Economia a gente vê depois."

Brasília – 20 de janeiro

Em sua "live" das quintas-feiras, o então presidente Jair Bolsonaro distorceu informação sobre spray nasal, tratando dois produtos diferentes como se fossem iguais, para insinuar perseguição da imprensa:

"Alguém deve se lembrar que no início do ano passado, nós mandamos uma delegação nossa para Israel. (...) Entre outras coisas, fomos ver lá a questão do spray nasal para covid, um medicamento. E aí o que a imprensa fala na época? 'Com spray, Bolsonaro insiste em medicamento sem eficácia contra a covid-19'. Isso foi em março de 21. O que aconteceu em janeiro de 22? Adivinha, adivinha? A imprensa: 'Spray nasal anticovid pode proteger todas as variantes por até 8 horas', ok? Bolsonaro tem razão."

Brasília – 22 de janeiro

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro atacou de forma genérica o trabalho da imprensa:

“A imprensa critica o Governo pelos preços dos combustíveis. Quando o mesmo Governo apresenta possível solução para diminuí-los, a mesma imprensa volta a criticá-lo.”

Brasília – 27 de janeiro

Em conversa com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, o então presidente Jair Bolsonaro afirmou que a imprensa de Santa Catarina estava batendo nele porque houve corte de verbas para o Estado. “Parte da imprensa de Santa Catarina está batendo em mim porque eu cortei R\$ 38 milhões do Orçamento de Santa Catarina. Eu cortei R\$ 3 bilhões do Brasil todo. O Parlamento fez um Orçamento além da previsão da Receita, sou obrigado a cortar”, afirmou.

No mesmo dia, durante sua “live” semanal, Bolsonaro criticou vários veículos de comunicação:

“Eu lamento aqui, uma imprensa de Santa Catarina criticando aqui um corte que eu fiz no orçamento que obviamente influenciou aqui naquele dispensado a Santa Catarina. (...) E o editorial diz ‘Desprezo por Santa Catarina’, apesar da minha votação. Vamos lá pra verdade agora então. (...)”

Uma curiosidade, a OCDE né, vê como a imprensa fazia, Brasil 247. Site de esquerda, por acaso? Brasil 247. Esse aqui é de maio de 20: ‘OCDE sinaliza que não aceitará o Brasil de Bolsonaro’. Estadão, o Estado de S. Paulo. Meu primeiro emprego foi no Estado de S. Paulo. Com muita tristeza eu mostro aqui. Outubro de 2021: ‘Os efeitos e as consequências da antidiplomacia brasileira.’ E aqui desce a lenha em mim. Então agora, demonstramos essa semana não que estavam equivocados, estavam mentindo nas matérias.”

São João da Barra – 31 de janeiro

Em discurso, o então presidente Jair Bolsonaro voltou a afirmar ser perseguido pela imprensa, ao falar sobre a escolha dos membros do primeiro escalão do governo: “Montamos um ministério. Eu sempre falo: “pegue o meu governo, bota no papel o nome dos meus ministros, daí vocês pegam governos anteriores e bota no papel o nome dos seus ministros”. Lá atrás, a maioria está presa ou passou pela cadeia. Em nosso governo foi completamente diferente. A competência e o respeito para com a população falou mais alto. E nós conseguimos mudar o destino do Brasil. E, olha, que nós temos contra nós uma parte considerável da imprensa,

que não tem olhos, não tem imagem, não tem papel, para mostrar o que nós fazemos por toda essa Pátria maravilhosa. (SIC)”

Fevereiro

Brasília – 2 de fevereiro

Em discurso proferido no Palácio do Planalto, Bolsonaro chama de “canalhice” o jornalismo da TV Globo:

“Sistema Globo, falar que eu e meus filhos gastamos mais com cartão corporativo que Lula e Dilma. Canalhice, se bem que falar canalhice para a Globo, é pleonasma abusivo. Cada viagem que eu faço tem cartão corporativo. O meu particular, que eu posso sacar até 24 mil por mês e não prestar conta, sabe quanto gastei ou saquei de janeiro de 2019 até agora? Zero.”

Brasília – 7 de fevereiro

Em conversa com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, o então presidente Jair Bolsonaro afirmou que a imprensa é “canalha”:

“O Fies é um bom programa feito com responsabilidade. O que a esquerdalha fez? Criou um trilhão de universidades no Brasil, virou negócio. Quem sabe e acompanha um pouquinho vê o que aconteceu. A imprensa pega isso aqui e vai falar que eu tô contra o Fies. A esquerda... esquerda não, a imprensa canalha”.

Brasília – 12 de fevereiro

Em anúncio de aplicativo, o então presidente Jair Bolsonaro acusa a imprensa de omissão:

“Baixe nosso aplicativo e obtenha muito mais informações que grande parte da mídia omite diária e propositalmente”.

No mesmo dia, Bolsonaro se diz perseguido pelo jornalismo da TV Globo, em entrevista remota a Anthony Garotinho, da Rádio Tupi:

“Eu fui muito mais perseguido que você Garotinho. Com todo respeito, eu sou um herói nacional. Sempre disseram que ninguém resiste a dois meses de Globo. Eu estou resistindo.”

Brasília – 26 de fevereiro

Em seu perfil do Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusa a imprensa de desinformar os brasileiros:

“Infelizmente, mesmo em um momento sensível, em que estão em jogo vidas humanas, princípios inegociáveis das relações internacionais, e recursos

importantes para a vida dos brasileiros, parte da imprensa insiste em gerar ruído e em desinformar os brasileiros em troca de cliques.”

Brasília – 28 de fevereiro

Em seu perfil do Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro volta a afirmar que a imprensa produz “fake news”.

“Não procede a informação que eu teria falado com o Presidente Putin no dia de ontem. Conversei com ele apenas por ocasião da minha visita à Rússia em 16 de fevereiro. A imprensa se supera nas fakenews a cada dia passado!”

No mesmo dia, também via Twitter, ele volta a acusar a imprensa de omissão e de mentir, ao tratar do número de militares no governo:

“Saiba mais detalhes que você não verá na imprensa: <https://bityli.com/aMqlx> . Balanço dos dias de atuação das FFAA no local. <http://dlvr.it/SKjGK2> .COMPARTILHE A VERDADE!”

Março

Brasília – 2 de março

Em mensagem distribuída por WhatsApp, o então presidente Jair Bolsonaro relacionou a imprensa à esquerda e a acusou de conluio para fraude eleitoral:

“Só existem a Rússia, a China e a Liga Árabe capazes de enfrentar a NOM (Nova Ordem Mundial). O Brasil está no radar da NOM e de toda a esquerda. Três ministros do STF e a mídia brasileira (via fraude eleitoral) estão prontos a entregá-lo pela metade do preço que o presidente da Ucrânia entregou seu país.”

Brasília – 9 de março

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou profissionais de imprensa de “militantes”:

“É vergonhoso que o empenho de parte da mídia esteja mais voltado a desmerecer nosso trabalho do que celebrar os resultados históricos, assumindo mais o papel de militantes do que de profissionais. Porém, sabemos que se a violência tivesse aumentado, esses culpariam o Governo.”

Brasília – 31 de março

Em cerimônia de posse de ministros no Palácio do Planalto, Bolsonaro desferiu novos ataques contra a imprensa:

“Para onde vai uma sociedade? Para onde vai o Brasil

sem uma família devidamente estruturada, saudável? Para onde ia a nossa educação? Por onde estava ainda nossa educação, como há poucos anos: única vantagem de Paulo Freire, ministro da educação do governo de 2003 a 2015 aqui é que não podia piorar mais. Na prova do Pisa nós éramos os últimos lugares, em matemática, interpretação de texto e ciência. Parabéns, não tem como piorar mais. Era um septuagésimo lugar de 70. Pobres jovens crescem, muitos indo para a imprensa sendo militantes, só veem defeito, não veem virtude em nada. Tudo tem um “mas”, tudo tem “ah”. Para que serve essa juventude?”

O educador e filósofo Paulo Freire, reconhecido internacionalmente, faleceu em 1997.

Abril

Rio de Janeiro – 4 de abril

Em discurso no Rio de Janeiro, o então presidente Jair Bolsonaro relaciona Deus com enfrentamento a adversidades com parte da imprensa:

“Se não fosse Ele, o nosso Deus, como resistiríamos a tantas adversidades com grande parte da imprensa contra nós? É a fé. É um país com, aproximadamente, noventa por cento de cristãos. Este momento de alegria, de paz, de reencontro também bem demonstra, na prática, que é um governo que ajuda, colabora e teme ao seu Deus.” No mesmo dia, e também no Rio de Janeiro, em discurso para empresários, Bolsonaro voltou a dizer que é perseguido pela TV Globo e pediu boicote dos empresários aos de imprensa não alinhados com o governo:

“Quando assumi, já sob fogos da Globo, falaram: ‘Você não aguenta 3 meses’. Estamos há 3 anos e 3 meses. Se a Globo acusasse com razão, tudo bem. Agora, vocês que são anunciantes, ajudariam muito o Brasil. Eu peço a vocês: órgãos de imprensa que mentem o tempo todo, não anunciem nesses órgãos de imprensa. É a maneira que nós temos de, realmente, começar a mudar o destino do Brasil. Não podemos avançar com mentiras. Falhas, temos. Nós nos corrigimos quando se faz necessário, mas não é fácil. E não é só imprensa. Tem 2 ou 3 de outro Poder que ficam enchendo o saco o tempo todo. Não admitem a gente trabalhar em paz no nosso país.”

Brasília – 5 de abril

Em discurso para oficiais-generais promovidos, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de promover ataques descomunais contra ele:

“A gente lamenta, por parte da nossa imprensa, ataques descomunais. Estamos há três anos e três meses com fogos de inquietação, mas quem tem a consciência tranquila e tem Deus ao seu lado vence a esses obstáculos.”

Brasília – 7 de abril

Em discurso na sede do Banco do Brasil, o então presidente Jair Bolsonaro desferiu mais acusações contra a imprensa:

“Dois anos de pandemia, uma guerra lá fora, tivemos seca no Brasil, tivemos geadas. Me desculpe aqui, a imprensa o tempo todo atirando de “ponto 50” em cima da gente. E como é que a gente resiste a tudo isso? Porque a resiliência de todos nós, dos senhores também, servidores aqui do Banco do Brasil, de buscar fazer a coisa certa. (...)

Agora eu te pergunto, quanto você paga hoje para ir e voltar de PIS/COFINS, que é o imposto federal, e de diesel para o seu caminhão? Por acaso você sabe? Zero? É zero. “Ah, o governo informa mal”, a gente faz o que pode nas mídias sociais, a gente não pode contar com a mídia tradicional, é zero. (...)

E também usar aqui, o ministro Juca, o país que 2/3 do território é preservado. Se vocês forem levar em conta toda vez que a imprensa fala que desmatou e queimou tantas coisas no Amazonas, pegar os últimos 20 anos, já se queimou a Amazônia duas vezes, então algo está errado, algo está errado.”

Passo Fundo – 8 de abril

Em discurso, o então presidente Jair Bolsonaro associou erros de institutos de pesquisas ao jornalismo da TV Globo e disse que a TV Globo é pior que lixo:

“Quem acredita em pesquisa, acredita em papai Noel também. Nenhuma pesquisa acertou em 2018 e não vai ser agora que vai acertar também. O que nós mais queremos é paz, tranquilidade. “Permita-me discordar, lixo é reciclável. Essa porcaria dessa Globo não serve para nada.”

Brasília – 10 de abril

Em entrevista ao podcast “Irmãos Dias”, o então presidente Jair Bolsonaro acusa a imprensa de falta de caráter, por noticiar o chamado orçamento secreto, que é a destinação de recursos do orçamento da União, por meio de emendas do relator do orçamento, sem a identificação dos parlamentares responsáveis pelas emendas:

“Quando falam em orçamento secreto é falta de caráter da imprensa porque é publicado no Diário

Oficial da União. Eles têm acesso a tudo o que é feito praticamente com esses aproximadamente R\$ 15 bilhões”.

Brasília – 12 de abril

Em cerimônia no Palácio do Planalto, o então presidente Jair Bolsonaro acusa parte da imprensa nacional e internacional de publicar mentiras:

“Agora um assunto aqui de hoje, muito bem tratado, de forma bastante rápida e objetiva pelo Fábio Faria, lá do Rio Grande do Norte, uma das viagens que mais marcou minha vida eu estava na região de São Gabriel da Cachoeira e me encontrei ali com ianomâmis e tucanos e nesses dois momentos, parece até que havia sido combinado, eu perguntei para eles: O que vocês gostariam de ter do Governo Federal? Sabem o que eles falaram para mim? “Queremos ter internet”. O Fábio Faria estava do lado, nos comunicamos imediatamente o Fábio Faria, e hoje em dia nós já temos, aproximadamente, 500 pontos de internet em aldeias indígenas. Ou seja, hoje a gente, com cuidado, já consegue ver vídeos de indígenas pelo Brasil todo mostrando a realidade e não fake news, e não mentiras, como em grande parte da mídia nossa tradicional, e a de fora do Brasil também, faz aqui no Brasil.”

Brasília – 13 de abril

Em café da manhã com lideranças evangélicas, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de má-fé e ignorância, ao tentar desmentir notícia sobre compra de Viagra pelas Forças Armadas:

“Então, a gente apanha todo dia de uma imprensa que tem muita má-fé e ignorância, não procura saber por que comprou os seus 50 mil comprimidos de Viagra. Mas faz parte.”

Brasília – 14 de abril

Em sua “live” semanal de quinta-feira, o então presidente Jair Bolsonaro voltou a atacar a imprensa por ter noticiado a compra de Viagra pelas Forças Armadas:

“Fiquei chateado, não como capitão do exército, mas como cidadão brasileiro. Parte da mídia atacar as Forças Armadas dizendo ‘compraram Viagra, compraram 30 mil comprimidos de Viagra!... Pô, jornalistas, pelo amor de Deus, dizem que são jornalistas investigativos e escrevem uma besteira dessa”.

Brasília – 27 de abril

Em discurso proferido num encontro com parlamentares, o então presidente Jair Bolsonaro colocou sob suspeição o trabalho da imprensa:

“Eu acredito que tem parlamentar que está receoso

de falar qualquer coisa, até mesmo comparecer aqui. Qual vai ser a conotação da imprensa com a presença de vocês? Eu estou me lixando para o que essa imprensa vai falar e, mesmo assim, eu nunca falei em controlar as mídias sociais ou a imprensa tradicional. (...)

“Diferentemente de outra pessoa, que é tão bem tratada por parte dessa mídia, eu lamento que essa pessoa havia se manifestado a comparecer na reunião com prefeitos, e ontem, de manhã, eu fiquei sabendo que não viria mais e dizer.”

Maio

Maringá – 11 de maio

Em discurso durante a 48ª Edição da Expoingá, em Maringá (PR), o então presidente Jair Bolsonaro, acusou a imprensa de mentir:

“Somente os ditadores temem o povo armado. Eu quero que todo cidadão de bem possua sua arma de fogo para resistir, se for o caso, à tentação de um ditador de plantão. Ninguém mais do que esse presidente, diferentemente do que a grande mídia diz, é defensor da nossa Constituição e da nossa liberdade.”

Campos do Jordão – 13 de maio

Em discurso na abertura da 56ª Convenção Nacional do Comércio Lojista (SP), em Campos do Jordão, o então presidente Jair Bolsonaro acusou, mais uma vez, a imprensa de persegui-lo:

“A imprensa toda me crucificou, mas não erramos em nenhum momento, mas do que estudos e fora do Brasil, as medidas restritivas prejudicaram em muito a economia, não salvaram vidas e deram um duro golpe também na educação do mundo todo. Aqui as universidades fecharam, Eu pergunto-lhes, acaso a Academia Militar das Agulhas Negras, a Academia da Força Aérea ou a Escola Naval, fechou um dia sequer? Não, o reitor sou eu, nenhum cadete foi internado, fiz a minha parte e assumi os riscos desde o começo. (...)

Convidaram as Forças Armadas a participar do processo eleitoral, elas fizeram o seu papel, não foram lá para servir de moldura para quem quer que seja. E hoje, nos atacam como se as Forças Armadas estivessem interferindo no processo eleitoral, longe disso, Quem diria? Onde geralmente o chefe do Executivo conspira para permanecer no poder, esse chefe que está aqui, faz exatamente o contrário, exatamente o contrário, que a grande mídia dizia ao meu respeito. (...)

Estamos há 3 anos e 5 meses sem corrupção, e isso não é virtude, é obrigação. E até há poucas semanas a

imprensa disse que no governo Bolsonaro existem 5 suspeitas de corrupção. Ora, meu Deus do céu, que imprensa é essa? Sem querer generalizar, mas meus senhores, todos nós temos uma missão aqui na terra, todos nós vamos para o mesmo lugar em dia e hora diferente, com toda certeza, e o nosso currículo lá para cima, é o que nós fazemos aqui na terra.”

São Paulo – 16 de maio

Em discurso na cerimônia de abertura da 36ª Apas Show, em São Paulo, o então presidente Jair Bolsonaro disse que levou pancada da imprensa, por ter viajado à Rússia e criticou outras reportagens:

“Fui à Rússia, levei uma pancada da nossa querida imprensa. Conversar com o Putin, fui conversar com o quê com Putin? Quase 03 horas de conversa, o que eu posso falar? Uma das coisas é fertilizantes. (SIC) Eu tenho o poder para decidir a guerra? Acabou, agora, acabou, não tenho poder para isso. Somos pela neutralidade e equilíbrio, no que depender de nós, obviamente, a paz. (...)

A nossa imprensa que está ali. Eu não tenho problema com a imprensa, mas por favor, a verdade. Eu vi a Veja, agora, a matéria de capa: "Temos que discutir aborto. Não deixarmos nas mãos de ativistas religiosos". A imprensa tem que mostrar a matéria. Nós, pro lado de cá, vamos decidir se somos contra ou a favor, e não tomar uma posição já favorável de um lado ou para outro. Que imprensa é essa? O Estado de São Paulo, ontem comecei a ler, para ver, até uma matéria bacana. Eu acho que o cara não leu o final. Um editorial lindo do Estado de São Paulo falando as verdades do Lula, chega no final, ele fala: "Bolsonaro e Lula são a mesma coisa para 22". Ah, pra ponta da praia, pô. Porra. Procura o nome do editor, e vou ligar para dar os parabéns. E termina com uma cagada dessa. Acha que sou igual a aquele cara? Esse cara que falou agora há pouco, o pessoal da Polícia Militar aí, que vai acabar com os clubes de tiro, vai criar clube de leitura. Um analfabeto daquele falar em criar clube de leitura.”

Brasília – 24 de maio

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro atacou a imprensa para justificar massacre policial, que deixou 23 mortos, na Vila Cruzeiro, Rio de Janeiro:

“Lamentamos pela vítima inocente, bem como pela inversão de valores de parte da mídia, que isenta o bandido de qualquer responsabilidade, seja pela escravidão da droga, seja por aterrorizar famílias, seja por seus crimes cruéis. Boa noite a todos!”

Brasília – 25 de maio

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de “demonizar” forças de segurança, um dia depois do massacre da Vila Cruzeiro.

“Por outro lado, nossos agentes das forças de segurança arriscam suas vidas diariamente para o total oposto: combater o crime e proteger inocentes. É para cumprir a lei, não por diversão, que eles enfrentam todos os tipos de obstáculos, inclusive a demonização de parte da mídia.”

Em outro tuíte, Bolsonaro disse, ironicamente, apoiar paralisação de jornalistas do jornal O Globo, realizada em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, e culpou os profissionais por não receberem reajustes salariais, em razão da crise econômica:

“As consequências daquela história que vocês, imprensa, falaram tanto do ‘fica em casa e a economia a gente vê depois’ está servindo também para a imprensa. Todo mundo está pagando o preço alto em cima disso.”

Brasília – 27 de maio

Em sua “live” semanal, o então presidente Jair Bolsonaro voltou a classificar uma notícia, como “canalhice”:

“A manchete aqui: ‘Evangélicos se dividem entre Lula e Bolsonaro’. Isso não é fake news, é canalhice. Eu sei que não sou unanimidade em lugar nenhum. Mas, se fizer pesquisa séria nas Forças Armadas, não vai dizer que os militares estão divididos.”

Brasília – 30 de maio

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a TV Globo de inflamar as pessoas contra o governo, para ter de volta verbas publicitárias:

“Entre todas as ações de apoio que estamos realizando, a Globo, ao invés de informar, escolhe inflamar as pessoas contra nós, se alimentando de mais uma tragédia para fazer política. E não ache que estão pensando nelas, o que querem é a volta das gordas verbas de publicidade.”

Recife – 30 de maio

Em entrevista à imprensa e ao ser questionado sobre a morte de Genivaldo de Jesus Santos, em Umbaúba, Sergipe, durante uma abordagem da Polícia Rodoviária Federal, o então presidente Jair Bolsonaro diz que a imprensa tem sempre o lado da “bandagem”:

“Tenho certeza, será feito justiça, né? Todos nós queremos isso aí, sem exageros e sem pressão por parte da mídia, que sempre tem um lado: o lado da

bandagem. Como, lamentavelmente, grande parte de vocês se comportam, sempre tomam as dores do outro lado. Lamentamos o ocorrido, vamos com serenidade fazer o devido processo legal para não cometermos injustiça e fazermos, de fato, justiça” (SIC).

Junho

Brasília – 7 de junho

Em discurso, o então presidente Jair Bolsonaro voltou a classificar a imprensa brasileira como “fábrica de fake news”:

“Não existe tipificação penal para fake news. Se for para punir fake news com a derrubada de páginas, fecha a imprensa brasileira, que é uma fábrica de fake news. Em especial, O Globo, Folha.”

Brasília – 7 de junho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de publicar mentiras e de “topar tudo por dinheiro”:

“Mentira! Foi justamente o contrário. Defendi que se fosse para prender e punir alguém por algo tão subjetivo como “Fake News”, O QUE EU SOU CONTRA E TODOS SABEM, teria que começar pela própria imprensa, que frequentemente publica mentiras e informações distorcidas, como essa.”

“Impressiona o esforço de parte da mídia para encontrar esse desejo de minha parte, que não existe, enquanto ignora declarações abertas do descondenado prometendo controlar a mídia e a internet. Parece que toparam tudo por dinheiro, até perder a própria voz e a própria liberdade.”

Brasília – 10 de junho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de publicar de publicar “narrativas” fora da realidade, tratando da admissão do país na OCDE:

“Trabalhamos duro para viabilizar nossa entrada na entidade, reunimos apoio de todos os países membros e estamos finalmente sendo reconhecidos. Este avanço, que cresceu no meu governo, demonstra mais uma vez a discrepância entre as narrativas de parte da imprensa e a realidade.”

Brasília – 11 de junho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou, de forma genérica, jornalistas de mentirem, manipularem e enganarem as pessoas:

“Rebater matérias enviesadas não é atacar a imprensa, é se defender. Atacá-la é controlar, prender e censurar como uns fazem e outros desejam. Se crítica for ataque, alguns jornalistas fazem pior, pois mentem, inventam e distorcem informações para manipular e enganar as pessoas.

Manaus – 18 de junho

Em discurso proferido durante evento religioso em Manaus, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de publicar mentiras:

“Olha, uma revelação para vocês, vocês lembram do 7 setembro do ano passado. Eu não fiquei sabendo de nenhuma lixeira revirada, uma vidraça quebrada, alguém que foi à delegacia, nada. Muito de vocês, pessoal simpático a minha pessoa, vai na rua com a esposa, com a vovó, com o filho, com o bebê. O que a imprensa falou? Um ato violento, atentatório à democracia, 7 de Setembro.” (SIC)

Balneário Camboriú – 25 de junho

Em discurso proferido durante evento religioso evangélico, o então presidente Jair Bolsonaro volta a acusar a imprensa de omissão:

“Hoje é um evento religioso, como eu tenho participado em outros pelo Brasil, como estive ontem e anteontem em Caruaru e também em Campina Grande. Vocês não viram uma só linha na imprensa tradicional, porque não houve nenhuma vaia, muito pelo contrário, o povo humilde.”

Brasília – 28 de junho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de se empenhar em gerar caos no Brasil, ao noticiar as medidas necessárias para o combate à pandemia, entre elas, o distanciamento e o isolamento social:

“Esses resultados estão sendo alcançados apesar de todo o empenho da esquerda e de parte da imprensa em gerar caos no Brasil através do “fica em casa que a economia vê depois”, que só foi eficiente para tirar do povo o direito de trabalhar e levar comida pra mesa de suas casas.”

Julho

Brasília – 6 de julho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro disse que imprensa quer o pior para o povo:

“Se nada fosse feito para aliviar os brasileiros dos impactos do “fica em casa que a economia vê depois” e

da guerra, a esquerda e a imprensa reclamariam de omissão. Como estamos fazendo, reclamam de eleitoreiro. É simples: quanto pior for para o povo, melhor para se promoverem.”

Brasília – 8 de julho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro afirmou que imprensa foi “parceira na demagogia” de políticos ao tratar da cobertura da pandemia de Covid-19:

“Sem falar daqueles que na pandemia, além de tratar como bandido quem tinha que trabalhar para sobreviver, aproveitaram para AUMENTAR IMPOSTOS. A tragédia era anunciada, mas parte da imprensa preferiu ser parceira na demagogia. A consequência para alguns foi voltar pra privada.”

Brasília – 12 de julho

Em uma chamada de vídeo para um dos irmãos de Marcelo Arruda, petista assassinado no Paraná por um bolsonarista, o então presidente Jair Bolsonaro acusou imprensa de tentar desgastar o governo:

“A ideia é ter uma coletiva com a imprensa para vocês falarem a verdade, não é a esquerda ou a direita. A imprensa está tentando desgastar o meu governo”.

Brasília – 18 de julho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro afirmou que imprensa é aliada da esquerda e que ambas buscaram o caos:

“O fecho tudo irracional e irresponsável defendido pela esquerda só foi eficiente para destruir a renda de trabalhadores e causar outros problemas graves e previsíveis omitidos pela velha imprensa, sua grande aliada. Cada dia fica mais claro que o caos foi buscado e premeditado.”

Brasília – 26 de julho

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de não prezar liberdade e atuar por dinheiro:

“Seria mais fácil, como outros fizeram, dar para parte da imprensa o que ela sempre quis em troca de afagos e elogios para mim e para meu governo. Mas escolhi “apenas” defender gratuitamente a sua liberdade, algo que só não tem valor para quem não possui o menor apreço por ela.”

Agosto

Brasília – 1º de agosto

Em conversa com apoiadores, o então presidente Jair Bolsonaro disse que imprensa o ataca porque ele bate recorde de venda de armas:

“Estamos facilitando bastante também a questão do armamento. Propriedade privada é privada, ninguém pode invadir. A imprensa bate em mim porque eu estou batendo recorde de venda de armas. Sim. Quero facilitar mais ainda. Quanto mais armas, mais segurança.”

Brasília – 3 de agosto

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro publicou vídeo de apresentador lendo manchetes jornalísticas, acompanhado de crítica generalizada à imprensa:

“Com saudades do ladrão e disposta a jogar fora a sua própria liberdade em troca do que todos sabem, parte da imprensa tornou-se incapaz de divulgar avanços do Brasil sem minimizá-los. Apesar dessa lamentável postura, seguiremos defendendo a sua liberdade e independência.”

Brasília – 7 de agosto

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro divulgou vídeo de uma de suas “lives”, acusando a imprensa de não dar “notícia boa” para o governo:

“Para a grande imprensa, não tem notícia boa para o governo. G1: ‘Brasil melhora acesso à escola, mas ainda precisa superar a desigualdade, aponta OCDE’. Uol: ‘Brasileiro consegue mais emprego com carteira, mas está ganhando 9% a menos’. Estadão: ‘Brasil melhora em ranking de inovação, mas não por mérito próprio’. CNN: ‘Economia parece melhorar, mas e no ano que vem?’”

Brasília – 8 de agosto

Em entrevista ao “Flow Podcast”, o então presidente Jair Bolsonaro citou veículos de comunicação alinhados com o governo e disse que a imprensa tradicional não mostra a verdade. Também diz que a imprensa começou a “perturbar” por pedir informações sobre visitas ao Palácio da Alvorada:

“Não digo ajudar, mas tem alguns. Se eu puder falar aqui... A Jovem Pan, por exemplo. Tem ‘Os Pingos Nos Is’. A Jovem Pan como um todo. Tem matérias também que entram na Record, no SBT. Agora, naquela grande imprensa não existe boa notícia. Quando tem uma boa notícia, tem uma vírgula, uma conjunção adversativa ‘mas’ depois. (...)”

Se eu fosse esperar a imprensa tradicional mostrar a verdade, eu estava morto. (...)

“Não é um decreto ditatorial meu. A lei me garante

isso. O que a imprensa começou a perturbar: eu tenho a minha agenda que é pública lá no Palácio da Presidência. Se for me visitar, está lá. Aí começaram a querer ter acesso a quem ia me visitar no Palácio da Alvorada. E de acordo com as pessoas que me visitam no Alvorada, a imprensa faz uma matéria sobre aquilo. Quem eu recebo na minha casa, eu não devo satisfação a ninguém”.

São José dos Campos – 18 de agosto

Em entrevista à imprensa em São José dos Campos, o então presidente Jair Bolsonaro disse que jornalistas divulgam “fake News”, ao ser questionado ser questionado sobre a notícia, divulgada pelo portal Metrôpoles, de que empresários bolsonaristas falam em golpe de Estado caso Lula vença a eleição presidencial.:

“Que empresários? Qual é o nome deles?”, questionou o presidente ao ser questionado sobre o assunto. “Chega de fake news. Qual jornalista? Toda semana quase vocês demitem um ministro meu citando fontes palaciana”.

Durante a mesma entrevista, Jair Bolsonaro também atacou o jornalista Guilherme Amado (veja em Agressões verbais/ataques virtuais).

Brasília – 19 de agosto

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro reproduziu uma manchete jornalística e sugeriu ser perseguido pela imprensa:

“Não adianta. Se zerarmos os homicídios - que em nosso Governo já foram reduzidos ao menor índice em mais de uma década - parte da mídia reclamará do prejuízo causado à Associação dos Assassinos e Matadores de Aluguel.

Brasília – 22 de agosto

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro criticou o conteúdo de uma charge de Amarildo, na qual o chargista ironizava a isenção de impostos para itens de luxo, como jet ski, afirmando que a imprensa omite informações para prejudicá-lo:

“Se a mídia divulgasse amplamente as reduções de impostos que promovemos desde 2019 ao invés de omitir pra me prejudicar, talvez o autor da charge saberia que nós já reduzimos e zeramos os impostos sobre itens da cesta básica há meses. Ou ele sabe, mas prefere enganar inocentes.

No tuité, ele também atacou o chargista Amarildo (veja em Agressões verbais/ataques virtuais).

Brasília – 26 de agosto

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro acusa jornalismo da TV Globo de favorecer candidatura de Lula na sabatina do Jornal Nacional, em troca de dinheiro:

“Compreendo perfeitamente a Globo tratar melhor aqueles que estão dispostos a pagar mais. Eles são a esperança de dias melhores para a emissora. Estranho seria comigo, que fechei a torneira. (...)”

A garantia que a Globo e a imprensa de forma geral sempre terá comigo é de jamais defender o seu controle, como pretende o outro lado. Para quem ama e defende a liberdade, isso não tem preço. Mas hoje, infelizmente, muitos são capazes de entregá-la por algumas moedas de prata. (...)

Hoje a emissora pode até continuar promovendo perversidades como o aborto, as drogas, a ideologia de gênero, a inversão de valores e a destruição da família se assim desejar, só que não mais sustentada com rios de dinheiro público. (...)

Talvez se tivéssemos dado o que queriam, as boas notícias não seriam acompanhadas por um ‘mas’ e sobriariam aplausos ao meu governo. Mas escolhemos investir no Brasil e não em elogios.”

Brasília – 30 de agosto

Em entrevista a jornalistas em Brasília, o então presidente Jair Bolsonaro tentou desqualificar o portal UOL por reportagem sobre compras de imóveis em dinheiro vivo por membros de família:

“Não vai ter, porque quem tá fazendo a matéria é um órgão de imprensa que não tem mais qualquer credibilidade no Brasil.”

Setembro

Brasília – 1º de setembro

Em sua “live” semanal de quinta-feira, o então presidente Jair Bolsonaro atacou novamente o jornal Folha de S. Paulo e o portal UOL, por reportagens sobre compra de imóveis em dinheiro vivo por membros de sua família:

“Botam até minha mãe agora como compradora e vendedora de imóvel. E vai embora. E quem faz isso? Folha, UOL. Uma imprensa sem credibilidade nenhuma! E faz essas besteiras por aí, pra culpar, sacanear, agora peguei o cara é corrupto, não prova nada! Como lá atrás tentaram a questão de uma senhora lá que vendia açai lá em Angra, minha vida é revirada o tempo todo, e

vamo tocando o barco aí.” (SIC)

Brasília – 6 de setembro

Em sabatina na Jovem Pan, por telefone, o então presidente Jair Bolsonaro voltou a atacar Folha e UOL por reportagens sobre compra de imóveis em dinheiro vivo por membros de sua família:

“Covardia por parte da Folha/ UOL, em segundo a matéria ficar 7 meses investigando, pra um mês antes das eleições apresentar isso. Qual o indício de... a origem desse dinheiro de corrupção? Qual a origem? E pegam imóveis desde 1990, ou seja, 32 anos atrás. Como não têm nada contra mim, ficam ao redor dos meus familiares.”

Na ocasião, Bolsonaro também ofendeu a jornalista Amanda Klein (veja em Agressões verbais/ataques virtuais).

Brasília – 10 de setembro

Em seu perfil no Twitter, o então presidente Jair Bolsonaro publicou montagem com manchetes de telejornal da TV Globo, e acusou a emissora de manipular as pessoas:

“Quando se coloca junto as cenas que predominaram no último 7 de setembro, mais forçado se mostra o tom apocalíptico e dramático adotado pela rede Globo para causar medo e manipular as pessoas. O que deveria ser um jornalismo sério e imparcial se tornou uma linha auxiliar do PT.”

Rio de Janeiro – 10 de setembro

Em evento religioso evangélico, o então presidente Jair Bolsonaro acusou a imprensa de “levar para a maldade” suas declarações:

“A imprensa sempre leva para a maldade. Eu falei há poucos dias: 'compare as primeiras-damas'. Não foi no tocante à estética, maquiagem, altura ou outro atributo qualquer apenas de visualizar. Eu disse o que está no coração da primeira-dama, a minha esposa, (e o) que esteve no coração de outras primeiras-damas pelo Brasil. O que elas promoviam, o que elas falavam. Qual era a dedicação de cada uma.”

Brasília – 12 de setembro

Em entrevista aos podcasts Dunamis, Hub, Felipe Vilela, Positivamente, Luma Elpidio e Luciano Subirá, o então presidente Jair Bolsonaro responsabilizou a imprensa por suas falas na pandemia:

“Eu dei uma aloprada. Os caras [imprensa] batiam na tecla o tempo todo e queriam me tirar do sério”.

Nova York – 20 de setembro

Em discurso na 77ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, o então presidente Jair Bolsonaro afirmou que imprensa brasileira e a internacional desinformam sobre Amazônia:

"Dois terços de todo o território brasileiro permanecem com vegetação nativa, que se encontra exatamente como estava quando o Brasil foi descoberto, em 1500. Na Amazônia brasileira, área equivalente à Europa Ocidental, mais de 80% da floresta continua intocada, ao contrário do que é divulgado pela grande mídia nacional e internacional."

Belo Horizonte – 23 de setembro

Em entrevista à Rádio Itatiaia, de Minas Gerais, o então presidente Jair Bolsonaro diz ser alvo de desgaste do jornalismo do jornal Folha de S. Paulo e do portal UOL. À época, candidato à reeleição, ele também condenou as pesquisas eleitorais:

"As pesquisas nunca foram confiáveis no Brasil. Geralmente são compradas. O Datafolha é uma prova disso: errou tudo em 2018 e continua errando, ele faz pesquisa para quem paga. O grupo Folha/UOL a gente sabe bem o que que eles fazem, tentam o tempo todo me desgastar. Eu não sou contra a imprensa, muito pelo contrário, sempre preguei a liberdade de imprensa."

Contagem – 23 de setembro

Em comício na cidade de Contagem, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro voltou a atacar o jornal Folha de S. Paulo e o portal UOL, por reportagem sobre compra de imóveis, com dinheiro vivo, por membros de sua família:

"Covardia. Covardia com a minha família, com a minha mãe já falecida. Esperar o que do grupo Folha/UOL? A não ser mentira, calúnia. Eles perderam bastante com o Pix criado pelo nosso governo. Eu defendo a liberdade de imprensa mesmo sendo atacado. O outro lado quer controlar a mídia."

São Paulo – 24 de setembro

Em entrevista coletiva em São Paulo, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro mais uma vez atacou o jornal Folha de S. Paulo e o portal UOL, por reportagens sobre compra de imóveis em dinheiro vivo por membros de sua família.

"A UOL fez um trabalho sujo! Sujo! É o que eu tenho pra falar aqui. Pegando principalmente 11 familiares meus, e desde 1990 levantou os imóveis que eles compraram, e não pegou os que eles venderam! (...) Botaram nesse rol de imóveis um imóvel comprado

pela minha falecida mãe. UOL, que trabalho sujo vocês fizeram, tentando me desgastar 30 dias antes das eleições."

Na mesma entrevista, ele agrediu verbalmente uma repórter que insistiu no assunto (veja em Agressões verbais/ataques virtuais).

Osasco – 24 de setembro

Em entrevista após debate eleitoral, realizado por um conjunto de veículos de comunicação num dos estúdios do SBT, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou os jornalistas participantes do debate de se colocarem contra ele:

"Não foi apenas, como disse o Padre Kelmon, cinco contra um. Foi cinco mais cinco jornalistas. Não se faz isso. Jornalismo tem que ser independente".

Brasília – 30 de setembro

Em uma live realizada às vésperas do primeiro turno da eleição, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou jornalistas do jornal O Estado de S. Paulo de tentar afastá-lo das Forças Armadas:

"Eles inventam nomes, fazem a matéria, tentam me afastar das Forças Armadas, mas existe uma coisa que a imprensa não sabe, chama-se lealdade, confiança, respeito, consideração, a imprensa não sabe o que é isso, isso existe entre eu e os comandantes militares".

No mesmo dia, em seu perfil no Twitter, Bolsonaro disse que Rede Globo apoiava a candidatura de Lula:

"É compreensível a Rede Globo torcer e trabalhar pela volta do Ladrão. Quem é roubado é o povo, não ela, e quem fatura é ela, não o povo. Comigo, gastos com publicidade nesses veículos, que chegavam a bilhões, caíram drasticamente! A preocupação não é com democracia, é com \$\$\$".

Outubro

Rio de Janeiro – 3 de outubro

Em declaração à imprensa após o resultado do primeiro turno da eleição presidencial, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou a imprensa de persegui-lo:

"Eu pretendo quando não for mais eleito cuidar da minha vida. Estou com 67 anos. Não não queira imaginar você na minha situação de três anos e oito meses como presidente da República, com todos os problemas que nós atravessamos além de interferência de outro poder, além da mais, quase toda a imprensa só vendo coisa de errado o tempo todo, acusações em

grande parte infundadas, eu quero o bem da população. Eu queria até, quem não queria estar com a minha idade, eu tenho direito a duas aposentadorias né, uma de deputado, uma capitão do Exército, estar cuidando da minha vida né.(...)

Eu espero que vocês comecem a mostrar coisa boa do governo, né? E não apenas críticas. Se a imprensa fosse isenta de verdade, o resultado seria outro nessa eleição. Pode ter certeza disso. Pessoal, eu aguentei todos vocês! Eu aguentei todos vocês com raras exceções! É o tempo todo massacre! Até uma palavrinha minha, incansável por exemplo, é um escândalo!”

São Paulo – 4 de outubro

Em um evento religioso numa igreja evangélica, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou grande imprensa de estar contra ele e disse que o Nordeste não têm bons veículos de comunicação:

“A grande imprensa, os institutos de pesquisa e parte dos magistrados togados da Praça dos Três Poderes estão contra mim. (...)

Querida pedir, nós todos temos parentes no Nordeste, que ligue para seu parente no nordeste e diga para quem ele deve votar para presidente. Porque muitos nordestinos estão mal informados porque não têm uma imprensa boa para se informar. E vamos pedir também para aqueles que não votaram. Vamos levar aos nossos idosos, que não saíram de casa, vamos levá-los para votar.”

Brasília 9 de outubro

Em entrevista ao Canal Pilhado, no YouTube, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou jornalistas de serem de esquerda e de deturparem notícias, para prejudicá-lo:

“A outra questão ideológica, eu tenho conversado com alguns donos de televisões por aí, né? E eles falam da dificuldade pra contratar jornalistas que tem uma cabeça despoluída, eles já chegam da universidade acostumado a só fazer maldade. A só procurar defeito no outro lado. E ser de esquerda, ser de esquerda passou a ser bonito. Tá? Com libertinagem. Eh e nós não aceitamos isso. Né? Então esse lado ideológico também pesou pro pessoal dar pancada na gente. Porque aqui você aprendeu no Brasil, Paulinho, o que vende jornal, o que vende matéria é notícia ruim. E como não tem notícia ruim da gente, raramente acontece, né, os caras vão pra deturpar boas notícias. (...)

“A proposta do PT é a la Nicarágua, que cortou o sinal da CNN lá. A CNN daqui podia se preocupar com isso, né? É o sinal deles. Começar a agir de maneira

diferente aqui no Brasil. Começar a ser mais isento. Mas como eu sei, há muita dificuldade de encontrar jornalista por aí com viés voltado pra honestidade e para a verdade.”

“Agora o que eu não consigo entender, Paulinho talvez você entenda, que você entende mais de mídia do que eu. Como é que aí essa grande imprensa, jornalistas continua apoiando o Lula? É o eu falar pra você por exemplo que eu vou pegar teus cavalos na tua fazenda, e vou vender pro açougue. E você vive de criar cavalo e você continua apoiando a mim. Não tem cabimento isso, eu não consigo entender até que ponto foi essa lavagem cerebral em cima dos jornalistas.”

Pelotas – 11 de outubro

Em entrevista à imprensa em Pelotas (RS), o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou a imprensa de inventar que ele planejava aumentar o número de assentos no STF, o que ele realmente havia dito:

“A imprensa falou que vou passar para mais cinco no Supremo, eu falei que isso não estava no plano de governo. Botaram na minha conta. Vocês que inventaram isso”.

Fortaleza – 15 de outubro

Em entrevista à imprensa em Fortaleza, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou a imprensa de tê-lo massacrado por conta de seu comportamento durante a pandemia da Covid-19:

“Eu fui o único chefe de Estado do mundo que foi contra isso. Falei que tínhamos que cuidar dos idosos e de quem tinha comorbidade, mas o resto tinha que trabalhar, já que o vírus não iria embora. Mas vocês, grande parte da imprensa, aproveitaram e me massacraram”.

Osasco – 21 de outubro

Em sabatina no SBT, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro disse sofrer muitas vezes “fake news”, inverdades e calúnias:

“Costumo dizer, e pese as críticas que eu recebo da imprensa brasileira, nunca tomei uma medida de força contra qualquer repórter no Brasil. Nunca tentei derrubar páginas de quem quer que seja, desmonetizar página de quem quer que seja, e sempre aceito isso, muitas vezes sofrendo fake news, inverdades, calúnias, mas não busquei atingir o que é a alma da democracia, que é a liberdade, que é a alma de vocês, que é a liberdade de imprensa.”

Brasília – 23 de outubro

Em entrevista para ao apresentador Ben Shapiro, dos EUA, Bolsonaro repetiu acusações contra a imprensa brasileira:

“Por ocasião da votação da Dilma Rousseff já tinha uma certa notoriedade no Brasil e fiquei mais conhecido ainda. Obviamente a imprensa bateu muito em mim aqui. Mas eu fiquei mais conhecido ainda e já tinha decidido disputar as eleições em dois mil e dezoito. (...)

Então tudo eles potencializam. Quando eu defendo o homem do campo, eles dizem que eu sou destruidor da natureza. Quando eu defendo o legítimo direito a defesa, no caso a liberdade, algum critério para a pessoa ter uma arma de fogo em casa, eles me acusam de querer armar a população pra causar o caos aqui dentro. E grande parte da mídia, quase totalidade, são de esquerda. Os próprios institutos de pesquisa são comprados, a esquerda tem dinheiro, eu jamais compraria um institutos de pesquisa. Então nós temos o trabalho de mídia feito pelo PT, temos a grande imprensa nossa de esquerda como é diferente, muito diferente até dos Estados Unidos, e a gente enfrenta tudo isso com verdade.”

Brasília – 28 de outubro

Em transmissão ao vivo com youtuber Thiago Nigro, o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro acusou imprensa de querer tirá-lo da Presidência:

“O UOL, a Folha, o Estadão, O Globo não me dão paz desde antes de eu assumir a Presidência. Eles querem me tirar daqui, fazem parte do sistema. Sistema que integra também nosso TSE, que me ataca o tempo todo, haja vista o tratamento dispensado a mim e ao Lula”.

Dezembro

Brasília – 30 de outubro

Em sua última “live” antes de deixar o país, o então presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição derrotado, repetiu mais uma vez que a imprensa o persegue e defendeu as manifestações de seus seguidores contra o resultado das eleições e a favor de um golpe militar no país:

“Nada justifica aqui em Brasília essa tentativa de ato terrorista no aeroporto de Brasília. Nada justifica. Um elemento que foi pego, graças a Deus, com ideias que não coadunam com nenhum cidadão. Agora massifica em cima do cara como bolsonarista do tempo todo. É a maneira da imprensa tratar. (...)

Essa massa, atrás de segurança, foi para os quartéis.

Eu não participei desse movimento. Eu me recolhi. Eu acreditava — e acredito ainda — que fiz a coisa certa de não falar sobre o assunto para não tumultuar mais ainda. A imprensa, sempre ávida para pegar uma palavra errada minha, uma frase fora de contexto, para criticar. O que houve pelo Brasil foi uma manifestação do povo”.

Descrédibilização da imprensa por outros agressores

Fevereiro

Fortaleza – 21 de fevereiro

O deputado estadual Delegado Cavalcante (PTB) aproveitou um ato de protesto contra a cobrança, pela concessionária de energia Enel, pelo uso de postes por operadoras de internet, em Fortaleza, para instigar os manifestantes a intimidar profissionais da imprensa que estavam realizando cobertura jornalística.

Cavalcante esqueceu que estava com microfone e foi flagrado incitando a violência contra os trabalhadores da TV Verdes Mares, afiliada da Globo. “A Globo está ali. Vão para cima, vão. Vai, vai”, dizia o parlamentar, enquanto aborda algumas pessoas. A um outro grupo, o deputado pede para chegue perto dos jornalistas e grite a frase “Globo bosta”.

Abril

Pato Branco – 10 de abril

O prefeito de Pato Branco, Robson Cantu, em vídeo veiculado no perfil oficial da Prefeitura no Instagram, tentou descrédibilizar o trabalho da imprensa, dividindo-a entre “imprensa do bem” e a “que não quer”.

Na ocasião, um segurança foi atacado no exercício de suas funções em uma unidade de saúde do município. Ao ser abordado para falar do assunto, o prefeito declarou: “Você, da imprensa do bem, estamos abertos. A imprensa que não quer, fique em casa e deixe nós (SIC) trabalharmos”.

Junho

Brasília – 28 de junho

O então ministro da Economia, Paulo Guedes, atacou a imprensa, durante palestra de abertura num evento para o setor de telecomunicações. “A narrativa

que você vê por aí não corresponde à verdade. É falta de honestidade intelectual absurda”, disse, referindo-se à cobertura da imprensa sobre o crescimento econômico do país.

Setembro

São Paulo – 24 de setembro

O então candidato a presidente, **Ciro Gomes (PDT)** atacou o jornalismo brasileiro, durante o debate entre os presidencialistas, promovido pela CNN Brasil em parceria com o SBT, Estadão/Rádio Eldorado, Veja, Terra e NovaBrasilFM.

Ao ser questionado por **Tatiana Farah**, colunista do portal Terra, sobre uma possível adesão do PDT à candidatura de **Lula (PT)** em um eventual segundo turno, **Ciro Gomes** atacou o jornalismo: “Uma das coisas graves que o lulopetismo corrupto tá produzindo no Brasil é a morte do jornalismo”, respondeu.

Aracaju – 29 de setembro

O então candidato a governador **Valmir de Francisquinho**, que foi declarado inelegível pela justiça eleitoral, por acusação de poder político e econômico nas eleições de 2018, atacou genericamente a imprensa, durante entrevista coletiva, realizada na sede do Sindicato dos Jornalistas de Sergipe.

A entrevista fora convocada para **Valmir** falar da decisão judicial que o tirou da disputa. **Valmir** e também o presidente do diretório estadual do PTB, **João Fontes**, agrediram jornalistas e a justiça eleitoral.

O Sindicato dos Jornalistas emprestou sua sede para a realização da entrevista coletiva, a pedido da equipe de **Valmir de Francisquinho**.

Outubro

Várzea Grande – 18 de outubro

A vereadora **Rosy Prado (União Brasil)** usou a tribuna da Câmara Municipal de **Várzea Grande** para atacar um site de notícias da cidade. Ela acusou a equipe do site de difamar seu sobrinho, servidor da Secretaria de Saúde, com acusações infundadas. “Essa imprensa medíocre, falsa e ordinária vai ter se explicar na justiça”, afirmou.

Novembro

Manaus – 2 de novembro

Thiago Farias, nome constante do perfil

@TH85_Oficial no Twitter, incitou os manifestantes bolsonaristas do Amazonas à violência contra os jornalistas que tentassem fazer a cobertura dos protestos contra o resultado da eleição presidencial e pedindo intervenção militar no país. Em uma postagem escreveu: “A ordem é a seguinte: Se algum representante seja da Rede Amazônica, seja da CNN chegar no âmbito do Comando Militar da Amazônia, por ocasião do nosso ato, quebre ele. Nada de morte ou algo que manche nosso ato, por favor. Apenas aleije, invalide, no máximo”.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Amazonas denunciou a prática de discurso de ódio contra a categoria, o que levou a plataforma a bloquear a conta. Com o bloqueio, não foi mais permitido tweetar, retweetar ou curtir o conteúdo.

Detenção/prisão

Bahia

Piatã – 28 de março

Os jornalistas **Daniel Camargos** e **Fernando Martinho**, repórteres da Repórter Brasil, foram detidos por policiais armados com fuzis, enquanto aguardavam resposta a um pedido de entrevista na sede da mineradora inglesa **Brazil Iron**. Eles apuravam suspeitas de infrações trabalhistas e ambientais na empresa. Chegaram a ser recebidos pelo gerente de logística, **Roberto Mann**, e conduzidos para uma sala de reunião, onde tomaram café em clima amigável.

Depois de esperarem cerca de meia hora, os dois repórteres foram abordados pelos policiais, que disseram terem sido chamados, porque eles teriam invadido a mineradora, dias atrás.

Os policiais queriam que os jornalistas entregassem as gravações que tinham feito. Eles se recusaram e foram levados para a delegacia do município. A denúncia de invasão não se confirmou e os jornalistas foram liberados.

Piauí

Bom Jesus – 8 de maio

O jornalista **Efrém Ribeiro**, então repórter da TV Piauí, foi detido pela Polícia Militar, enquanto tentava apurar uma denúncia de que o Hospital Regional Manoel de

Sousa Santos, de Bom Jesus, cidade a 640 km de Teresina, não tinha médicos nem suprimentos suficientes para atender à demanda.

Enquanto o repórter estava gravando imagens na entrada do hospital, a polícia foi chamada e fez a detenção do jornalista. Na delegacia, não foi registrada nenhuma ocorrência e Efrém foi liberado.

Em nota, a diretoria do Hospital Regional de Bom Jesus afirmou que o jornalista filmou, de maneira “equivocada”, o rosto de uma criança, sem o consentimento da família, o que teria gerado um mal-estar. E que, por isso, a polícia foi acionada.

São Paulo

São Paulo – 1º de setembro

O jornalista João Leoci, repórter fotográfico freelancer, foi detido quando cobria uma atividade na região central de São Paulo, conhecida como “cracolândia”. Ele identificou-se como jornalista e, mesmo assim teve uma espingarda calibre 12 apontada para o seu rosto e ordem para que eu parasse de fotografar.

João Leoci acompanhava o psiquiatra Flávio Falcone, que trabalha com redução de danos entre os moradores de rua da região. Falcone e um grupo de cerca de 20 pessoas também foram detidos.

Todos foram levados o 77º Distrito Policial. O delegado Severino Vasconcelos, titular da delegacia, informou que o grupo estava sendo detido sob alegação de perturbação da ordem pública. Após quatro horas, o grupo foi liberado.

Impedimentos ao exercício profissional

Alagoas

Maceió – 28 de junho

O jornalista Edilson Omena, repórter fotográfico do jornal Tribuna Independente foi impedido de fazer a cobertura jornalística da visita oficial do então presidente Jair Bolsonaro, para a entrega de 1120 moradias a famílias de baixa renda, nos bairros do Vergel e Benedito Bentes.

Mesmo com o credenciamento realizado um dia antes do evento, Edilson não conseguiu fazer o seu trabalho. Na entrada do evento da entrega das chaves

dos residenciais no Vergel, ele foi informado de que, se quisesse participar da cerimônia seria como cidadão comum e que o equipamento teria que ser deixado no carro.

Ceará

Fortaleza – 31 de março

Jornalistas esportivos de veículos independentes foram retirados de grupos de WhatsApp com assessores de imprensa dos clubes de futebol. Aqueles profissionais que, além da cobertura independente, trabalham com veículos tradicionais, foram instruídos pelos assessores a se identificar apenas como mídia tradicional ao participar de eventos com os times.

Fortaleza – 28 de abril

Jornalistas de diversos veículos de comunicação foram impedidos de entrar ou permanecer no plenário da Câmara Municipal de Fortaleza. Os servidores que faziam o controle de acesso, informaram que o cerceamento se deu a pedido do vereador Ronivaldo Maia, que “não iria conversar com a imprensa”. Extraoficialmente, a Mesa da Câmara confirmou o pedido e sua decisão a jornalistas.

O vereador Ronivaldo Maia negou que o pedido tivesse partido dele e disse não ter participado da decisão. Por meio de nota, o vereador, que no dia estava retornando à Câmara após licença por envolvimento em crime de feminicídio, afirmou que os jornalistas foram, inclusive, informados para cobrir seu retorno ao parlamento municipal, onde deu explicações sobre sua situação.

Distrito Federal

Brasília – 15 de novembro

Uma equipe da rádio Jovem Pan, composta por dois repórteres e um repórter cinematográfico, foi hostilizada, ameaçada e impedida de realizar uma participação ao vivo na programação da emissora, sobre a manifestação bolsonarista contra o resultado das eleições e a favor de um golpe militar, em frente ao Quartel-General do Exército.

Por cerca de 30 minutos, os manifestantes bolsonaristas hostilizaram os jornalistas e gritaram para que deixassem o local. Um grupo não deixava os profissionais trabalharem, enquanto outro grupo defendia que se fizesse silêncio para a entrada ao vivo, mas ameaçando os jornalistas, que, “se mentissem, iriam

sofrer as consequências.

Espírito Santo

Vitória – 1º de maio

Os jornalistas Alex Pandini e José Jantorno, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Vitória (afiliada da Record TV) foram impedidos de realizar seu trabalho, ameaçados e hostilizados, por manifestantes bolsonaristas, que no Dia do Trabalhador, faziam um protesto contra o Supremo Tribunal Federal (STF) e a favor do então presidente Jair Bolsonaro.

A equipe foi atacada quando tentava entrevistar uma mulher, que segurava um cartaz pedindo "intervenção militar". O vereador de Vila Velha, Rômulo Lacerda (PSL), não permitiu a gravação e, aos berros, acusou a emissora de estar fazendo uma cobertura "parcial". O locutor do trio elétrico usou o microfone para tentar desqualificar o trabalho dos jornalistas. Os jornalistas saíram do local escoltados por agentes da Guarda Municipal e sob vaias.

Mato Grosso

Sinop – 2 de novembro

Três jornalistas foram hostilizados, ameaçados e impedidos de realizar seu trabalho por manifestantes bolsonaristas que bloqueavam a rodovia BR-163, em Sinop, em protesto contra o resultado da eleição presidencial.

Primeiramente, foram expulsos do local os jornalistas André Jablonski e Caliu Menezes, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Cidade Verde. Eles foram ameaçados por um grupo de homens e tiveram de deixar o local, sob os gritos de "Globo lixo".

Um jornalista da Agência Pública que registrou a expulsão do local da equipe da TV Cidade Verde também não pôde exercer seu trabalho. Dois homens o ameaçaram: "Se for gravar vai ser pior para ti, você vai gravar é pior para ti", disse um deles. "Eu vou estar de olho em você", completou. Enquanto o jornalista deixava o local, o homem continuava com as ameaças: "Você está gravando, eu vou chamar o pessoal".

Minas Gerais

Belo Horizonte – 21 de fevereiro

Os jornalistas André Junqueira e Glauco Nogueira, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da

TV Globo Minas, e o auxiliar Alexandre Costa foram impedidos de realizar seu trabalho por policiais civis e militares e bombeiros, que faziam manifestação por reajuste salarial.

André Junqueira buscou dialogar com os manifestantes sobre o trabalho da imprensa, mas foi agredido verbalmente e ameaçado. Os manifestantes também dirigiram ofensas à TV Globo e exigiram que a equipe deixasse o local.

No dia 9 de março, os manifestantes agrediram com bombas uma equipe de reportagem da Band Minas (veja em Agressões físicas).

Pará

Altamira – 1º de junho

Os jornalistas Marinaldo Barros e José Ribamar da Silva Júnior, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Vale do Xingu (afiliada do SBT), foram impedidos de realizar uma entrevista e também hostilizados, pelo servidor público e ex-locutor de rádio, Dino Silva.

A equipe de reportagem aguardava para gravar uma entrevista com o gerente regional do Ciretran em Altamira, Eleandro Pereira. Dino Silva impediu que os jornalistas entrassem na sala do gerente, mesmo a entrevista tendo sido previamente agendada e autorizada pela assessoria de imprensa do Detran-PA.

Em tom agressivo e na presença de várias pessoas, o servidor público disse que o repórter Marinaldo Barros era "mal-educado" e expulsou José Ribamar do local. A expulsão foi interpretada pelos profissionais como um ato de cinismo racista, já que o repórter cinematográfico é negro e foi o único a ser expulso da sala.

Belém – 8 de outubro

O repórter fotográfico Fernando Sette e outros profissionais foram impedidos de registrar a chegada da imagem de Nossa Senhora de Nazaré do Círio Fluvial, na Escadinha da Estação das Docas. Um membro da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré, que se identificou como coordenador das atividades de segurança no local impediu o trabalho dos jornalistas, que chegaram a ser ameaçados de prisão.

Belém – 2 de novembro

O jornalista Jordan Navegantes, repórter da TV Pará Mais, foi hostilizado, ameaçado e impedido de realizar a cobertura jornalística de manifestação bolsonarista contra o resultado da eleição presidencial e a favor de

um golpe militar. Os manifestantes, que estavam na Av. Almirante Barroso, em frente ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), cercaram Jordan, gritando para ele ir embora, dizendo que ele não deveria mais pisar lá, que ele era “um infiltrado” e “vagabundo”.

Jordan foi enviado sozinho para a cobertura no local pela TV Mais Pará e foi para o local utilizando um veículo chamado por um aplicativo de transporte. Ele registrou boletim de ocorrência na delegacia.

Marabá – 7 de novembro

Os jornalistas Chagas Filho e Diego Costa, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV SBT Marabá, foram ameaçados e impedidos de trabalhar por manifestantes bolsonaristas. Eles tentavam gravar uma passagem, em frente ao 52º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), na BR-230, onde os manifestantes estavam acampados. Um grupo impediu a equipe de gravar no local e alguns deles chutaram o carro da empresa de comunicação.

Paraná

Curitiba – 14 de abril

A jornalista esportiva independente, Monique Vilela, teve negada, pelo Clube Athletico Paranaense, sua solicitação de acesso ao estádio para cobertura da partida entre o time paranaense e o The Strongest, da Bolívia, pela Copa Libertadores. Ela precisou recorrer ao plantão judiciário do Tribunal de Justiça do Paraná, com apoio jurídico da Associação de Cronistas Esportivos do Paraná, para conseguir realizar seu trabalho.

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – 25 de fevereiro

Os jornalistas Branca Andrade e Edson Santos, respectivamente repórter e repórter cinematográfico do SBT, foram impedidos de trabalhar por dois homens que disseram ser funcionários da concessionária BRT.

equipe buscava fazer a cobertura da greve dos funcionários do BRT e se dirigiu ao Terminal Alvorada, na Barra da Tijuca. Os dois homens impediram que a repórter entrasse ao vivo, mesmo sendo filmados por Edson Santos. Eles recusaram-se a apresentar identificação que comprovasse serem funcionários da concessionária e a dialogar sobre a cobertura jornalística da greve.

Rio de Janeiro – 30 de maio

O jornalista Francisco Vidal, repórter cinematográfico do SBT, teve o cartão de memória de sua câmera confiscado pela PRF, quando cobria uma operação policial na Vila Cruzeiro, com tiroteio.

O cartão de memória da câmera não foi devolvido e o SBT teve de recorrer a plataformas remotas de armazenamento de arquivos para poder divulgar a reportagem com algumas imagens da ação. Surpreendentemente, imagens registradas pelo repórter cinematográfico do SBT foram veiculadas em um telejornal local da TV Record.

Rio de Janeiro – 10 de setembro

Jornalistas de vários veículos de comunicação, entre eles Agência Estado e jornais Folha de S. Paulo e O Globo, foram expulsos da convenção das Assembleias de Deus, no Ministério de Madureira, em Deodoro, zona oeste do Rio de Janeiro, onde o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro iria se pronunciar.

Os veículos de comunicação haviam sido informados previamente de que não teriam acesso à convenção, sob a justificativa de que se tratava de um evento privado. Como se tratava de uma agenda do então presidente e candidato à reeleição, portanto, uma agenda pública, alguns profissionais conseguiram entrar na Arena da Juventude, mas foram identificados e expulsos.

Rio Grande do Sul

Porto Alegre – 2 de novembro

Equipes da TV Record, do SBT e da RDC TV foram hostilizadas e impedidas de trabalhar por eleitores bolsonaristas, que protestavam contra o resultado das eleições, em frente ao Comando Militar do Sul, no Centro da capital Gaúcha.

A equipe da TV Record, formada pela repórter Daiane Dalle Tese, pelo repórter cinematográfico Adilson Corrêa e pelo auxiliar Flávio dos Santos, tentava fazer uma transmissão ao vivo, mas um homem passou a transmitir o boletim em uma live e a dizer que Daiane Dalle era mentirosa. Na sequência, outros manifestantes dirigem-se à equipe com agressões verbais, exigindo que deixasse o local.

Já o repórter João Pedro Tavares e o repórter cinematográfico Danúbio Germano, da RDC TV, foram cercados pelos eleitores bolsonaristas e obrigados a desligar o equipamento de gravação. Eles deixaram o local para evitar outras agressões.

Do SBT, o repórter Lucas Abati e o repórter cinematográfico Cristiano Mazoni, também tiveram de deixar o local, temendo serem agredidos fisicamente. Um grupo de quatro homens cercou a equipe e passou a questionar o trabalho dos jornalistas e os termos que o repórter utilizava para se referir ao protesto

No mesmo dia, uma equipe da Band foi agredida fisicamente (veja em “Agressões físicas”).

Rondônia

Porto Velho – 4 de novembro

Os jornalistas André Felipe Silva Mendonça e Ruan Gabriel Nascimento, respectivamente repórter e repórter cinematográfico, da Rede Amazônica de Televisão (afiliada da TV Globo) foram perseguidos e impedidos de realizar seu trabalho por manifestantes bolsonaristas que interditaram a Estrada do Belmont, de acesso à área portuária na capital, para protestar contra o resultado das eleições para presidente da República.

Os jornalistas faziam a cobertura da interdição quando foram atacados e tiveram de deixar o local. O carro de reportagem ficou danificado.

Roraima

Boa Vista – 17 de novembro

Um repórter do G1 foi brutalmente segurado por um policial civil, que o obrigou a parar de filmar e a apagar os registros que havia feito da prisão de policiais penais flagrados em um carro com placas adulteradas. A Polícia, em nota, ainda tentou justificar a ação, como sendo para proteger a imagem dos presos.

Santa Catarina

Palhoça – 1º de novembro

Os jornalistas Osvaldo Sagaz e Daniel Teixeira, respectivamente repórter e repórter cinematográfico do grupo ND+, foram expulsos do local de concentração dos manifestantes bolsonaristas, que bloqueavam trecho da BR 101, próximo a uma loja da Havan, no município de Palhoça.

A imprensa em geral foi atacada diversas vezes, em discursos dos líderes do protesto contra o resultado da eleição presidencial.

São Paulo

Santos – 13 de abril

Uma equipe do portal UOL foi impedida de acompanhar a partida do Santos Futebol Clube contra a Universidad Católica, do Equador, no estádio Vila Belmiro (SP), pela Copa Sul-Americana. O presidente do time, Andrés Rueda, negou credenciamento à equipe, depois que o jornalista Juca Kfourri, colunista do UOL, criticou a atuação do Santos no empate contra o Fluminense, dias antes, e chamou o time de “Ninguém FC” (Futebol Clube).

São Paulo – 4 de outubro

Jornalistas de vários veículos de comunicação foram impedidos de acompanhar a agenda do então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro, em dois templos da Assembleia de Deus, na cidade de São Paulo.

Na igreja do bairro do Belém, jornalistas foram barrados sob o argumento de que se tratava de um evento privado. Na unidade do Brás, o bispo Samuel Ferreira indicou que a imprensa não era bem-vinda e ameaçou processar veículos de comunicação se eles registrassem o culto sem autorização.

Ainda na unidade do Brás, jornalistas foram ameaçados e hostilizados (veja em Ameaças/hostilizações/intimidações).

Injúria racial/rascimo

Distrito Federal

Brasília – 11 de novembro

O jornalista Fred Ferreira, apresentador do telejornal “Bom dia DF”, da TV Globo Brasília e da GloboNews, foi vítima de ofensas racistas em uma rede social. Ele denunciou o caso à Polícia Civil do Distrito Federal.

Piauí

Teresina – 31 de agosto

A jornalista Kátia D’Angeles foi ofendida com um ataque de cunho racista pelo ex-prefeito de Teresina e então candidato a governador, Sílvio Mendes (União Brasil), durante entrevista na TV Meio Norte.

Kátia questionou Sílvio Mendes sobre o que seu plano de governo prevê para as mulheres e minorias no

estado. Em resposta, o candidato disse: "Katya, eu imagino, eu que te conheço desde o Diário do Povo, eu imagino quantas discriminações você já sofreu. Você que é quase negra, na pele, mas você é uma pessoa inteligente, teve a oportunidade que a maioria não teve e aproveitou. Então, em nome dessas mulheres que é a maioria da população, seja do mundo, do Brasil ou do Piauí, precisa ser vista, ser olhada, mas efetivamente".

Por causa da grande repercussão negativa do caso, a assessoria de Silvio Mendes emitiu nota afirmando que o candidato tem profunda admiração, respeito e carinho pela jornalista, que Silvio entrou em contato com Katya e pediu suas sinceras desculpas, reconhecendo o erro.

Rio de Janeiro

São Pedro da Aldeia – 1º de julho

A jornalista Renata Cristiane de Oliveira, editora do jornal O Dia, que circula na Região dos Lagos, foi vítima de um ataque racista, planejado e executado por pessoa não identificada. Dois cartazes com os dizeres "Renata Cristiane. Reporte Macaca. Lá Cabo Frio (sic)" foram fixados em dois pontos de ônibus, localizados em frente ao Pronto Socorro da cidade.

Ela foi avisada do ataque racista por uma internauta que segue seu perfil da jornalista nas redes sociais.

Violências conta a organização dos trabalhadores/entidade sindicasi

Minas Gerais

Belo Horizonte – 17 de julho

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SPMG) foi vítima de intimidação por parte da Polícia Militar. Durante ato em defesa da democracia e pela vida e em homenagem às pessoas assassinadas em função da intolerância política e da radicalização por parte da extrema-direita, a corporação enviou um policial fardado à sede da entidade para colher informações sobre o ato, realizado no interior da sede do Sindicato.

O policial teve sua presença questionada e disse que estava ali para garantir a "segurança do evento em tempos de polarização". Ele foi informado de que nenhuma das entidades promotoras do ato havia pedido segurança à PM.

O policial retirou-se, mas depois de fotografar o

cartaz do ato e colher os dados da presidente do Sindicato, Alessandra Mello. Logo em seguida, Mas na sequência, um homem passou a fotografar e filmar o ato do lado de fora. Abordado pelos participantes sobre os motivos da filmagem e se ele era PM, o homem alegou ser motorista de Uber.

Além da PM, a Guarda Municipal apareceu sob alegação de ter recebido uma denúncia.

São Paulo

Santos – 30 de abril

A jornalista e dirigente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, Solange Santana, foi agredida por um homem durante atividade de mobilização para a comemoração do Dia do Trabalhador. Ela estava em frente a um supermercado, no Jardim Rádio Clube, Zona Noroeste da cidade, distribuindo material e convidando as pessoas para as atividades do 1º de maio. Um homem aproximou-se e passou a ofender Solange, chamando-a de 'vagabunda' e 'bandida'. Ele ameaçou a jornalista e esperou que ele se virasse para dar-lhe uma rasteira. Solange caiu no chão e teve escoriações no braço e no joelho.

O dirigente sindical Carlos Amado, do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) também foi agredido. O agressor foi contido e levado à delegacia

Santos – 7 de abril

O Jornalista e dirigente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Sandro Thadeu, foi demitido do jornal A Tribuna, numa atitude antissindical da empresa. A demissão caracterizou retaliação à atuação do sindicato em defesa da categoria, pois se deu em plena campanha salarial dos jornalistas de jornais e revistas no interior e litoral e foi seguida de recente denúncia junto ao Ministério Público do Trabalho (MPT) sobre caso de assédio moral.

A demissão foi denunciada ao MPT, que em dezembro notificou o Grupo Tribuna, dando prazo para manifestação. O Sindicato dos Jornalistas pede a assinatura, pela empresa, de um Termo de Ajustamento de Conduta, com a reintegração do jornalista em suas funções.



DIRETORIA-EXECUTIVA

Presidenta: Samira de Castro - Ceará
1º Vice-Presidente: Paulo Zocchi - São Paulo
2º Vice-Presidente: Célio Martins - Paraná
Secretário Geral: Sérgio Murillo de Andrade – Santa Catarina
1º Secretário: Moacyr Neves - Bahia
1º Tesoureiro: Luiz Spada - Goiás
2º Tesoureiro: Wilson Reis - Amazonas
Suplente: Virgínia Berriel – Rio de Janeiro
Suplente: Priscila Chandretti – Minas Gerais

VICES-PRESIDÊNCIAS REGIONAIS

Vice-presidência Centro-Oeste – Itamar Perenha (MT)
Vice-presidência Nordeste I – Franco Ferreira (PB)
Vice-presidência Nordeste II – Fernanda Gama (BA)
Vice-presidência Norte I – Adriana Cruz (RR)
Vice-presidência Norte II – Alessandra Bacelar (TO)
Vice-presidência Sudeste – Douglas Dantas (ES)
Vice-presidência Sul – José Maria Nunes (RS)

SECRETARIAS

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

Secretária: Valci Zuculoto – Santa Catarina
Secretária-adjunta: Carmen Pereira – Rio de Janeiro

SECRETARIA DE GÊNERO, RAÇA E ETNIA

Secretária: Valdice Gomes da Silva – Alagoas
Secretária-adjunta: Helena Saria – Pará

SECRETARIA DE MOBILIZAÇÃO, NEGOCIAÇÃO SALARIAL E DIREITO AUTORAL

Secretário: Rafael Mesquita – Ceará
Secretário-adjunto: Thiago Tanji – São Paulo

SECRETARIA DE MOBILIZAÇÃO EM APOIO À IMPrensa

Secretária: Márcia Quintanilha – São Paulo
Secretário-adjunto: Breno Araújo – Minas Gerais

SECRETARIA DE MOBILIZAÇÃO DOS JORNALISTAS DE PRODUÇÃO E IMAGEM

Secretário: Guto Camargo – São Paulo
Secretário-adjunto: Land Seixas – Paraíba

SECRETARIA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Secretário: Ayoub Hanna Ayoub – Londrina
Secretário-adjunto: Milton Alves Júnior – Sergipe

SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Secretária: Maria José Braga – Goiás
Secretário-adjunto: Celso Augusto Schröder – Rio
Grande do Sul

SECRETARIA DE SAÚDE E SEGURANÇA

Secretário: Norian Segatto – São Paulo
Secretário-adjunto: Severino Júnior – Pernambuco

CONSELHO FISCAL

Adroaldo Corrêa – Rio Grande do Sul
Edmilson Brito – Sergipe
Luiz Carlos de Oliveira – Piauí

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA

Beth Costa – Rio de Janeiro
Franklin Valverde – São Paulo
Osnaldo Moraes – Pernambuco
Suzana Tatagiba – Espírito Santo
Vera Daisy Barcellos – Rio Grande do Sul
Antônio Paulo – Amazonas (Suplente)



SINDICATOS FILIADOS

Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Acre
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Alagoas
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Amapá
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Amazonas
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais da Bahia
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Ceará
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Dourados
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Espírito Santo
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Goiás
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Maranhão
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Mato Grosso
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Mato Grosso do Sul
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Norte do Paraná
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Pará
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais da Paraíba
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Paraná
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Piauí
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Norte
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Rondônia
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Roraima
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de São Paulo
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Sergipe
Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Tocantins

**VIOLÊNCIA
CONTRA 
JORNALISTAS
E LIBERDADE
DE IMPRENSA
NO BRASIL**

RELATÓRIO 2022

FENAJ

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ

SCLRN 704 – Bloco F, Loja 20 | CEP: 70.730-536 Brasília-DF

E-mail: fenaj@fenaj.org.br | Site: www.fenaj.org.br